



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**



JÉSSICA DE ANDRADE GLEIZER

**ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA DA SECA:
EXPERIÊNCIAS DE VULNERABILIDADE E ATITUDES
AMBIENTAIS NO POVOADO DE CACHOEIRA DAS
ARARAS, VITÓRIA DA CONQUISTA – BA**

**Salvador
2018**

JÉSSICA DE ANDRADE GLEIZER

**ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA DA SECA: EXPERIÊNCIAS DE
VULNERABILIDADE E ATITUDES AMBIENTAIS NO POVOADO DE
CACHOEIRA DAS ARARAS, VITÓRIA DA CONQUISTA – BA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia do Instituto de Geociências da Universidade Federal da Bahia, como requisito à obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Tomasoni

**Salvador
2018**

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA),
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Gleizer, Jéssica de Andrade
Abordagem fenomenológica da seca: experiências de
vulnerabilidade e atitudes ambientais no povoado de
Cachoeira das Araras, Vitória da Conquista - BA /
Jéssica de Andrade Gleizer. -- Salvador, 2018.
113 f. : il

Orientador: Marco Antonio Tomasoni.
Dissertação (Mestrado - Geografia) -- Universidade
Federal da Bahia, Instituto de Geociências, 2018.


1. Seca. 2. Vulnerabilidade. 3. Risco. 4.
Experiência. 5. Fenomenologia Geográfica. I.
Tomasoni, Marco Antonio. II. Título.

TERMO DE APROVAÇÃO


**ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA DA SECA: EXPERIÊNCIAS DE
VULNERABILIDADE E ATITUDES AMBIENTAIS NO POVOADO DE
CACHOEIRA DAS ARARAS, VITÓRIA DA CONQUISTA – BA.**

JÉSSICA DE ANDRADE GLEIZER

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Marco Antonio Tomasoni
Programa de Pós-Graduação em Geografia, UFBA, Brasil


Prof. Dr. Angelo Szaniecki Perret Serpa
Programa de Pós-Graduação em Geografia, UFBA, Brasil.


Prof. Dr. André Nunes de Sousa
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA), Brasil

Aprovada em Sessão Pública de 26 de setembro de 2018.

*A Guilherme.
Onde você está, este é o meu lugar.*

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Marco Antonio Tomasoni, pelo acolhimento, confiança e, sobretudo, por acreditar na liberdade do pensamento.

À banca, pela atenção e carinho dedicados a este trabalho. André Nunes, pelas importantes contribuições e pelo rigor científico. Angelo Serpa, pelas inspirações geográficas fundamentais a esta pesquisa, pela dedicação generosa à ciência e por toda a energia que dedica na construção e comunicação do pensamento geográfico.

Aos professores do POSGEO, em especial Noeli Pertile, Alisson Diniz, Antonio Puentes e Catherine Prost, pelas contribuições construídas em sala de aula.

Aos professores Maria Auxiliadora da Silva, Clímaco Dias e Diego Maia, sou muito grata pela minha iniciação na pesquisa científica durante a graduação.

A todos os professores que deixaram suas marcas em minha trajetória de vida. Desde o jardim de infância até o presente momento... todos fazem parte deste texto!!

Aos companheiros do grupo Espaço Livre de Pesquisa-Ação, pelo acolhimento e pelos belos e vivos momentos de reflexão acerca da Geografia e do mundo.

Aos colegas de turma de mestrado, pelo compartilhamento de ideias e de angústias vividas nessa caminhada.

Ao CNPq, pela bolsa concedida durante a realização desta pesquisa.

À minha família, pelo porto sempre seguro. Pontuar todos os seus nomes me renderia uma nova dissertação. Estão todos guardados em lugar seguro em mim.

A Guilherme, meu lugar preferido neste mundo. A Núbia, MINHA MÃE, pela força diária e inspiração eterna. Ao meu pai. A Bruno, por compartilhar momentos desde a minha existência. A Leandro, pelo (re)encontro e sintonia sem freios. A Layz, meu lugarzinho de desabafos acadêmicos. A Caroline, por toda a sensibilidade e apoio dedicados a este trabalho. A Vera, por me levar em seu lugar e me apresentar o seu mundo.

A todos os meus conversantes, pela confiança, pelos belos olhares e sorrisos, e por fazer esta pesquisa se tornar realidade.

*“Cinzenta, caro amigo, é toda teoria,
Verdejante e dourada é a árvore da Vida!”*

Goethe

RESUMO

Este trabalho surge por meio das sensações de acolhimento, pertencimento e envolvimento, bem como da tomada de consciência ambiental que envolvem meus laços afetivos com o município de Vitória da Conquista - BA. As inspirações e reflexões iniciais foram ampliadas e amadurecidas a partir do primeiro contato com a obra de Dardel, *O homem e a terra: natureza da realidade geográfica* (2015). Segui movida pelos segredos que a experiência sensível tinha a me revelar sobre o lugar. Os esforços se concentraram em uma abordagem fenomenológica da seca no povoado de Cachoeira das Araras. Por se tratar de uma análise centrada na dimensão do mundo vivido esta pesquisa oferece subsídios teóricos e metodológicos para o estudo do fenômeno geográfico em situação. Afinal, não se constrói o pensamento tão somente através de metodologias científicas. A construção de ideias não necessita estar necessariamente pautada em fundamentos e premissas dos laboratórios e dos gabinetes para ser significativa e explicativa do real. Conhecimentos de vida, sentimentos despertados na experiência do fenômeno, diferentes olhares sobre a mesma paisagem são capazes de revelar outros ângulos de forma a enriquecer a reflexão e o conhecimento autêntico do objeto. Os esforços deste trabalho se concentraram em descrever as manifestações do fenômeno a partir de situações que se realizaram na imanência do lugar. O objeto de investigação é a experiência consciente do indivíduo que percebe e experiencia a manifestação da seca a partir de uma realidade que habita o cotidiano. Mais do que dividir conteúdos, a intenção foi compartilhar os movimentos do pensar e do agir.

Palavras-chave: Seca. Vulnerabilidade. Risco. Experiência. Fenomenologia Geográfica.

ABSTRACT

This work arises through the feelings of welcome, belonging and involvement, as well as the environmental awareness that involve my affective ties with the municipality of Vitória da Conquista – BA. The initial inspirations and reflections were enlarged and matured from the first contact with Dardel's work, *Man and the Earth: Nature of Geographic Reality* (2015). I was moved by the secrets that the sensitive experience had to reveal about the place. The efforts focused on the phenomenology of the landscape and the manifestation of drought in the village of Cachoeira das Araras. Because it is an analysis centered on the dimension of the lived world, this research offers theoretical and methodological subsidies for the study of the geographic phenomenon in situation. After all, thoughts are not solely constructed through scientific methodologies. The construction of ideas need not necessarily be based on the foundations and premises of laboratories and offices to be meaningful and explanatory of the reality. Knowledge of life, feelings aroused in the experience of the phenomenon, different looks on the same landscape are able to reveal other angles in order to enrich the reflection and the authentic knowledge of the object. The efforts of this work focused on describing the manifestations of the phenomenon from situations that occurred in the immanence of the place. The object of investigation is the conscious experience of the individual who perceives and experiences the manifestation of drought from a reality that inhabits the everyday life. More than sharing content, the intention was to share the movements of thinking and acting.

Key-words: Drought. Vulnerability. Risk. Experience. Geographical Phenomenology.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Localização do povoado de Cachoeira das Araras	16
Figura 2: Cachoeira das Araras - BA	20
Figura 3: Conceito de risco conforme orientação epistemológica	26
Figura 4: Algaroba em Cachoeira das Araras	27
Figura 5: Visão dominante do desastre em três áreas principais	34
Figura 6: Classificação dos riscos ambientais	36
Figura 7: Relação entre os conceitos de vulnerabilidade, risco, perigo e desastre	38
Figura 8: Olhar horizontal	42
Figura 9: Céu, horizonte e galhos	61
Figura 10: A estrada, rio e a cancela	64
Figura 11: Mapa mental de Roseane	65
Figura 12: Mapa mental de Priscila	66
Figura 13: Cisterna da casa de Vera	68
Figura 14: Caminhões-pipa na estrada	71
Figura 15: Céu cinza - Céu azul	72
Figura 16: Povoado de Gameleira - Fundação Casa dos Carneiros	73
Figura 17: Será um rio?	73
Figura 18: Elementos da paisagem no povoado de Cachoeira das Araras	74
Figura 19: A porca: retorno ao juízo	75
Figura 20: Árvore Pau do Amor	78
Figura 21: Carlinhos, o jumento e os tonéis de água	80
Figura 22: O açude vazio e a cachoeira seca	82
Figura 23: Cachoeira sem água e paisagem sem araras	85
Figura 24: A barragem	87
Figura 25: Arthur indo buscar ração para a criação de porcos	90
Figura 26: A menina, o balde e a janela	94
Figura 27: Continentes de água	96
Figura 28: Tanque com água da barragem	97
Figura 29: Plantação de palma e criação de porcos	98
Figura 30: Algaroba desfolhada	99
Figura 31: Olhar para fora e para dentro da própria janela	103

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Da vulnerabilidade ao desastre: definições	37
Quadro 2: Tipologia da vulnerabilidade nos estudos dos fenômenos naturais	40
Quadro 3: Fatores de vulnerabilidade	41
Quadro 4: Etapas do trabalho de campo e pós-campo	58

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
EMBASA	Empresa Baiana de Águas e Saneamento
PMVC	Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista
POSGEO	Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia
SAMU	Serviço de Atendimento Móvel de Urgência
SCU	Sistema Clima Urbano
UFBA	Universidade Federal da Bahia

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	14
1 INTRODUÇÃO	17
2 CAMINHOS DA PESQUISA	21
3 O ESTUDO DO RISCO NA GEOGRAFIA	28
3.1 Sobre os conceitos de vulnerabilidade, risco, perigo e desastre	37
3.2 Vulnerabilidade: da mensuração à síntese cartográfica	39
4 VULNERABILIDADES DO LUGAR: APROXIMAÇÕES TEÓRICAS	43
4.1 Percepção do risco	46
4.2 Experiências do lugar	48
5 SOBRE MÉTODO E METODOLOGIA	50
5.1 Intencionalidade	51
5.2 Redução fenomenológica	52
5.3 Descrição fenomenológica	53
5.4 Estratégia de abordagem e situações de entrevista	54
5.5 Estratégia de amostragem?	56
5.6 Estratégias de documentação da pesquisa	57
5.7 Etapas do trabalho de campo	57
5.8 Reflexões do trabalho de campo	59
6 ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA DA SECA	67
6.1 Experiência perceptiva da paisagem: encontro com o povoado de Cachoeira das Araras	69
6.2 Manifestações do fenômeno da seca em Cachoeira das Araras	76
6.3 Experiências de vulnerabilidade e risco	81
6.4 Atitudes ambientais	95
7 PARA NÃO CONCLUIR	102
REFERÊNCIAS	103
APÊNDICES	111

APRESENTAÇÃO

As reflexões iniciais que inspiraram a construção desta pesquisa surgiram antes da minha jornada na Geografia acadêmica. Este trabalho nasce por meio das sensações de acolhimento, pertencimento e envolvimento, bem como da tomada de consciência ambiental que envolvem meus laços afetivos com o município de Vitória da Conquista - BA. O interesse por este lugar é intrínseco tanto à minha história de vida pessoal quanto a curiosidade científica de pesquisadora, cuja realidade geográfica tenta ser consciente e situada.

A natureza, os seus fenômenos e mistérios me encantam, ao mesmo tempo em que me inquietam. As sementes destas reflexões, que aqui apresento, foram plantadas em *saborosas* conversas construídas com a família e amigos acerca dos diversos lugares de Vitória da Conquista. Tratavam-se de diálogos que versavam sobre as dificuldades intrínsecas à existência humana em sua coexistência com os fenômenos da natureza. Mesmo que de forma não sublinhada, era inevitável não apreender as sensações despertadas quando falávamos dos lugares e de nossas memórias. Um misto de amor e preocupação, conjugados com o desejo de um agir solidário e a esperança por futuros mais prósperos movimentavam indagações sobre o lugar que habitamos.

As inspirações e reflexões iniciais foram ampliadas e amadurecidas a partir do primeiro contato com a obra de Dardel, *O homem e a terra: natureza da realidade geográfica* (2015). Este *encontro* foi ocasionado durante as aulas da disciplina “Teoria e Método em Geografia” do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia (POSGEO), ministrada entre os meses de julho e outubro de 2016, pelo professor Angelo Serpa. A turma era composta por mestrandos e doutorandos recém ingressos no programa. Os nossos encontros consistiam em movimentadas discussões acerca dos paradigmas e métodos de abordagem do conhecimento científico e geográfico que nos convidavam a refletir questões teórico-metodológicas envolvendo nossos objetos de estudo.

Naquela ocasião as bases desta pesquisa já haviam sido lançadas. Porém, tecendo uma retrospectiva de meu *encontro* com Dardel, percebo agora, que naquele momento as sementes plantadas no escopo de uma “inquietude geográfica” começaram a florir enquanto possibilidade de um caminho a ser seguido (DARDEL, 2015). É necessário

admitir que me encantei com a sua forma de ler e me contar sobre o mundo. A sua poesia geográfica me *tocou*, de forma que não podia mais seguir os caminhos de pesquisa sem transitar pelos seus pensamentos.

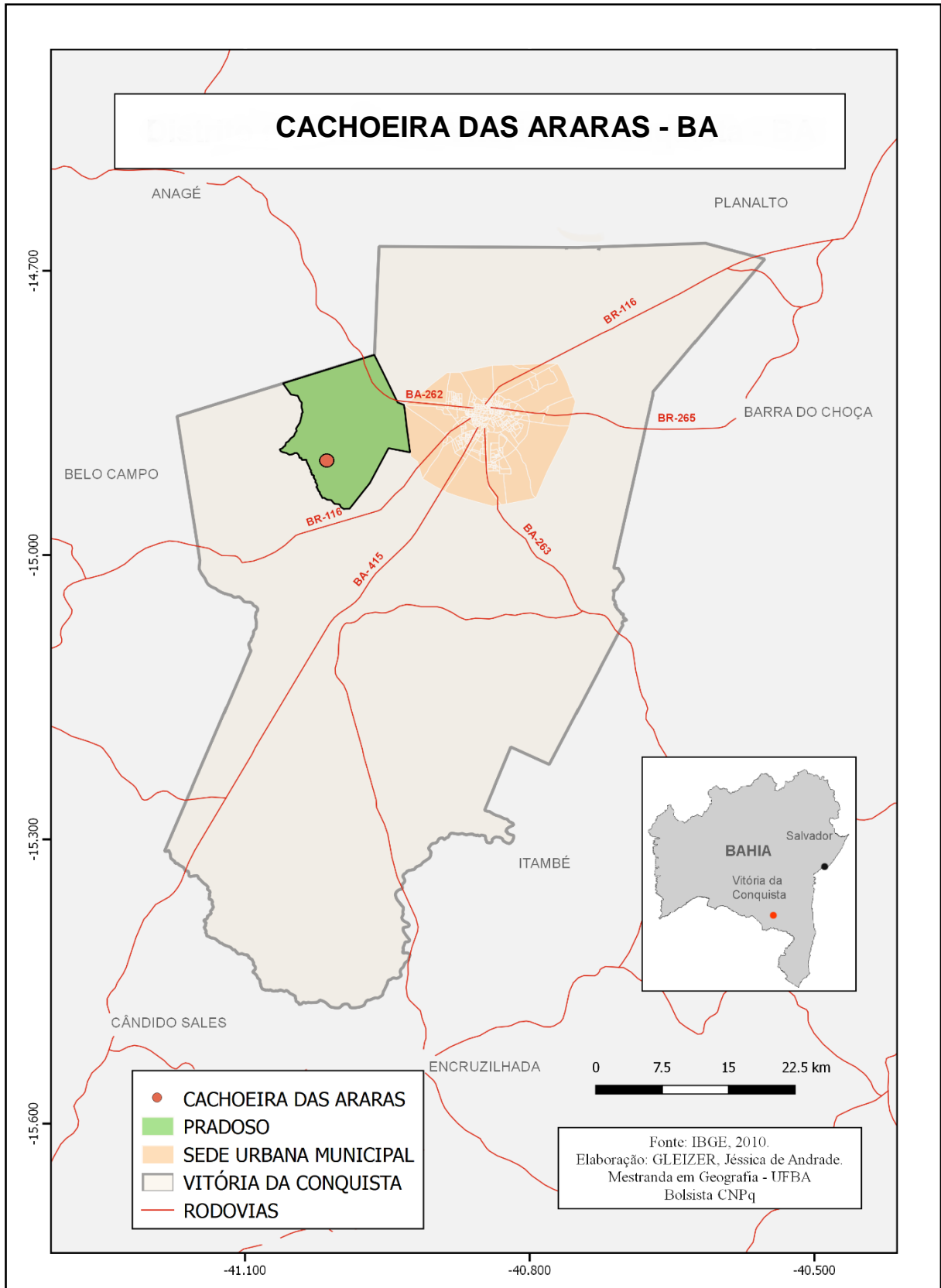
A minha entrada nesta nova possibilidade teórico-metodológica foi guiada por leituras de geógrafos que abordam os fenômenos através da perspectiva humanista: Relph (1979), Holzer (1997), Serpa (2007, 2013) e Tuan (2012, 2013). Neste mesmo período me deparei com trabalhos que aproximavam a minha temática de estudo, vulnerabilidade ambiental¹, à história das pessoas e aos seus espaços de vida e experiência: Marandola Jr. e Hogan (2004a, 2006) Marandola Jr. e Santos (2010).

Ao caminhar por essas leituras pude perceber que a Geografia tem muito a dizer sobre os fenômenos do mundo. Ainda mais fascinante é o que ela nos conta acerca do espaço vivido; do lugar que habitamos e pelo qual experienciamos este mundo. Para Merleau-Ponty (2011, p. 14), “[...] O mundo é não aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo; eu estou aberto ao mundo, comunico-me indubitavelmente com ele, mas não o possuo, ele é inesgotável [...]”, assim como as nossas possibilidades de observá-lo.

Neste trabalho, segui movida pelos segredos que a experiência sensível tinha a me revelar sobre o lugar. Os meus esforços se concentraram em uma abordagem fenomenológica da seca no povoado de Cachoeira das Araras – BA (Figura 1). Este estudo fenomenológico descreve as experiências de vulnerabilidade e as atitudes ambientais desenvolvidas por aqueles que habitam os lugares do povoado. Essa é a janela que aqui se abre revelando um horizonte geográfico repleto de possibilidades.

¹ Projeto de pesquisa que iniciei no mestrado no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFBA em março de 2016. Tinha como proposta inicial o estudo da vulnerabilidade ambiental da bacia hidrográfica do Rio Verruga - BA.

Figura 1: Localização do povoado de Cachoeira das Araras - BA



Elaboração: Jéssica Gleizer, 2017.

1 INTRODUÇÃO

[...] A experiência implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência. Experimentar é aprender; significa atuar sobre o dado e criar a partir dele. O dado pode não ser conhecido em sua essência. O que pode ser conhecido é uma realidade que é um constructo da experiência, uma criação de sentimento e pensamento [...] (TUAN, 2013, p. 10).

A manifestação do fenômeno da seca e o estudo fenomenológico das experiências de vulnerabilidade e atitudes ambientais permitem uma abordagem capaz de associar os elementos de ordem geral com os de ordem particular dos fenômenos. A possibilidade de conectar a experiência dos processos físicos da temporalidade da natureza com os processos espaciais constituídos na temporalidade histórico-social do lugar, bem como a incorporação da experiência coletiva e individual da percepção, possibilita aberturas para uma prática geográfica qualitativa.

No entanto, a vulnerabilidade,

[...] não esteve presente entre os trabalhos das tendências de estudo dos riscos, perigos ou desastres. Apareceu de forma pouco definida junto à ideia de capacidade de resposta dos estudos sobre perigos naturais, mas sem uma densidade conceitual ou um papel mais claro. Vulnerabilidade aparece com maior força quando o enfoque deixa de estar sobre a dimensão natural e passa a incorporar a multidimensionalidade dos fenômenos, na forma de perigos ambientais, incluindo a dimensão social e tecnológica (MARANDOLA JR., 2008, p.51-52).

As dimensões aqui trabalhadas contemplam tanto o plano da materialidade dos fenômenos, refletidos na organização espacial e física do lugar, quanto o contexto situacional da experiência coletiva e individual dos agentes da pesquisa.

A partir dessas reflexões de ordens teórica e empírica, busquei edificar contribuições capazes de ancorar a Geografia em uma reflexão que inclua uma abordagem preocupada com a subjetividade das ações humanas em sua interação com os fenômenos da natureza. Portanto, por se tratar de uma análise centrada na dimensão do mundo vivido, esta pesquisa oferece subsídios teóricos e metodológicos para o estudo do fenômeno geográfico em situação.

O objeto de investigação é a experiência consciente do indivíduo que percebe e experimenta a manifestação do fenômeno da seca no povoado de Cachoeira das Araras,

em Vitória da Conquista – BA. O objetivo central (de partida) é descrever a relação que os indivíduos participantes da pesquisa constroem entre o fenômeno da seca e as vulnerabilidades do lugar e, neste sentido, a) identificar quais percepções se relacionam com a presença e/ou ausência da água na paisagem, a partir das narrativas dos entrevistados; b) identificar quais são as vulnerabilidades vividas no lugar e de que forma os indivíduos são afetados durante as manifestações do fenômeno da seca; c) descrever as atitudes ambientais de coexistência com a seca desenvolvidas no povoado; d) refletir a maneira como o conhecimento da paisagem, da natureza e a experiência do lugar influenciam nas atitudes ambientais; além de, e) discutir as diferentes percepções e experiência sensível de fenômenos da natureza como potencialidades e desafios para a pesquisa em Geografia.

Em um primeiro instante, procurei descrever como emerge o fenômeno da água na vida do indivíduo – tanto em subjetividade quanto na objetividade das atividades cotidianas. Neste sentido, foi questionado quais sensações e sentimentos eram despertados e estavam envolvidos na relação entre indivíduo e a “coisa” água. Os questionamentos seguintes, instigados pelas situações de entrevista, envolveram de que forma a água é percebida e significada pelo imaginário dos agentes de pesquisa, bem como a descrição das atividades habituais que são afetadas com a sua presença e ausência na paisagem. Em seguida, me interessou investigar se as percepções despertadas na experiência do fenômeno da seca se relacionam com a ideia/conceito de vulnerabilidade ambiental. Ao passo em que a discussão de sua construção mental, bem como a reflexão do significado deste fenômeno “[...] se manifesta na experiência e [...] pode ser interpretado e refletido pela atividade cognoscente racional” (MARANDOLA JR., 2008, p. 8).

Em um segundo instante, me reverberou investigar como a vulnerabilidade ao fenômeno da seca se manifesta no lugar através do cotidiano de diferentes indivíduos habitantes de Cachoeira das Araras. O objetivo foi de identificar quais são as situações de vulnerabilidade intrínsecas ao lugar pautado nos modos de perceber e pensar dos próprios agentes de pesquisa. Para tanto, busquei descrever quais as atitudes ambientais empreendidas no povoado que operam em coexistência com o fenômeno da seca.

Me aproximei, então, das seguintes questões: Os indivíduos se sentem vulneráveis ao fenômeno da seca? Qual são as vulnerabilidades do lugar? Quais são as atitudes ambientais empreendidas pelos indivíduos habitantes do povoado? O que a geograficidade da seca tem a nos dizer sobre a Geografia do semiárido?

Neste trabalho, as percepções, a experiência de vulnerabilidade e as atitudes ambientais frente ao fenômeno da seca em Cachoeira das Araras são refletidos através dos conceitos de paisagem e lugar, tomados, ao mesmo tempo, como categorias de análise da realidade geográfica.

Para tanto, a operacionalização destes conceitos-categoria está sustentada em uma abordagem preocupada com a circunstancialidade dos fenômenos do espaço vivido, tendo como recorte temporal o presente (MARANDOLA JR., 2014). Significa dizer que o importante é a situação; o contexto situacional do fenômeno e sua imanência. “[...] O presente tem valor, é nossa realidade experiencial, o ponto sensível da existência com sua mistura rudimentar de alegria e tristeza. O futuro, ao contrário, é uma expectativa” (TUAN, 2013, p.239).

Baseando-se na fenomenologia transcendental de Husserl, o que deve importar para a Geografia é a situação, que coloca todos os transcendentais em suspensão, focando nas imanências e na constituição do transcendental. É a situação que relativiza o singular e o universal. Aqui, a coisa é o singular, o absolutamente dado; o universal é a consciência, o intuitivamente dado. O que liga o singular e o universal, a coisa e a consciência é o intencional puro, a intuição pura, o absolutamente dado da consciência, que intenta a coisa através do fenômeno. A consciência em ato assume aqui o papel de instituinte (SERPA, 2016a, p. 19).

Vaz (2016, p. 28-29), ao analisar a impossibilidade de dissociação entre o tempo objetivo e o tempo fenomenológico, ressalta que

[...] nenhum recorte temporal objetivo específico pode contemplar em inteireza um dado fenômeno, sendo sempre necessário recorrer intencionalmente à diferentes pontos do horizonte do antes para poder compreender dados aspectos do fenômeno, pois ainda que os fluxos de vivido do fenômeno existam no tempo objetivo, o fluxo de vividos não está circunscrito em seus limites.

Portanto, o tempo aqui adotado é, em um primeiro instante, tomado na sua sincronicidade, na medida em que os fenômenos analisados aparecem para a consciência, para depois retomá-lo em momento posterior de reflexão dentro de um contexto mais amplo dos acontecimentos objetivos situados no *continuum* histórico.

Serpa (2013), ao estudar a operacionalização dos conceitos de lugar, paisagem e região na Geografia afirma que

[...] é necessário admitir a complexidade dos processos de produção espacial no momento contemporâneo, que misturam de modo conflituoso aspectos

funcionais e simbólicos, materiais e imateriais, rejeitando a simplificação dos estudos de cunho estritamente morfológico ou ecológico e assumindo um método a um só tempo fenomenológico e dialético (SERPA, 2013, p. 183).

Este é o caminho que busquei seguir, “[...] ora utilizando-se da história enquanto categoria de análise, ora buscando-se intencionalmente abstrair a historicidade dos fenômenos, visando à explicitação de sua ‘essência’” (SERPA, 2007, p. 1).

Figura 2: Cachoeira das Araras - BA

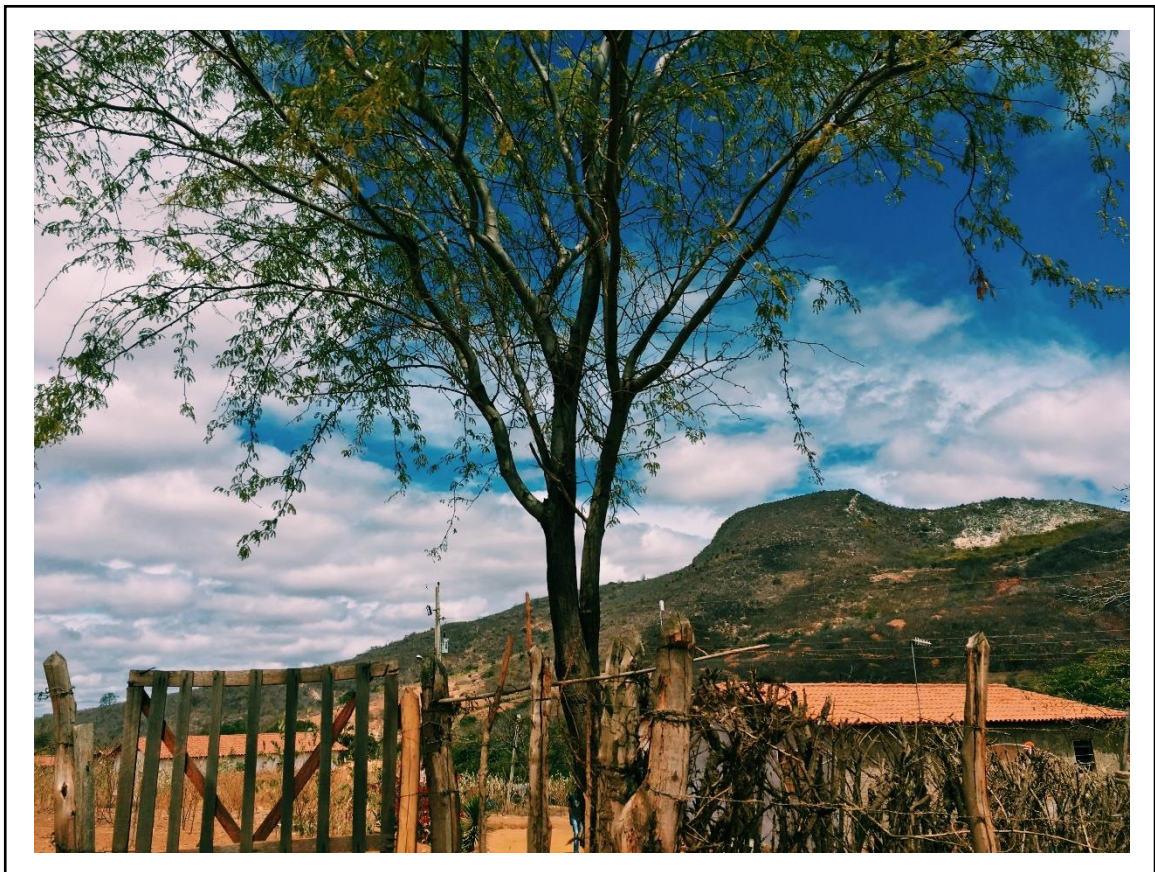


Foto: Jéssica Gleizer, 2018.

2 CAMINHOS DA PESQUISA

[...] não é uma busca de resultados e conclusões. Antes, é um exercício de pensar, com método e direção, mas com a disposição de mudar de caminho e de errá-los, tanto de acertá-los e revê-los no final (MARANDOLA JR., 2008, p. 12).

Pretendo situar o leitor acerca de como se deu a construção do pensamento, as questões iniciais que levaram à esta temática de pesquisa, bem como salientar o porquê de as questões norteadoras do trabalho terem se modificado com o tempo. A tentativa é de elucidar o que me induziu a pensar no fenômeno da seca a partir de uma análise geográfica pautada no mundo vivido.

Neste trabalho, o recorte espacial é o que primeiro surge, antes mesmo das questões de pesquisa e das categorias de análise; antes da Geografia enquanto conhecimento acadêmico. Concordo com Dardel (2015, p. 1) quando afirma que, “[...] antes do geógrafo e de sua preocupação com uma ciência exata, a história mostra uma geografia em ato [...] a inquietude geográfica precede e sustenta a ciência objetiva”. Esta geografia interior, primitiva, sobretudo pré-científica, versada por Dardel, foi o que deu base para as primeiras investigações de pesquisa. Afinal, “quem falará sobre a imaginação ou o maravilhamento de onde nasceu a vocação de tal geógrafo?” (DARDEL, 2015, p. 6).

Finalmente, de onde surgem as raízes da curiosidade e dos anseios dos indivíduos pesquisadores, senão através da experiência sensível do mundo? Familiaridade, envolvimento, pertencimento, são sentimentos despertados na eminência do lugar e significados a partir daquilo que sentimos e pensamos. Neste sentido, “[...] lugares são existenciais e uma fonte de auto-conhecimento e de responsabilidade social” (RELPH, 1979, p.16). É a base sensível dos fenômenos que vivemos e onde experienciamos o contato com o real.

Os passos consequentes se inscrevem no escopo da Geografia acadêmica; nas teorias e nos métodos de natureza científica. A problemática ambiental, produto da relação sociedade-natureza fortalece o meu interesse pelo mundo circundante, ao passo que me faz refletir acerca do que o indivíduo percebe, sente e elabora sobre o lugar onde habita. No entanto, este caminho não foi traçado de imediato. A busca por respostas me fez escolher estratégias diferentes e dividiram o pensamento em momentos distintos.

No primeiro instante a aproximação com o projeto de pesquisa² se deu por meio do estudo da vulnerabilidade e do risco ambiental enquanto ferramentas de suporte à gestão e ao planejamento. Naquela ocasião, as questões estavam voltadas ao funcionamento dos sistemas ambientais regidos por leis da natureza. Os pressupostos eram de que o mundo era uma realidade cuja leis se constituíam imutáveis (MARANDOLA JR., 2008). As questões de pesquisa procuravam identificar as relações de causa e efeito que envolviam a vulnerabilidade ambiental do município de Vitória da Conquista. A questão fundamental era entender de que forma os componentes do sistema ambiental eram alterados pela atividade da sociedade, ao passo que a delimitação de áreas vulneráveis ou não vulneráveis era substancial para orientar as políticas públicas de prevenção e controle dos riscos ambientais, como enchentes, alagamentos, inundação, enxurradas e movimentos de massa em geral.

A maneira pela qual buscava responder as questões de pesquisa se ancorava em uma metodologia que me distanciava do objeto de estudo original, ou seja, aquele que surgiu enquanto ser fundante da pesquisa: o lugar, a paisagem, as pessoas e a natureza em Vitória da Conquista. Isso ocorria ao passo em que as demandas da rotina acadêmica do curso de mestrado avançavam. À medida que o tempo passava, as minhas angústias aumentavam na mesma proporção que o instinto insistia em me “desviar” conscientemente das rotas iniciais propostas para este trabalho.

Naquele momento, o passo inicial era ler e interpretar imagens de satélite, fotografias aéreas, cartas topográficas e informações geoambientais de geologia, geomorfologia, pedologia, vegetação e uso potencial da terra, para em seguida destrinchar as questões propostas afim de encontrar por respostas que satisfizessem aqueles meus anseios de pesquisa.

A identificação e delimitação das Unidades de Paisagem (Geossistemas e Geofácies) eram motivadas pela proposta de Bertrand (1972), enquanto a elaboração da carta de vulnerabilidade ambiental obedeceria a critérios metodológicos definidos por Crepani et al. (2001).

A ideia, até então, era construir um índice de vulnerabilidade que incorporasse critérios físico-naturais dos geossistemas e critérios socioeconômicos do município de Vitória da Conquista, ambos derivados de fontes secundárias de informação. Os dados da

² Projeto de pesquisa apresentado para a seleção no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFBA em março de 2016.

base físico-natural consistiam em análise dos mapas do projeto RADAMBRASIL, datados do ano de 1981, enquanto os dados que tinham como base a estrutura econômica e social do município eram provenientes de pesquisas censitárias do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A sugestão era de que através do estabelecimento do índice de vulnerabilidade ambiental fossem mapeadas Unidades de Paisagem. Essas unidades seriam constituídas a partir das relações entre os processos de morfogênese e pedogênese dos sistemas ambientais incorporados à estrutura social e as diferentes formas de ocupação da cidade. Estes critérios seriam estabelecidos, *a priori*, de forma separada, para em seguida integrar uma base de dados comum, compondo enfim a elaboração de um único mapa, denominado de Carta de Vulnerabilidade Ambiental. A partir da identificação e espacialização da vulnerabilidade seria possível discutir os riscos e os perigos ambientais de Vitória da Conquista, bem como as suas possíveis implicações sociais.

É importante ressaltar que a vulnerabilidade e os riscos ambientais, naquele momento, eram mensurados e analisados à margem dos processos culturais e dos aspectos que envolviam a experiência sensível dos fenômenos. O que se pretendia realizar era a justaposição de dados que não correspondiam e não conversavam com a conjuntura do lugar e do mundo vivido.

Conforme avançava nesta proposta percebia que o meu distanciamento em relação ao objeto de estudo só aumentava. Junto a isso me afligia não estar sentindo e vivendo os lugares que me motivavam a pensar o mundo. Afinal, “[...] o saber de um lugar se estende em vários sentidos” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 151). No entanto, o meu olhar estava direcionado apenas à estrutura físico-natural dos fenômenos. Era subsidiado por uma visão vertical (de cima para baixo) através das imagens de satélites e dos mapas.

A visão do geógrafo deixa de ser horizontal ou oblíqua. Ela se torna vertical. A paisagem é cartografável. Chegamos assim a mapas da paisagem vegetal, da utilização do solo, das formas de habitat. O empreendimento ganha então em eficácia, porque podem-se abarcar grandes conjuntos com um lance de vista, perceber os contrastes que existem de uma zona para outra, comparar as áreas onde os elementos da paisagem são uniformes em grandes espaços e aquelas onde eles formam um mosaico cujos traços se repetem a pequenos intervalos (CLAVAL, 2004, p. 23).

Concordo com os dizeres de Claval no parágrafo acima. Portanto, aproveito para enfatizar que a visão vertical oferece a Geografia potencialidades importantes e outras ainda muito fundamentais, como no exame de grandes conjuntos de áreas, no estudo dos

geossistemas, na análise da composição paisagística de superfícies terrestres, etc. No entanto, o olhar do pesquisador deve estar sintonizado com o seu objeto de pesquisa tanto quanto nas questões que norteiam o seu trabalho. Para isso, é necessário que exista sensibilidade no olhar a paisagem. Esta sensibilidade só é desenvolvida ao longo do próprio fazer científico. Para Serpa (2006), “[...] as paisagens e os mapas podem ‘mentir’, se não admitirmos que não é somente a ‘realidade objetiva’ que deve reter nossa atenção, mas também como essa realidade fala aos sentidos do sujeito que observa e pesquisa” (SERPA, 2006, p. 16-17).

Claval (2004), afirma que o olhar do geógrafo sobre a paisagem deve permanecer ativo. Somente assim é possível se evitar simplificações.

A passagem para a percepção vertical – que permite as generalizações, evidencia a estrutura das distribuições e permite a leitura dos reagrupamentos regionais – não ocorre sem perigo para o geógrafo: ela às vezes leva a esquecer os objetos que realmente importam na vida das pessoas, que são substituídos por outros [...] a preocupação de não reduzir a paisagem apenas à sua dimensão vertical demanda correções. É o que se aprende educando o ‘olho’ do geógrafo (CLAVAL, 2004, p. 25).

Após essas meditações, foi inevitável não refletir que a paisagem e o lugar não eram o meu ponto de partida e muito menos o de chegada. O olhar estava direcionado à imagem distante do objeto. O que prevalecia era a macroestrutura e o funcionamento global do espaço abstrato. Pois, ao contrário disso, “o real envolve todo o nosso ser, todos os nossos sentidos” (TUAN, 2013, p. 178).

Foi necessário alterar a direção e o sentido do olhar.

[...] a melhor representação da realidade é a própria realidade! [...] mapas representam lugares, mas são apenas abstrações e reduções deles. Nas palavras do geógrafo francês Yves Lacoste, ‘as cartas são as representações geográficas por excelência, mas não é possível considerar que elas são o reflexo, o espelho ou a fotografia da realidade’. No caso do estudo geográfico dos lugares, o *mapa seria apenas um substituto insuficiente para as nossas experiências mediadas pelos cinco sentidos* (SEEMANN, 2014, p. 79, grifos meus).

Ao optar por uma abordagem que envolve a conjuntura concreta e cotidiana do fenômeno da seca e a pesquisa qualitativa como metodologia no estudo da vulnerabilidade, escolho privilegiar neste trabalho a produção do conhecimento geográfico, em detrimento de possíveis respostas e conclusões.

É importante ressaltar que a proposta não é a de qualificar diferentes caminhos de pesquisa em corretos ou errados. Muito menos dizer se este ou aquele se apresenta

superior ao outro. Não cabe aqui criar juízo de valor a este respeito. Ao registrar nestas breves linhas os meus caminhos de pensamento procuro apenas contar o que existia antes e o que existe agora; aquilo que me interessava antes e aquilo que envolve aspectos da minha curiosidade científica do agora. Não é meu objetivo definir e categorizar isso ou aquilo, e sim dizer que existem possibilidades de estudar isso e também aquilo outro (SERPA, 2016b). O que pretendo é elucidar sobre o meu modo particular de pensar sobre o ser, as coisas e o mundo. E como cada escolha, realizada de forma consciente, afeta a leitura e a interpretação da realidade geográfica que se quer discutir. O trabalho que aqui se faz “[...] muito mais levanta dúvidas, aponta caminhos e problematiza as questões do que propriamente as responde” (MARANDOLA JR., 2008, p. 10).

[...] na pesquisa fenomenológica o problema não está inteiramente definido, ele expressa uma insatisfação do pesquisador em relação a aquilo que ele pensa saber sobre algo, ou algo o incomoda e lhe causa ansiedade gerando tensão que o leva a buscar a essência do fenômeno (SIANI; CORREA; CASAS, 2016, p. 2013).

Estava, em momento anterior, procurando por respostas que eu já sabia? O que essa visão vertical do espaço e distante do lugar me escondia? Estes foram alguns dos questionamentos que me impulsionariam a reformular as questões de pesquisa, ou até mesmo a abandoná-las, e a buscar por metodologias na Geografia que proporcionassem investigar mais de perto e de forma sensível os fenômenos que envolvem a vulnerabilidade e as atitudes ambientais de coexistência a com seca no povoado de Cachoeira das Araras.

A partir do aprofundamento teórico-metodológico do referencial proposto e, principalmente, através da leitura de obras que discutem os fenômenos geográficos através da perspectiva humanista (RELPH, 1979, TUAN, 2013; HOLZER, 1997; DARDEL, 2015; SERPA, 2007, 2013), me aproximei de outras formas de discutir a vulnerabilidade na Geografia (MARANDOLA JR. & HOGAN, 2004a, 2006; MARANDOLA JR. & SANTOS 2010), que até então não me eram conhecidas.

Decidi transformar a perspectiva dos meus estudos: ao invés de investigar os aspectos da vulnerabilidade ambiental do município de Vitória da Conquista. Decidi me dedicar ao estudo fenomenológico da experiência da seca em Cachoeira das Araras. A substituição da preposição “do” para a preposição “em” não é apenas para indicar uma relação mais próxima entre os termos de uma mesma oração. A preposição “em” estabelece, de forma íntima, a possibilidade de aproximação e o envolvimento dos

pressupostos teórico-metodológicos da pesquisa com os fenômenos que se situam no lugar. Dessa forma, entende-se que não estou apenas falando de Cachoeira das Araras como um objeto distante; me aproximo tanto em escala quanto em envolvimento; estou identificando e descrevendo os fenômenos em situação; vividos e experienciados em, tanto por mim, como pesquisadora envolvida com este trabalho, quanto pelos agentes de pesquisa envolvidos nesta construção.

Ao direcionar o olhar à paisagem e investigar o lugar, as questões mudam de sentido e o espaço que era visto a partir do distanciamento se aproxima tanto em escala quanto em significado, ganhando o sentido de lugar.

Marandola Jr (2008), tratando acerca das principais tendências de estudos e concepções de vulnerabilidade, bem como as definições de risco a ela associados, afirma que existem diferentes maneiras de conceber e operacionalizar os seus pressupostos e questões (Figura 3). O seu entendimento varia de acordo com a concepção de mundo e orientação científica. Enquanto os pressupostos do polo objetivo se situam na esfera das leis imutáveis e do risco enquanto fenômeno objetivo, ao aproximar-se do polo subjetivista o entendimento circunstancial do fenômeno e os aspectos do percebido é o que ganha maior destaque.

Figura 3: Conceito de risco conforme orientação epistemológica

	PRESSUPOSTOS	CONCEITO	QUESTÕES
Objetivista	Leis imutáveis	Risco objetivo	Lei causa/efeito
Realista	↕	Técnico-científico	Estrutura/processo
Subjetivista	Percebido	Entendimento circunstancial	Contexto do perigo

Fonte: Adaptado e modificado de Marandola Jr. (2008).

É neste sentido que, “[...] o que começa com o espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor” (TUAN, 2013, p. 6). A partir desta perspectiva, posso afirmar que o lugar se apresenta como categoria mais

sintonizada com as questões atuais de pesquisa, pois é nele, e a partir dele, que estabelecemos um modo particular de pautar as diversas experiências de mundo.

Este trabalho se inicia com um recorte de pesquisa de escala intermunicipal: proposto pelo estudo da vulnerabilidade ambiental da bacia hidrográfica do rio Verruga. Passa para o recorte de um município: estudo voltado ao risco ambiental e enchentes em Vitória da Conquista. Transforma-se na perspectiva de um distrito: água e vulnerabilidade no distrito de Pradoso. Para finalmente tomar a forma atual e acercar-se do universo do povoado de Cachoeira das Araras: abordagem fenomenológica da seca.

É importante salientar que cada uma dessas etapas do pensamento guarda as suas características fundamentais. As mudanças não foram apenas de ordem escalar do fenômeno, mas sobretudo, na forma distinta de se pensar e fazer Geografia. Reverberaram em transformações de método e de metodologia deste trabalho. Estes caminhos singulares do fazer geográfico modificaram não somente os rumos desta pesquisa, mas também a minha maneira particular de pensar e ser no/com o mundo.

Detalhei até aqui as reflexões acerca das motivações e dos caminhos que foram percorridos ao longo do processo de formulação/reformulação das questões de pesquisa. As opções teórico-metodológicas e a articulação de teorias, bem como os procedimentos que busquei para contemplar, de modo provisório, as questões de pesquisa serão tratadas a seguir.

Figura 4: Algaroba em Cacheira das Araras

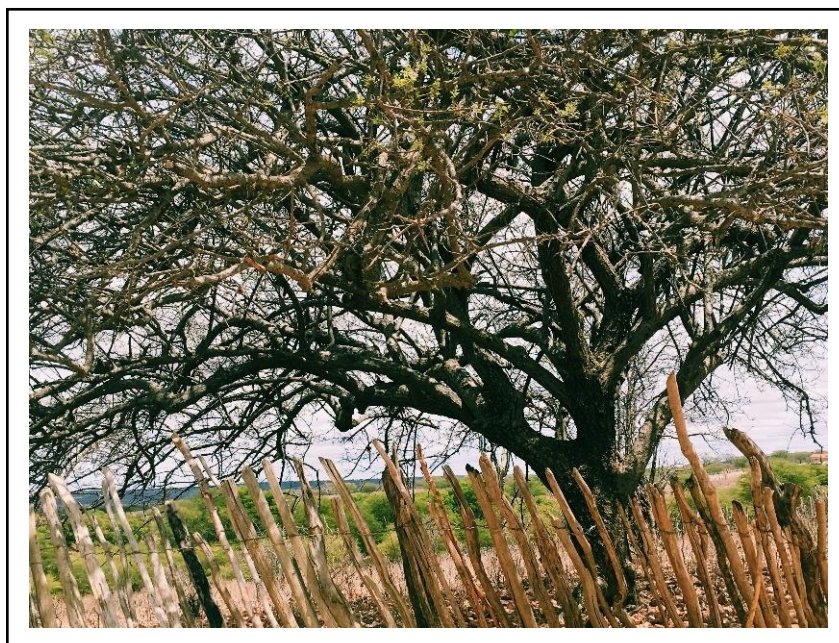


Foto: Jéssica Gleizer, 2018.

3. O ESTUDO DO RISCO NA GEOGRAFIA

Localizar e entender o termo vulnerabilidade nas diversas abordagens científicas é um empreendimento que não pode ser realizado sem se considerar, simultaneamente, o conceito de risco. Isso se deve ao fato de a vulnerabilidade aparecer no contexto dos estudos sobre risco em sua dimensão ambiental [...] (MARANDOLA JR.; HOGAN, 2005, p. 30).

Pretendo realizar neste capítulo um breve resgate histórico do estudo do risco na Geografia, destacando as noções e abordagens empregadas ao termo, bem como os principais aportes teórico-metodológicos utilizados em estudos geográficos acerca deste tema. A tentativa é de entender como o estudo do risco foi incorporado pela ciência geográfica e como ele é abordado nas pesquisas acadêmicas. Além disso, a ideia é realizar um diálogo entre o conceito de risco e de vulnerabilidade enquanto classes de mensuração e objetivação da realidade.

Para entender as motivações da adoção dos estudos do risco pela Geografia é preciso considerar o contexto de surgimento e desdobramento deste termo no campo das ciências.

O risco, os acidentes, as catástrofes, não constituem em si um novo campo científico e especificamente geográfico. Não se trata de uma nova disciplina, mas de uma abordagem global que integra os aportes provenientes das ciências ditas ‘duras’ (geologia meteorologia, química, física) e da sociologia, do direito, da economia (VEYRET, 2007, p. 11).

De forma geral, o risco “[...] apresenta uma característica marcante de multidisciplinaridade” (ALMEIDA, 2012, p. 19). O uso deste termo é descrito na teoria das probabilidades (séculos XVII e XVIII), na economia (estudo estratégico dos riscos financeiros), na sociologia (percepção do risco) e também nas geociências (probabilidade de ocorrência de um acidente) (ALMEIDA, 2012).

Além de não ser domínio exclusivo da Geografia, o seu uso ultrapassa os limites da definição científica. Afinal, homens e mulheres, em suas trajetórias de vida no mundo, sempre tiveram que enfrentar os perigos oriundos tanto de suas relações sociais, quanto da sua relação direta ou indireta com os fenômenos da natureza. Para Marandola Jr. (2008, p 35), “a imprevisibilidade de tempestades, secas, terremotos e outros perigos naturais

tornava [...] a vida permeada de incerteza e medo, mesmo para as classes mais favorecidas”. Este comportamento incerto da natureza era uma das principais fontes de medo na Antiguidade.

O conceito de risco sofreu transformações radicais ao longo da história, antes de alcançar a sua conotação atual. [...] na pré-modernidade tinha um sentido neutro (como probabilidade de ganho ou perda), enquanto, na modernidade, tornou-se sinônimo de perigo com uma conotação nitidamente negativa (GONÇALVES, 2006, p. 68).

[...] o risco era considerado uma categoria neutra, que produzia consequências tanto positivas quanto negativas. Na Renascença italiana, a definição e a percepção adquirem um lugar destacado na sociedade europeia, bem como seu sentido, predominante na atualidade como algo negativo, a ser evitado e temido (ALMEIDA, 2012, p. 20).

Com o passar do tempo a noção de risco parece ter se tornado mais complexa. O seu entendimento atual envolve uma quantidade de variáveis que vão desde fenômenos provenientes de causas naturais até aqueles ocasionados pelo comportamento dos mais avançados sistemas econômicos, financeiros e tecnológicos. Além disso, é fundamental considerar que “o risco é uma construção social [...] viver equivale a assumir o risco de morrer de doença, de acidente ao sair de casa ou qualquer outra ocasião” (VEYRET, 2007, p. 23). A complexidade deste termo é oriunda da “[...] característica inerente à sociedade contemporânea permeada pela incerteza, pelo medo e pela insegurança” (ALMEIDA, 2012, p. 18), que contraditoriamente, cresce em mesma medida dos estudos e relatórios sistematizados sobre o tema.

Segundo Souza e Zanella (2009), o estudo do risco começou a ser sistematizado nos Estados Unidos no início da década de 1920. Foi neste período que o governo solicitou ao Corpo de Engenheiros que propusessem medidas de controle para as frequentes inundações que assolavam cidades e áreas rurais de todo o país. O risco foi analisado e estudado com vistas à solução de um problema concreto, e por isso “[...] as primeiras investigações privilegiaram o aspecto técnico e a análise de custo-benefício correspondente à ocupação de áreas sujeitas a inundações” (SOUZA; ZANELLA, 2009, p. 30).

Há, portanto, uma mudança radical na forma de encarar tais eventos. Em primeiro lugar, ao invés de encará-los como incertos, agora eles poderiam ser compreendidos e previstos, no tempo e no espaço. A incerteza é substituída

pelo risco, com suas probabilidades, fatores causais e propostas de gestão para lidar com os desastres (MARANDOLA JR., 2008, p. 36).

A partir deste momento o risco passa a ser encarado como uma variável fundamental para o planejamento e gestão territorial. Desta forma, ele deixa de ser encarado como um evento de azar, sai do campo da aleatoriedade e da incerteza, e se torna objeto científico de estudo, e por isso, passível de intervenção e controle do Estado. Segundo Marandola Jr. e Hogan (2004a, p. 97), “[...] a motivação inicial foi um problema prático de gestão que estava incorrendo em perdas humanas e materiais. As populações estavam sujeitas às inundações e o Estado queria saber quais as melhores formas de intervenção”.

É preciso destacar que as pesquisas custeadas pelo governo dos Estados Unidos tinham uma preocupação de ação efetiva no território “[...] centrados numa postura tecnocrática intervencionista (além de uma visão relativamente estática dos fenômenos)” (MARANDOLA JR.; HOGAN, 2004a, p. 97).

A literatura geográfica que surgiu dessas preocupações, de forma incipiente nos anos 1930 e 1940, mas com toda a força a partir dos anos 1950, denominou tais eventos de perigos naturais (*natural hazards*³). Estes seriam fenômenos naturais que, em situações extremas, causavam danos e expunham as populações ao perigo: inundações, deslizamentos, tornados, erupções vulcânicas, furacões, vendavais, granizo, geadas, secas, nevascas, ciclones, avalanches, terremotos e assim por diante (MARANDOLA JR., 2008, p. 36).

Devido a sua forma de concepção e os fenômenos que interessavam as pesquisas, foi entre dos estudiosos da natureza que o risco ganhou maior destaque dentro da Geografia. Climatólogos, geomorfólogos e biogeógrafos foram os profissionais que mais se dedicaram ao estudo da temática. “Desta forma, são eles que tomarão a frente nestas pesquisas e, por isso mesmo, a análise possui um forte componente físico, apesar de se manter uma perspectiva integrada entre os elementos físicos e sociais” (MARANDOLA JR.; HOGAN, 2004a, p. 97).

³ O termo *hazard* foi apropriado de diferentes formas pelos autores brasileiros. A sua tradução não é um consenso. Alguns a traduziram como “azar”, outros como “acidente”. A opção adotada neste trabalho é a mesma utilizada por Marandola Jr. (2008): quando em alguma citação, o leitor identificar o termo *hazard*, ele terá o significado de perigo, enquanto a expressão *natural hazards*, terá a mesma conotação de perigos naturais.

Como o estudo desses perigos sempre esteve num contexto de planejamento, em que havia áreas específicas em foco e perdas humanas, materiais e econômicas iminentes, o estudo sempre esteve imbuído da preocupação de não apenas entender a extensão e o dano que os perigos causariam àquelas populações. O prognóstico da *probabilidade* daqueles fenômenos ocorrerem era fundamental naquele contexto (MARANDOLA JR.; HOGAN, 2005, p. 31, grifo dos autores).

Foi inserida neste conjunto de fatores que o conhecimento geográfico dos estudos dos riscos se deu de modo a desenvolver análises com fortes orientações teórico-epistemológicas voltadas ao objetivismo dos fenômenos. A mensuração, a quantificação de dados e a análise dos resultados eram (e ainda o são), sobretudo, voltados a orientar os governos dos Estados a sanar ou dirimir os problemas causados por fenômenos naturais. Não é por acaso que “tradicionalmente, os geógrafos têm se dedicado aos estudos dos riscos, principalmente dos ‘*natural hazards*’, voltados para o equacionamento de políticas públicas destinadas à melhoria da qualidade de vida das populações envolvidas” (GONÇALVES, 2006, p. 69).

Obviamente que as nuances da análise dos riscos não se manifestam apenas no âmbito da operação aritmética, dos gráficos e dos mapas. Os componentes que envolvem o seu estudo são bastante complexos e multifacetados. No campo da Geografia, as análises que obtiveram maior destaque foram aquelas relacionadas a avaliação dos sistemas ambientais, eventos da natureza e a relação entre homens e mulheres com os seus espaços de vida.

Dada a histórica tradição geográfica de estudar o espaço com base em seus componentes naturais e sociais, foi na Geografia que surgiram os clássicos trabalhos sobre os *natural hazards*. Por muito tempo, os geógrafos (principalmente geógrafos físicos) se mantiveram imbuídos estritamente da pesquisa dos aspectos físico-naturais, de seus processos, de suas cronologias e de sua mensuração (ALMEIDA, 2012, p. 21).

O referencial teórico-metodológico que dá suporte a estas pesquisas encontra-se, principalmente, apoiado na Teoria Geral dos Sistemas e, mais especificamente, no campo da ciência geográfica, nos estudos dos Geossistemas, incorporando contribuições de Bertalanffy (1950), Sothava (1978) e Bertrand (1972), e ainda na Ecodinâmica de Tricart (1977). O risco é tomado como um sistema aberto e dinâmico – aberto pois permite a troca de matéria e energia com outros sistemas (com o ambiente circundante); dinâmico pois o seu estado é passível de alteração ao longo do espaço e do tempo.

Neste sentido, o que é pretendido nestas pesquisas é a apreensão dos componentes naturais da paisagem e a relação de interdependência de forças entre os elementos de ordem humana e natural. Para Marandola Jr. (2008, p. 20), essa busca “[...] pela elaboração de modelos e leis daria a confiabilidade do conhecimento, aumentando a segurança em relação às afirmações, teorias e resultados”. Segundo este autor, a implicação destes estudos se dá no âmbito de uma abordagem prognóstica, onde os olhares estão voltados para o futuro. A intenção é eliminar as incertezas a partir da quantificação e mensuração das probabilidades.

Para ser considerado pelos políticos, e dentro dos objetivos de uma gestão adaptada, o risco deve ser ‘calculável’, avaliável. A partir do momento em que o cálculo probabilístico atinge seu limite, a noção de risco perde a pertinência e entra-se no domínio da incerteza (VEYRET, 2007, p. 30).

Para Gregory (1992, p. 202-203), a década de 1970 é marcada, na geografia física, por três tendências de estudos. “Primeiramente, havia a tendência de se analisarem os eventos extremos porque são eles que podem ocasionar prejuízos e danos, e são para eles que as estratégias de controle da paisagem podem ser elaboradas”. Sendo assim, os eventos atmosféricos de precipitações pluviométricas extremas, secas e furacões, bem como as atividades de vulcanismo e tectonismo eram os fenômenos mais abordados pelos geógrafos. A segunda tendência de estudos se refletia “[...] na justaposição das investigações do meio físico e das de relevância socioeconômica” (GREGORY, 1992, p. 203). Estas pesquisas tinham como objetivo, além da análise dos eventos naturais, investigar os impactos econômicos e sociais oriundos de tais fenômenos. Já a terceira tendência de abordagem estava “[...] baseada na crescente consciência da diferença entre o mundo real e a maneira pela qual o ambiente é percebido [...]” (GREGORY, 1992, p. 204), de modo que o conhecimento ambiental dependia das formas de percepção e influenciava, de maneira substancial, na tomada de decisões.

Estes três ingredientes em conjunto formaram o alicerce sobre o qual se cristalizou a pesquisa sobre os acasos naturais [...] as origens claramente estiveram na América do Norte e particularmente derivaram do estudo de Gilbert White [...] as primeiras pesquisas do professor White orientaram-se para o estudo das planícies de inundações [...] o estudo classificou os ajustamentos como modificadores da causa e da perda ou como distribuidores da perda, e assinalou que, enquanto os gastos com o controle de inundações haviam multiplicado, o nível de prejuízos ocasionados pelas cheias havia aumentado. Mostrou que o objetivo natural de se reduzir a taxa de danos por inundação, mediante a elaboração de projetos de controle de inundações, não havia sido atingido (GREGORY, 1992, p. 204-205).

Gilbert White é internacionalmente reconhecido como o precursor dos estudos e da gestão dos *natural hazards* (ALMEIDA, 2012). Suas pesquisas referentes aos riscos e os perigos naturais são referência no campo da Geografia. Junto com Ian Burton e Robert Kates, White produziu trabalhos que ajudaram a difundir e subsidiar pesquisas que tratam de forma mais abrangente as interações sociedade-natureza, tendo em vista o que estava sendo produzido naquele período.

As razões para o contraditório saldo do aumento do número de pesquisas – e consequentemente medidas de planejamentos e gestão dos riscos – e a não redução dos prejuízos inerentes a eles, é explicado por White, Kates e Burton (2001). Para estes autores, o motivo lógico de tal contradição é de que quanto mais se é conhecido, mais se perde. Ou seja, a partir do momento que tomamos consciência da existência de algo, tomamos, ao mesmo tempo, ciência de que podemos perde-lo.

“Dado o crescimento do conhecimento, poderiam ser esperados melhores resultados? A diminuição de vidas perdidas poderia ter sido alcançada mais rapidamente e ainda permanece em um nível inaceitavelmente alto” (WHITE; KATES; BURTON, 2001, p. 89, tradução nossa⁴). Diante de tal situação, quais explicações podem ser alcançadas? Para os autores, é preciso questionar: até quando é falta de conhecimento? Até que ponto o conhecimento está disponível, porém não é utilizado? Além de, em que medida utilizamos o conhecimento que já temos disponível e qual a sua eficácia na gestão dos riscos? Eles alertam que a falta de conhecimento não é a razão pelo qual os riscos não têm diminuído nos Estados Unidos e em outros países de igual desenvolvimento econômico. Nem razão predominante em países cujo desenvolvimento econômico não alcança os níveis dos países centrais. Sendo assim, cabe a pergunta: o conhecimento não é usado? Para os autores a resposta também não reside nesta razão.

Não existem dúvidas de que a compreensão dos fenômenos de ordem física capazes de gerar eventos extremos avançou consideravelmente nas últimas décadas. Portanto, talvez existam razões suficientes para atribuir perdas crescentes à incapacidade de agir e não à falta de conhecimento dos riscos.

Isso provavelmente reflete a falta de recursos, outras prioridades prementes e a falta de capacidade de adaptação. Em muitos países, isso é dificultado pela incapacidade ou falta de vontade de lidar com a pobreza subjacente, as

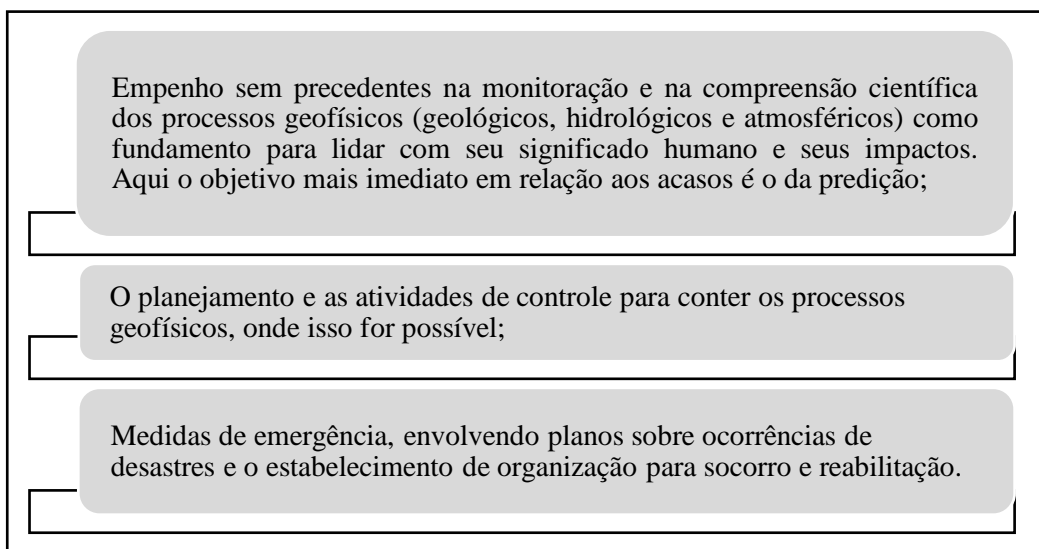
⁴ Neste trabalho as citações em língua estrangeira foram traduzidas pela autora e aparece no idioma original nas notas de rodapé.

“Given the growth in knowledge could better results have been expected? The decrease in lives lost could have been achieved more rapidly and still remains at an unacceptably high level”.

desigualdades e a corrupção que contribuem para uma grande vulnerabilidade (WHITE; KATES; BURTON, 2001, p. 89, tradução nossa⁵).

É importante não perder de vista o entendimento que se tinha dos riscos no período em que estas pesquisas foram realizadas. A limitação desses estudos, para Gregory (1992), era a visão dominante de que “[...] o próprio desastre é atribuído à natureza e abrange três áreas principais” (GREGORY, 1992, p. 207). Os estudos estavam voltados para a predição, planejamento e medidas de emergência e reabilitação (Figura 5).

Figura 5: Visão dominante do desastre em três áreas principais



Fonte: Adaptado de Gregory (1992, p. 207).

Para Gregory (1992, p. 208), “[...] a perspectiva dessa visão dominante poderia ser o único impedimento maior para a melhoria da qualidade e da eficácia da pesquisa sobre os desastres naturais [...]”. Gregory sustenta a ideia de que apesar dos desastres terem origem em fenômenos naturais, ele não é unicamente dependente de seus processos físicos. A reação aos desastres podem ser “[...] dependentes da ordem social vigente, em vez de ser explicada por condições ou comportamentos em face dos eventos calamitosos” (GREGORY, 1992, p. 208).

⁵ This probably reflects lack of resources, other pressing priorities, and lack of adaptive capacity. In many countries it is made more difficult by the inability or unwillingness to address the underlying poverty, inequalities, and corruption that make for great vulnerability.

No Brasil, os trabalhos da década de 1990, de Jurandyr Ross abordando a análise metodológica da fragilidade ambiental do relevo e de Carlos Augusto Figueiredo Monteiro, com os estudos dos riscos de origem climática e de qualidade ambiental, são fundamentais na abertura para novos caminhos no estudo dos riscos.

Para Ross (1994, p.23) “os estudos integrados de um determinado território pressupõem o entendimento da dinâmica de funcionamento do ambiente natural com ou sem as intervenções das ações humanas”. A metodologia proposta por ele procura destacar a importância de se contrapor a potencialidade dos elementos da natureza (água, solos, subsolo, cobertura vegetal e clima) com a fragilidade desses ambientes devido ao desenvolvimento das ações humanas.

As abordagens do risco que mais vêm sendo elaboradas no Brasil “[...] têm abordado questões relacionadas à percepção ambiental sobretudo vinculadas aos riscos e/ou acidente climáticos (precipitações pluviométricas)” (GONÇALVES, 2006, p. 77). Muitos destes estudos foram influenciados pela proposta teórico-metodológica elaborada por Monteiro, intitulada Sistema Clima Urbano (SCU).

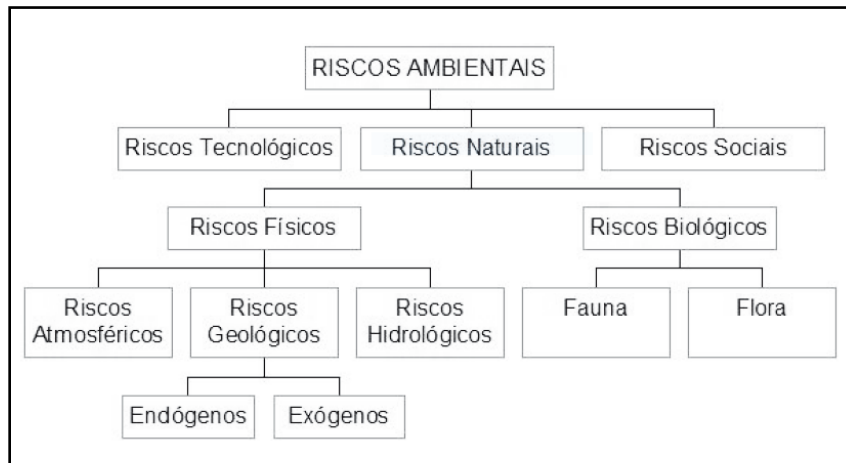
O SCU visa compreender a organização climática peculiar da cidade e, como tal, é centrado essencialmente na atmosfera que, assim, é encarada como *operador*. Toda a ação ecológica natural e as associações aos fenômenos da urbanização constituem o conjunto complexo sobre o qual o operador age (MONTEIRO; MENDONÇA, 2009, p. 21, grifo dos autores).

A partir da análise dos estudos mais recorrentes dos riscos é possível perceber que a sua noção “se estabelece com base na relação conflituosa entre o homem e o seu ambiente, em um processo de mútua influência” (SOUZA; ZANELLA, 2009, p. 16). Seja a partir do estudo da dinâmica do relevo e suas fragilidades, seja estudando as cidades e a sua influência sobre os climas urbanos, os riscos ambientais parecem ter sido a pauta predileta dos geógrafos curiosos pelo estudo da natureza.

Para Souza e Zanella (2009), os riscos ambientais podem ser procedentes de três fontes distintas: tecnologia, natureza e sociedade (Figura 6).

[...] no grupo dos riscos tecnológicos estão os vazamentos de produtos tóxicos, os acidentes nucleares, as explosões de material inflamável etc. No grupo dos riscos sociais encontram-se os riscos ligados ao terrorismo, às guerras, aos sequestros, aos homicídios, dentre outros (SOUZA; ZANELLA, 2009 p. 17-18).

Figura 6: Classificação dos riscos ambientais



Fonte: Souza; Zanella, 2009, p. 17.

Os riscos naturais compõem o grupo que comportam os riscos oriundos de ordem física e de ordem biológica, que por sua vez são subdivididos entre si.

os riscos naturais físicos estão organizados em três outros grupos menores: riscos atmosféricos (furacões, tornados etc.), riscos geológicos (terremotos, escorregamentos etc.) e riscos hidrológicos (inundações etc.). Já os riscos biológicos são divididos em riscos ligados à flora (pragas em lavouras etc.) e em riscos ligados à fauna (epidemias etc.). Por sua vez, os riscos geológicos podem ser de dois tipos: decorrentes de processos exógenos (escorregamentos, quedas, fluxos etc.) ou decorrentes de processos endógenos (terremotos, erupções vulcânicas etc.).

Apesar desta divisão ilustrar de forma sucinta e aparente a composição dos riscos ambientais, é fundamental ter em vista que esta é apenas uma elaboração mental e, enquanto tal, não comporta a complexidade inerente a realidade dos fenômenos. Muitos processos naturais são apressados e até mesmo engendrados pela atividade humana, sejam elas compreendidas em ambientes rurais ou urbanos, o inverso também é uma verdade.

Afinal, estudamos os fenômenos estando inseridos em uma dada realidade e, por isso mesmo, compomos parte desta realidade. Não é exagero afirmar a impossibilidade de cercar todo o contexto de acontecimentos de um determinado fenômeno. Estabelecer com firmeza a sua origem, o campo de atuação e as consequências que lhe são inerentes é tarefa irrealizável em inteireza. Além disso, a análise do risco não deve ser pautada de forma isolada. Ela necessita estar subsidiada pelo estudo dos perigos, riscos e da vulnerabilidade inerente ao lugar e as pessoas.

3.1 Sobre os conceitos de vulnerabilidade, risco, perigo e desastre

“É importante considerar que as noções de risco, de ameaça e de vulnerabilidade vêm sendo utilizadas em diversos campos disciplinares, o que dificulta o consenso quanto às ideias que possam representar”, afirmam Souza e Zanella (2009, p. 11). Desse modo, a depender da opção teórico-metodológica adotada no trabalho em que estes termos são abordados os seus significados podem ser tomados de diferentes formas. A ambiguidade dos termos e a falta de rigor conceitual se acentuam, sobretudo entre as pesquisas que tratam dos fenômenos de natureza física e aquelas que tratam da natureza humana dos riscos.

Embora o objetivo deste trabalho não seja o de sistematizar estes conceitos. Julgo fundamental realizar a diferenciação conceitual entre cada termo. Portanto, reuni as definições de vulnerabilidade, risco, perigo e desastre em um quadro explicativo (Quadro 1).

Quadro 1: Da vulnerabilidade ao desastre: definições

Vulnerabilidade	A qualidade de absorção de impactos. Respostas aos perigos. A vulnerabilidade mede os impactos danosos dos acontecimentos sobre os alvos afetados. A vulnerabilidade pode ser humana, socioeconômica e ambiental.
Risco	A situação a que se está exposto. Acontecimento em potência. Probabilidade e preocupação. Probabilidade de realização de um perigo. Percepção de um perigo possível, mais ou menos previsível por um grupo social ou por um indivíduo que tenha sido exposto a ele.
Perigo	O evento em si.
Desastre	O resultado de um perigo.

Fonte: Elaborado a partir de Aneas de Castro (2000), Veyret (2007), Marandola Jr. e Hogan (2004a) e Marandola Jr. (2008).

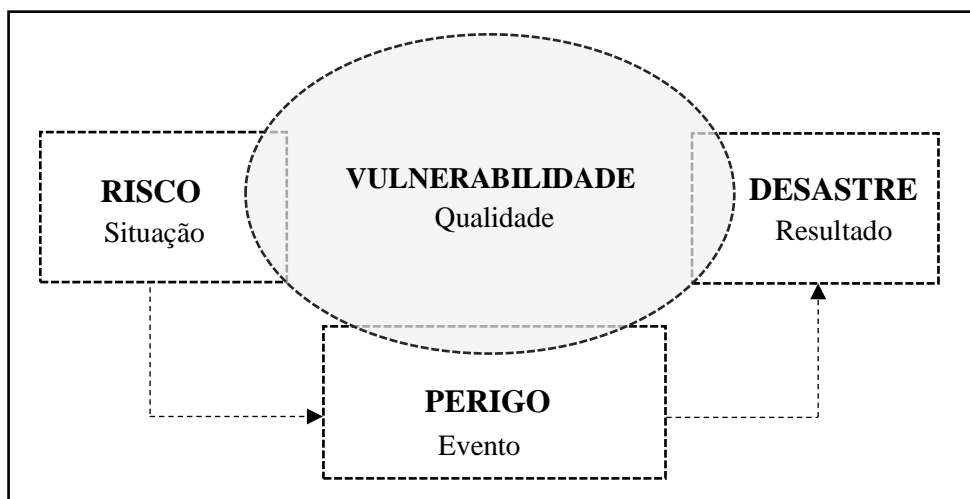
Estas definições foram construídas a partir de leitura dos seguintes trabalhos:

- a) Castro (2000) – artigo em que discute os conceitos de risco e perigo na Geografia, sobretudo quando atrelados aos estudos ambientais;

- b) Veyret (2007) – Livro em que a autora discute os riscos através da perspectiva do planejamento e gestão do território. Além de definir e diferenciar os riscos e a vulnerabilidade em diferentes categorias;
- c) Marandola Jr. e Hogan (2004a) – Artigo em que os autores mapeiam o histórico dos riscos e perigos ambientais na Geografia (fenômenos denominados de *natural hazards* pela comunidade científica internacional), além de discutir os avanços desses estudos ao relacionar a Geografia com a Demografia;
- d) Marandola Jr. (2008) – Tese de doutorado em que investiga a mobilidade e a vulnerabilidade no contexto metropolitano. Neste trabalho, Marandola Jr. realiza uma leitura fenomenológica das incertezas produzidas na modernidade. O risco e a vulnerabilidade são as noções centrais deste trabalho, e por isso bastante discutidos.

É fundamental considerar que estes termos não devem ser tomados de forma isolada. O contexto de um fenômeno envolve todos eles, de forma integrada e simultânea (Figura 7).

Figura 7: Relação entre os conceitos de vulnerabilidade, risco, perigo e desastre



Elaboração: Jéssica Gleizer, 2018.

A Vulnerabilidade, por se tratar da *qualidade* inerente a um determinado lugar ou a um grupo de pessoas, é o plano de fundo de todo o acontecimento. O risco, o perigo e o desastre podem ser tomados de acordo com tempo de ocorrência do fenômeno. O que

temos, a partir de um cenário hipotético inicial são a vulnerabilidade e o risco. Neste momento, o que se avalia é a *situação*; preocupa-se com a realização de um perigo potencial. Aqui os olhos estão voltados para o futuro. Já a iminência de um fenômeno é quando ocorre o perigo, ou seja, o *evento* em si; é o presente, o imediato. Enquanto o desastre é o resultado infeliz da ocorrência de um perigo, alterando a ordem regular dos acontecimentos.

3.2 Vulnerabilidade: da mensuração à síntese cartográfica

Se o risco e o perigo tendem a considerar fatores externos que atingem pessoas, lugares ou comunidades, a vulnerabilidade possibilitou incorporar de maneira mais eficiente a recepção dos perigos. Diferente do risco, que tem seu olhar para o futuro, a vulnerabilidade é mais essencial no sentido de focar o fenômeno de maneira mais integrada: passado, presente e futuro. Esse entendimento nos permite pensá-la como um qualitativo, um adjetivo componente das próprias estruturas da pessoa e do lugar (MARANDOLA JR., 2008, p. 52).

O estudo da vulnerabilidade ganha espaço entre os geógrafos a partir da inclusão das dimensões socioculturais na análise ambiental (ALMEIDA, 2012). A apreciação da ocupação de espaços de risco, as respostas aos perigos ambientais enfrentados pelos indivíduos, bem como as medidas preventivas e mitigadoras dos desastres, além de ações de recuperação dos espaços atingidos, são o centro da análise desses estudos. “A vulnerabilidade aponta para as características próprias que pessoas, lugares ou grupos possuem para se proteger, lidando com os riscos e perigos” (MARANDOLA JR, 2008, p. 31).

[...] a vulnerabilidade tornou-se um conceito essencial na abordagem dos riscos e dos perigos, central para o desenvolvimento de estratégias de redução e mitigação das consequências dos desastres naturais, nas diversas escalas de análise (local, regional, nacional, global) (ALMEIDA, 2012, p. 29).

Embora a vulnerabilidade já estivesse presente nos estudos que tratavam dos riscos, perigos e desastres, ela só irá ganhar um papel de destaque no final da década de 1980 e 1990 (MARANDOLA JR; HOGAN, 2005). Os geógrafos que antes se atentavam com as características físicas dos fenômenos, agora se ocupavam também do exame do

contexto econômico e social inerente ao estudo do risco. A natureza da vulnerabilidade, que antes estava contida no aspecto biofísico dos espaços, agora se amplia. Os lugares e os indivíduos atingidos ganham potência e a vulnerabilidade social passar ser objeto de estudo.

A ciência da vulnerabilidade fornece a base empírica para a elaboração de políticas de redução de riscos através do desenvolvimento de métodos e métricas para analisar a vulnerabilidade social aos riscos ambientais e aos acontecimentos extremos [...] em particular, a ciência da vulnerabilidade procura analisar os fatores que influenciam as capacidades locais (definidas aqui como subnacionais) na preparação para resposta a e recuperação de desastres, examinando de forma comparativa os vários padrões daí resultantes (CUTTER, 2011, p. 60).

No entanto, a ênfase que é dada para as predições e as análises quantitativas permanece no centro das análises científicas. “Abordagens quantitativas mais complexas permitem agora calcular o custo imediato e, em longo prazo, o prejuízo; o custo da reconstrução idêntica ou com a integração de medidas de redução da vulnerabilidade [...]” (VEYRET, 2007, p. 40).

Se tratando do estudo dos fenômenos naturais, é possível distinguir entre algumas tipologias da vulnerabilidade e suas características associadas (Quadro 2).

Quadro 2: Tipologia da vulnerabilidade nos estudos dos fenômenos naturais

Tipos de vulnerabilidade	Características
Vulnerabilidade física (ou estrutural, ou corporal)	Concentram-se na análise das construções, das redes de infraestrutura e do potencial de perdas humanas.
Vulnerabilidade humana ou social	Avalia os retornos da experiência sobre as capacidades de resposta, adaptações, comportamentos e suas consequências socioeconômicas e territoriais. Acrescenta-se ainda a percepção das ameaças ou da memória do risco, o conhecimento dos meios de proteção, os tipos de comportamento potenciais.
Vulnerabilidade institucional	Trata da capacidade de resposta das instituições diante da crise; funciona como fator indireto da vulnerabilidade social.
Vulnerabilidade ambiental e patrimonial	Analisa os danos sobre os componentes ambientais – vegetação, solos, recursos hídricos, fauna, e aspectos culturais provocados por fenômenos naturais.
Vulnerabilidade funcional e econômica	Avalia as disfunções no que tange às atividades econômicas, rupturas nas redes de comunicação e transporte, entre outros.

Fonte: Almeida, 2012.

As tipologias da vulnerabilidade e as características que lhe são inerentes têm em comum a origem do fenômeno cuja proveniência vem da natureza. No entanto, embora a fonte geradora do risco seja de ascendência biofísica, o estudo da vulnerabilidade pode se concentrar em diferentes vieses. O centro de abordagem pode variar desde a vulnerabilidade física, onde os componentes de estudo são a infraestrutura dos locais atingidos e as conseqüentes perdas humanas; a vulnerabilidade ambiental, cujo olhar está direcionado para o ambiente, ou seja, para as características geoambientais que compõe a paisagem, tais como o relevo, solos, vegetação e afins; até aqueles cuja preocupação é a vulnerabilidade humana, portanto que diz respeito ao comportamento dos indivíduos, os meios de proteção e as percepções dos perigos.

Veyret (2007), nomeia uma série de fatores que dizem respeito à vulnerabilidade (Quadro 3). Estes fatores influenciam na propensão aos riscos, na capacidade de enfrentamento dos perigos e a disposição para medidas de recuperação através da gestão dos danos caudados nos espaços e indivíduos atingidos.

Quadro 3: Fatores de vulnerabilidade

Fatores físicos ou ambientais de avaliação da vulnerabilidade.	Grau de aceitação do risco. Fatores socioeconômicos de avaliação da vulnerabilidade.
Conhecimento de crises e catástrofes passadas.	Presença de hospitais, postos de corpo de bombeiros.
Intensidade do último acontecimento mais importante registrado.	Existência de escolas, universidades, casas de repouso e, mais globalmente, equipamentos sociais de acolhimento ao público.
As zonas onde os trabalhos de organização do território (aterros viários, contenção de encostas) foram feitos.	Densidade da população. Estrutura etária, situação sanitária. Rede de água, eletricidade e gás.
Natureza dos processos naturais, antrópicos, industriais em causa...	Acessibilidade: redes de comunicação, telefone e de informação disponíveis.
Conhecimento da percepção do risco. Fatores socioeconômicos de avaliação da vulnerabilidade.	Meios e terminais de transporte. Estado da malha rodoviária.

Fonte: Veyret, 2007.

“A maioria da investigação relacionada com os perigos concentra-se na cartografia dos sistemas físicos e em delinear o risco associado aos perigos”, afirma

Cutter (2011, p. 61-62). O Sistema de Informação Geográfica é um importante instrumento de análise espacial. O mapeamento das áreas de riscos e a espacialização da vulnerabilidade através de mapas síntese são métodos muito utilizados pelos geógrafos na atualidade. Crepani et al. (2001), oferecem metodologia para a elaboração de mapas de vulnerabilidade natural à perda do solo.

De acordo com a metodologia primeiramente é realizada a reinterpretação das informações temáticas disponíveis (mapas geológicos, geomorfológicos, pedológicos, de cobertura vegetal e uso da terra) sobre as imagens de satélite utilizadas como “âncora”, e a geração de curvas de intensidade pluviométrica, definindo Planos de Informação temáticos geo-referenciados [...] Posteriormente é feita uma classificação do grau de vulnerabilidade de cada unidade territorial baseada nos processos de morfogênese e pedogênese. A vulnerabilidade é expressa pela atribuição de valores (de 1 a 3, num total de 21 valores) para cada unidade de paisagem. Com este procedimento metodológico é possível elaborar cartas de vulnerabilidade natural à perda de solo a partir de um banco de dados contendo as informações básicas do meio físico e de uso da terra de uma determinada região (CREPANI et al, 2001, p. 11).

Um dos princípios fundamentais da ciência da vulnerabilidade é o conhecimento geoespacial dos espaços de estudo (CUTTER, 2011). Concordo com a autora pois, é evidente que o mesmo evento produz situações bastantes distintas em locais diversos. Além disso, é importante reconhecer, para além das análises dos componentes físicos da paisagem, o lugar em sua intimidade. É necessário priorizar o olhar horizontal (Figura 8) e se atentar paras as vulnerabilidades intrínsecas a cada lugar.

Figura 8: Olhar horizontal



Foto: Jéssica Gleizer, 2017.

4 VULNERABILIDADES DO LUGAR: APROXIMAÇÕES TEÓRICAS

Aquilo que não conseguimos expressar em uma linguagem científica aceitável tendemos a negar ou esquecer. Um geógrafo fala como se seu conhecimento sobre espaço e lugar fosse obtido exclusivamente de livros, mapas, fotografias aéreas e levantamentos de campo [...] em vez de descrever e tentar compreender o que realmente significa 'estar no mundo' (TUAN, 2013, p. 244-245).

Retomando o que já foi dito em páginas anteriores, a vulnerabilidade não é um conceito particular da Geografia. Tampouco uma noção exclusiva do pensamento científico. Na ciência, muitos são os pesquisadores que se debruçam sobre esta temática. Economistas, demógrafos, engenheiros, psicólogos e profissionais da saúde, assim como os geógrafos, discutem de diferentes formas e a partir de distintas concepções de mundo a vulnerabilidade de algo ou alguém, associada aos riscos e perigos, sejam eles de origens que oscilam entre o natural (leis da natureza) ou social (estrutura e/ou conjuntura de uma determinada sociedade).

No entanto, a vulnerabilidade não é uma preocupação exclusiva da academia. Afinal, não se constrói o pensamento tão somente através de metodologias científicas. A construção de ideias não necessita estar necessariamente pautada em fundamentos e premissas dos laboratórios e dos gabinetes para ser significativa e explicativa do real. Conhecimentos de vida, sentimentos despertados na experiência do fenômeno, diferentes olhares sobre a mesma paisagem - a paisagem é uma unanimidade? Penso que não – são capazes de revelar outros ângulos dos mesmos fenômenos de forma a enriquecer a reflexão e o conhecimento autêntico do objeto. Para Merleau-Ponty (2011, p. 86) “[...] a ciência foi apenas a continuação ou a amplificação do movimento constitutivo das coisas percebidas [...]”, para ele, o conceito científico é o meio pelo qual fixamos e objetivamos os fenômenos. A ciência e a teoria são apreendidas como uma consequência daquilo que é, primeiramente, percebido e vivido pelos indivíduos a partir da experiência sensível.

[...] tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada. Todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido, e se queremos pensar a própria ciência com rigor, apreciar exatamente seu sentido e seu alcance, precisamos primeiramente despertar essa experiência do mundo da qual ela é a expressão segunda. A ciência não tem e não terá jamais o mesmo sentido de ser que o mundo percebido, pela simples razão de que ela é uma determinação ou uma simples explicação dele [...] (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 3).

Assim como Merleau-Ponty, acredito que através da experiência sensível podemos construir um sólido edifício de conhecimento acerca do mundo e dos seus fenômenos e, neste sentido, construir uma ação do ser-no-mundo (HEIDEGGER, 2015).

Os riscos ambientais têm sido abordados segundo um ponto de vista objetivo, empregando-se os métodos e as técnicas típicos das ciências naturais. Porém, diante de tantas perguntas sem respostas, tornou-se inevitável a adoção de abordagens alternativas, que pudessem auxiliar a compreensão da controversa relação entre o homem e os riscos. Tal relação não se estabelece simplesmente a partir de aspectos objetivos, mas, ao contrário, é profundamente influenciada por questões subjetivas. Portanto, sem que se compreenda a percepção que temos dos riscos, é pouco provável que possamos chegar a conclusões razoáveis e, mais ainda, a interferir nessa relação (SOUZA; ZANELLA, 2009, P. 7).

Cutter (2003), ao examinar a insuficiência em nossos modelos atuais de compressão (vulnerabilidade da ciência) assegura a necessidade de abordagens mais integrativas na compreensão dos riscos ambientais (ciência da vulnerabilidade). Segundo esta autora, a ciência pode ser vulnerável de diversas formas. Algumas dessas vulnerabilidades são essenciais para os geógrafos, pois influenciam na compreensão das ameaças ambientais. Uma delas é a racionalidade e a objetividade com que a ciência trata tais de fenômenos.

Historicamente, as avaliações de risco e os julgamentos foram deixados para especialistas, os chamados profissionais do risco [...] A comunicação de tais riscos para o público era hierárquica (de cima para baixo), com os avaliadores do risco informando ao público qual a tecnologia ou a atividade é arriscada, e não o contrário [...] (CUTTER, 2003, p. 2, tradução nossa)⁶.

No entanto, nem mesmo os resultados de análises científicas sistemáticas são perfeitamente replicáveis, pois "laboratórios diferentes trabalhando no mesmo 'problema', usando os mesmos protocolos chegam a resultados diferentes [...]" (CUTTER, 2003, p. 4, tradução nossa)⁷. Sendo assim, é inevitável não interrogar: Quem pode descrever a realidade dos fenômenos senão aqueles que o vivem? Por que os estudos e os dizeres dos cientistas são, por muitas vezes, considerados mais aplicáveis e

⁶ "Historically, risk assessments and judgments were left up to experts, the so-called risk professionals [...] The communication of such risks to the public was hierarchical (from the top down), with the risk assessors telling the public what technology or activity was risky, not the other way around [...]"

⁷ "different labs working on the same 'problem', using the same protocols, and coming up with diferente results [...]"

importantes? Aqui, o objetivo é valorizar os sujeitos e a intersubjetividade sem negar a qualidade e eficiência da ciência como forma válida de conhecer o mundo.

Holzer (2014, p. 299), afirma que “o objeto da geografia clama pela análise a partir de um aporte fenomenológico que se dirija à ‘experiência cotidiana do mundo’, ou seja, que a explore como ‘experiência geográfica’”. Foi acerca desta experiência geográfica que refleti e busquei construir os alicerces que dão base a este trabalho.

[...] Quando queremos reduzir o geográfico a um conhecimento puramente objetivo, o elemento propriamente ‘terrestre’ da terra se dissipa. As noções e as leis que podemos identificar só mantêm o seu valor se o arrancamos num combate a uma coisa que continua a se dissimular, a uma existência bruta. É essa luta incessante entre a luz e a escuridão, entre o Homem e a Terra, que confere a toda construção humana o que ela tem de concreta e de real [...]. (DARDEL, 2015, p. 43).

Então, porque a maioria dos estudos que versam sobre os temas de vulnerabilidade, riscos e perigos em Geografia insistem em se ocupar apenas de informações produzidas de modo hierarquicamente verticais, ao invés de construir um diálogo e dar legitimidade aos saberes dos grupos e dos indivíduos? Segundo Tuan (2013, p.15),

[...] na extensa literatura sobre qualidade ambiental, relativamente poucas obras tentam compreender o que as pessoas sentem sobre o espaço e lugar, considerar as diferentes maneiras de experienciar (sensório-motora, tátil, visual, conceitual) e interpretar espaço e lugar como imagens de sentimentos complexos – muitas vezes ambivalentes. Os planejadores profissionais, com sua necessidade urgente de agir, apressam demais a produção de modelos e inventários. Por sua vez, o leigo aceita sem muita hesitação, dos planejadores carismáticos e dos propagandistas, *slogans* sobre o meio ambiente que tenha recebido por meio da mídia, esquecendo-se facilmente da rica informação derivada da experiência, da qual dependem essas abstrações [...].

Quando tratamos sobre vulnerabilidade, do que e de quem estamos falando? E quando pensamos acerca dos riscos e dos perigos ambientais, os indivíduos diretamente afetados e que carregam consigo a experiência do fenômeno, participam do diálogo?

[...] os significados do mundo-vivido estão constantemente sendo obscurecidos por conceitos científicos e pela adoção de convenções sociais; e apesar de vivermos nele, o mundo-vivido não é absolutamente óbvio, e os seus significados não apresentam por si mesmos, mas têm de ser descobertos. A dificuldade é como fazer isso sem destruir a riqueza e a complexidade dos significados. A descrição e a interpretação fenomenológicas oferecem métodos bem desenvolvidos para se realizar essa tarefa (RELPH, 1979, p. 4).

Inspirada nessas reflexões, a tarefa aqui empreendida foi a de estudar a experiência consciente do indivíduo que percebe e experiencia o fenômeno da seca no povoado de Cachoeira das Araras. A ideia foi descobrir e situar aspectos da relação construída entre a vulnerabilidade do lugar e os sistemas adaptativos a partir da geograficidade dos agentes de pesquisa.

O conceito de geograficidade, a ser utilizado neste trabalho, compactua com aquele apresentado por Dardel (2015). A geograficidade é entendida como a essência da relação concreta que liga homens e mulheres à Terra; Relação estabelecida entre o indivíduo e seu meio circundante, o ser e o seu mundo. Pois, “[...] quando queremos reduzir o geográfico a um conhecimento puramente objetivo, o elemento propriamente ‘terrestre’ da terra se dissipa” (DARDEL, 2015, p. 43). Não é à toa que por não considerar esta importante dimensão de análise,

Uma grande quantidade de dados provenientes da experiência está destinada ao esquecimento porque não podemos encaixar as informações nos conceitos das ciências físicas que aceitamos sem criticar. Curiosamente, essa cegueira para com a profundidade da experiência aflige tanto o homem da rua como o cientista social [...] (TUAN, 2013, p.245).

4.1 Percepção do risco

Não diremos mais que a percepção é uma ciência iniciante, mas, inversamente, que a ciência clássica é uma percepção que se esquece de suas origens e se acredita acabada. O primeiro ato filosófico seria então retornar ao mundo vivido aquém do mundo objetivo, já que é nele que poderemos compreender tanto o direito como os limites do mundo objetivo [...] despertar a percepção e desfazer a astúcia pela qual ela se deixa esquecer enquanto fato e enquanto percepção, em benefício do objeto que nos entrega e da tradição racional que funda (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 89-90).

O esforço de explicar o que não é percepção é mais realizável do que propriamente o de defini-la. Para Merleau-Ponty (2011), a sensação, a associação, as projeções de recordações, muito menos a atenção e o juízo, não devem ser confundidos com a percepção. Para ele, o essencial é captar a percepção viva, ou seja, em vias de realização. Para isso, é preciso se livrar de todos os prejuízos da filosofia clássica, bem como das suas noções fossilizadas de percepção, a fim de retornar aos fenômenos.

Sendo assim, perceber não é sentir, não é associar, não é recorda-se. “A percepção é justamente este ato que cria de um só golpe” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 65). A percepção é justamente o pensamento de perceber; “um ato humano que de um só golpe atravessa todas as dúvidas possíveis para instalar-se em plena verdade [...]” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 71). Primeiro percebemos, para depois sentirmos, associarmos, reconhecemos e julgamos os fenômenos.

Neste trabalho, “a percepção enquanto conhecimento do presente é o fenômeno central que torna possível a unidade do eu e, com ela, a ideia da objetividade e da verdade” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 71). A ideia desenvolvida aqui, buscou na realidade geográfica as bases para a descrição dos fenômenos. Tratando o ato de perceber como fonte absoluta e inesgotável da realidade.

O exercício consistiu em descrever como os agentes de pesquisa, habitantes do povoado, percebem tanto a presença quanto a ausência da água na paisagem. A forma como os indivíduos apreendem o elemento água e a sua distribuição na paisagem é essencial para a descrição das vulnerabilidades do lugar ao fenômeno da seca.

Para a análise da percepção de riscos e, a construção da ideia de vulnerabilidade à seca, me amparei em métodos e técnicas da pesquisa social pautadas em metodologia qualitativa que permitiu identificar, sem definir *a priori*, se há perigos e quais perigos se ocultam e se revelam na paisagem. O objetivo foi,

[...] retornar a este mundo anterior ao conhecimento do qual o conhecimento sempre *fala*, e em relação ao qual toda determinação científica é abstrata, significativa e dependente, como a geografia em relação à paisagem – primeiramente nós entendemos o que é uma floresta, um prado ou um riacho (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 4, grifo do autor).

Aprendemos sobre estes elementos geográficos justamente porque os percebemos e temos a possibilidade de experimentá-los com os nossos próprios sentidos. O conhecimento sistematizado da floresta, do prado ou de um riacho é constituído apenas após a percepção e a experiência. Ao estudarmos sobre estes elementos geográficos e conceituá-los cientificamente estamos apenas confirmando aquilo que já sabíamos em nosso contato com a realidade.

4.2 Experiências do lugar

Experiência é um termo que abrange as diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade. Estas maneiras variam desde os sentidos mais diretos e passivos como o olfato, paladar e tato, até a percepção visual ativa e a maneira indireta de simbolização (TUAN, 2013, p. 9).

Neste trabalho a experiência consciente foi apreendida enquanto capacidade de refletir e aprender a partir da própria vivência dos fenômenos. É através dela que, primeiramente, construímos nossas representações de mundo e conhecemos sensivelmente a realidade geográfica na qual estamos envolvidos.

A experiência consciente é um ato comunicativo de um corpo situado em um determinado ambiente. A mensagem que expressa traz a peculiaridade de um mundo vivido. O interesse das nossas investigações é captar esta mensagem, este mundo vivido. É neste contexto que se introduz a entrevista como um convite à comunicação. Nosso interesse não se restringe unicamente à vivência particular de uma determinada pessoa em um certo ambiente. Não se está à procura da subjetividade. Nosso interesse é saber como diferentes pessoas experienciam uma certa condição que é comum a elas (GOMES, 1997, p. 320-321).

O objetivo foi dar autenticidade à experiência que os agentes de pesquisa, habitantes de Cachoeira das Araras, acumulam a partir de suas vivências com o fenômeno da seca e os possíveis riscos que os envolvem nesta relação. Não procurei por fontes de dados científicos sistematizados. A ideia foi descrever a experiência do lugar a partir das entrevistas situadas no próprio lugar. A análise consistiu daquilo que é percebido, sentido e experienciado, tanto por mim, enquanto pesquisadora situada, quanto pelos indivíduos em sua relação direta com o fenômeno.

Segundo Veyret (2007), o risco, enquanto fenômeno social, define-se como a percepção do perigo, ou seja, de uma catástrofe que se mostra enquanto possibilidade.

[...] ele existe apenas em relação a um indivíduo e a um grupo social ou profissional, uma comunidade, uma sociedade que o apreende por meio de representações mentais e com ele convive por meio de práticas específicas. Não há risco sem uma população ou um indivíduo que o perceba e que poderia sofrer seus efeitos [...] o risco é a tradução de uma ameaça, de um perigo para aquele que está sujeito a ele e o percebe como tal (VEYRET, 2007, p.11).

Portanto, o risco se configura enquanto fenômeno possível apenas no momento em que é percebido. Neste sentido, sem percepção, não há risco possível de realização.

Finalmente, se o risco é um fenômeno percebido, pergunto-lhe: quais riscos deixamos de descrever quando nos distanciamos dos aspectos da experiência e das adversidades do mundo vivido? Para Dardel (2015, p. 33),

a geografia não é, de início, um conhecimento; a realidade geográfica não é, então, um ‘objeto’; o espaço geográfico não é um espaço em branco a ser preenchido a seguir com colorido. A ciência geográfica pressupõe que o mundo seja conhecido geograficamente, que o homem se sinta e se saiba ligado à Terra como ser chamado a se realizar em sua condição terrestre.

Ao nos prendermos a uma grande quantidade de dados secundários, provenientes de séries estatísticas, mapas, notícias jornalísticas e afins, permanecemos na superficialidade do entendimento do risco. Afinal, “o que nos obriga a refletir sobre a experiência?” (TUAN, 2013, p. 161), senão os acontecimentos adversos de nossa realidade? Nada mais justo do que situar estes acontecimentos na esfera circunstancial do real: o lugar.

Serpa (2001), discutindo o conceito de lugar a partir da obra de Dardel afirma que, [...] para o ser humano, a realidade se mostra primeiramente através do lugar em que se está, os lugares de infância, o ambiente que lhe chama à sua presença” (SERPA, 2001, p. 10). Para Holzer (1998), lugar é um conceito fundamental em Geografia, e quando “[...] abstraído de seu significado locacional, é visto como um artefato único, como campo de preocupação ou como foco de intenção e de propósito, constituindo-se em um espaço estruturado ou em um centro de significados” (HOLZER, 1998, p. 210). O autor diz ainda que “[...] é necessário um retorno à ontologia da geograficidade e uma análise da importância do lugar para a constituição da própria geografia” (HOLZER, 1999, p. 76).

Aqui interessou saber como a experiência do lugar é essencial para a construção de atitudes ambientais frente ao fenômeno da seca. A intenção é “[...] *ser uma experiência*, é comunicar interiormente com o mundo, com o corpo e com os outros, ser com eles em lugar de estar ao lado deles” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 142, grifo do autor).

– *O rio? A gente chama de rio mesmo (Arthur, 2017) – 69 anos, lavrador.*

5 SOBRE MÉTODO E METODOLOGIA

Um autor, não lembro quem, dizia que o bico da pena era um órgão do cérebro. Tenho certeza disto: quando minha pena borra, estou pensando atravessado (BACHELARD, 1988, p. 6).

Talvez o leitor esteja a se perguntar sobre as razões pelas quais escolhi, especificamente, o povoado de Cachoeira das Araras, em Vitória da Conquista, como recorte para esta pesquisa. Este questionamento é um tanto quanto evidente. Afinal, dediquei a escrever acerca das motivações geográficas (pessoais e científicas), que me levaram a esta proposta atual de trabalho, e não falei sobre o lugar onde se anima toda esta discussão. Confesso-lhe que não foi obra de esquecimento ou falta de atenção. Preferi reservar este momento para este espaço onde discuto o método e a metodologia do trabalho. Talvez esta tentativa de subverter a ordem dos fatos não se apresente como a melhor maneira de comunicar sobre as coisas. Porém, ela é uma tentativa, e como toda tentativa, corre o risco de ser ou não validada.

O fato é que pensei e escolhi este povoado enquanto refletia sobre o método: Como relacionar a teoria e a empiria no trabalho? Como seria possível captar o fenômeno, a partir de uma abordagem fenomenológica, a partir de lugares e pessoas que eu já conhecia? Questionamentos como estes me levaram a pensar em um lugar, que embora conhecesse através dos olhares de outros indivíduos (familiares, amigos e notícias jornalísticas) ainda não conhecia pelos meus próprios sentidos.

É evidente que o fato de ter experiências acumuladas em um lugar, assim como a elaboração de pensamentos a seu respeito, não invalide a sua investigação, nem tampouco impossibilite de proceder de acordo com a metodologia aqui proposta. Esta não é a questão. A razão que me induziu a pensar neste lugar foi a possibilidade de refletir acerca de como o objeto de pesquisa se constitui para mim, enquanto pesquisadora e autora deste trabalho. A tentativa é a de cercar contextos e a conjuntura de pesquisa em situações que eu mesma construí (SERPA, 2016b). O caso é que desejei olhar um lugar pela primeira vez, ao invés de intentar me desfamiliarizar com uma realidade que antes já conhecia. A possibilidade de percorrer uma *terrae incognitae* era pulsante (WRIGHT, 2014).

Embora permanecesse consciente das questões que envolvem esta pesquisa, tanto quanto das intenções de estar ali, procurei ao máximo não formular hipóteses sobre o

lugar. A intenção é “[...] fazer o mundo aparecer tal como ele é antes de qualquer retorno sobre nós mesmos [...]” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 13). Neste sentido, estar em Cachoeira das Araras pela primeira vez era uma possibilidade de me abrir para o mundo; de experienciar o novo e não levar comigo as concepções já alicerçadas desde a infância no espaço urbano de Vitória da Conquista.

5.1 Intencionalidade

A relação sujeito-objeto é central na reflexão que envolve a produção do conhecimento. Devido a isso, a noção de intencionalidade é considerada um dos principais fundamentos da Geografia Humanista. Para Holzer (1998, p. 21), a noção de intencionalidade na fenomenologia caracteriza “[...] uma nova relação entre sujeito e objeto, entre o pensamento e o ser, uma ligação onde eles são inseparáveis e sem a qual nem a consciência nem o mundo seriam compreensíveis [...]”. Para ele, a intencionalidade “[...] coloca a consciência e objeto não como duas entidades separadas por natureza, mas que se definem por sua correlação [...]” (HOLZER, 1998, p. 21).

A intenção é buscar descrever, em situação, como a coisa surge à consciência e como a consciência percebe a coisa⁸. Tanto a coisa em si mesma, como a consciência em si mesma não interessam. O foco é justamente a consciência que intenta algo e, portanto, justamente a relação sujeito-objeto. Para Merleau-Ponty (2011, p. 16, grifos meus),

Graças a essa noção ampliada da intencionalidade, a ‘compreensão’ fenomenológica distingue-se da ‘intelecção’ clássica, que se limita às ‘naturezas verdadeiras e imutáveis’, e a fenomenologia pode tornar-se uma fenomenologia da gênese. *Quer se trate de uma coisa percebida, de um acontecimento histórico ou de uma doutrina, ‘compreender’ é reapoderar-se da intenção total [...].*

Da mesma forma que a consciência é sempre intencional, “[...] não há uma palavra, um gesto humano, mesmo distraídos ou habituais, que não tenham uma significação” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 16-17). A intencionalidade é o sentido que conduz a ação; se dirige a um objeto, seja ele real ou imaginário. Finalmente, “todas as explicações econômicas, psicológicas, de uma doutrina são verdadeiras, já que o pensador

⁸ Este procedimento foi utilizado tanto para o universo dos entrevistados quanto para mim – pesquisadora em situação.

pensa sempre a partir daquilo que ele é [...], não existe acidente puro na existência nem na coexistência” (MERLEAU-PONTY, 2011, p.17-18) o que existe é aquilo que a consciência intenta.

Como a finalidade de toda fenomenologia é colocar no presente, num tempo de extrema tensão, a tomada de consciência, impõe-se a conclusão de que não existe fenomenologia da passividade no que concerne aos caracteres da imaginação. Para além do contra-senso em que se incorre com frequência, lembremos que a fenomenologia não é uma descrição empírica dos fenômenos. Descrever empiricamente seria uma subserviência ao objeto, ao erigir em lei a manutenção do sujeito em estado de passividade. A descrição dos psicólogos pode, sem dúvida, fornecer documentos, mas *o fenomenólogo deve intervir para colocar esses documentos no eixo da intencionalidade* (BACHELARD, 1988, p. 4, grifos meus).

Se escrevo este trabalho utilizando o verbo em primeira pessoa é justamente porque comunico aquilo que vejo e penso do mundo. “Isso significa que as essências não têm existência alguma fora do ato de consciência que as visa e do modo sob o qual ela os apreende na intuição” (DARTIGUES, 1992, p. 18). Portanto, julgo ser importante deixar vivo ao leitor de onde se fala, quando se fala e, principalmente, quem está falando. Ao descrever as percepções, experiências e atitudes ambientais inerentes ao fenômeno da seca em Cachoeira das Araras, não deixo de estar falando das minhas próprias percepções, experiências e representações. Pois,

a intencionalidade pressupõe que não há objetos e sujeitos que existem em si mesmos, para depois se ligarem uns aos outros. O sujeito só pode ter sentido em sua relação com o objeto, e de igual modo, o objeto pressupõe em si o fato de estar ligado a subjetividade. Logo, não há duas entidades independentes. A relação sujeito-objeto deve ser compreendida na sua totalidade, sem se fragmentar. Trata-se portanto, de uma relação de intenção, onde ser um sujeito implica em ser já vinculado ao mundo [...] (SIANI, CORREA, CASAS, 2016, p. 204-205).

5.2 Redução fenomenológica

Para Holzer (1998, p. 22), a redução fenomenológica é definida como a “[...] realidade existindo independentemente dos atos de consciência ou, de modo mais simples, da ‘colocação entre parênteses’ da realidade como é concebida pelo senso comum”. Segundo ele, foi a partir desta concepção de seu significado que a redução fenomenológica foi considerada uma noção importante pela Geografia Humanista.

Para Merleau-Ponty (2011), a “melhor fórmula” da redução, é sem dúvida a admiração diante do mundo. Segundo ele,

A reflexão não se retira do mundo em direção à unidade da consciência enquanto fundamento do mundo; ela toma distância para ver brotar as transcendências, ela distende os fios intencionais que nos ligam ao mundo para fazê-los aparecer, ela só é consciência do mundo porque o revela como estranho e paradoxal (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 10).

Para que possamos realmente ver o mundo é preciso romper nossa familiaridade com ele. No entanto, não deixemos nos enganar, “o maior ensinamento da redução é a impossibilidade de uma redução completa [...] se fôssemos o espírito absoluto, a redução não seria problemática. Mas porque, ao contrário, nós estamos no mundo [...]” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 10) que ela se apresenta enquanto possibilidade limitada.

Serpa (2016a, p. 29), ao descrever um exercício de redução fenomenológica experienciado por seus alunos examina que “o maior ganho desse tipo de procedimento parece ser a conscientização pelos participantes de que nem o mundo nem a paisagem são dados absolutos ou externos aos seres humanos, mas se constituem neles e a partir deles [...]”. Portanto, a redução fenomenológica “[...] não é a ‘fórmula de uma filosofia idealista’, mas sim a ‘fórmula de uma filosofia existencialista’, radicalmente humanista e centrada nos seres humanos” (SERPA, 2016a, p. 29).

Aqui a intenção foi a de descrever a manifestação do fenômeno da seca em Cachoeira das Araras enquanto tentativa voltada à experiência do mundo. A ideia é de reverter a autoridade da teoria e do conhecimento científico. Desta forma, procurei não me prender ao que a ciência formal tem a dizer sobre os fenômenos que se passam no lugar. O indivíduo, habitante do povoado, aquele que em sua geograficidade percebe e experiencia os fenômenos e eu, a pesquisadora que vos fala, somos quem anima este trabalho.

5.3 Descrição fenomenológica

É sabido que em fenomenologia não se intenta explicar e nem analisar um dado fenômeno. A intenção é a de descrever e o compreender em situação. O entendimento da descrição em fenomenologia é diferente daquela perspectiva atrelada a Geografia

tradicional. Não se busca listar os objetos que aparecem à sorte da vista. Aqui o que ocorre é a “tentativa de uma descrição direta de nossa experiência tal como ela é” (MERLEAU-PONTY, 2011, p.2).

“Não se trata de uma descrição passiva das situações vividas, mas de uma descrição para entender melhor determinadas situações [...]” (GOMES, 1997, p. 317). Neste trabalho a descrição é tratada como procedimento pelo qual se dirigem os sentidos na intenção de apreender uma realidade e assim poder comunicá-la. A descrição é situada e acompanhada de reflexão e envolve o processo de compreensão das situações de pesquisa. “[...] Com a descrição, o pesquisador revela sua consciência da experiência e nos convida para segui-lo na tarefa de transformá-la (reduzi-la) em consciência da consciência” (GOMES, 1997, p. 330).

5.4 Estratégia de abordagem e situações de entrevista

O estabelecimento do contato inicial com os agentes de pesquisa ocorreu mediante a apresentação da finalidade da visita. De acordo com Gil (2006, p. 116), “[...] o objetivo da pesquisa [...] sua importância para a comunidade ou grupo pesquisado e, particularmente, a importância da colaboração pessoal do entrevistado” são as estratégias mais adequadas para se iniciar um diálogo. A intenção foi deixar evidente, desde o início, que os diálogos ali estabelecidos e as situações ali vivenciadas seriam utilizados como principal fonte de conhecimento a compor esta dissertação de mestrado.

As entrevistas, inicialmente, foram semiestruturadas, portanto seguiram um roteiro pré-estabelecido e tematizado de acordo com os objetivos da pesquisa (apêndice 1). Esta foi a maneira inicial a partir da qual planejei iniciar o diálogo.

O roteiro inicial foi o que me serviu de guia, pois ele apresentou “[...] uma ordem lógica elucidativa – de solicitações gerais a específicas durante a entrevista – e/ou de complexidade – de questões mais simples para as mais complexas” (RANIERI; BARREIRA, 2010, p 3).

A partir deste plano flexível e aberto às distintas reverberações dos entrevistados, novas questões surgiram e outras formas de comunicação foram elaboradas. Porém, logo após segundo campo, quando ocorreram as primeiras entrevistas, novas questões foram pensadas. Percebido as inquietações e emergências advindas dos próprios agentes de

pesquisa, os diálogos transcorreram sem pautas pré-definidas. Neste sentido, novas perguntas surgiram, novas situações ocorreram (como será visto e aprofundado no item 5.8). As circunstâncias ocorriam de acordo o conteúdo a ser narrado pelo entrevistado. Conforme Ranieri e Barreira (2010, p 4),

o despertar das perguntas nasce de um desconforto, de um vazio compreensivo que corresponde a um sentido não preenchido intuitivamente, não captado explicitamente naquilo que o faz, o sustenta, mas captado apenas como sentido aludido, referido, sinalizado, indicado ou insinuado. A questão retoma algo desse sentido vazio solicitando justamente que a experiência que implicitamente o faz seja dita a fim de que se o preencha.

Perguntas que não foram estipuladas antecipadamente atuam como forma de evidenciar um fenômeno que aparece durante o relato. Elas buscam suscitar no indivíduo “[...] a retomada das experiências ou o aprofundamento/elucidação no momento da entrevista, e sua consequente descrição” (RANIERI; BARREIRA, 2010, p. 4). Finalmente,

[...] além do rigor estrutural do fazer pesquisa, há o destaque e atenção para aquilo que é humano, enfatizando uma dimensão ética fundamental, propósito das ciências humanas quando fiéis à atenciosidade pelo outro. Porém, o diferencial da perspectiva fenomenológica é justamente poder tematizar – localizando, identificando, diferenciando, confirmando – tanto o objeto foco da pesquisa, como os passos da mesma, sem escapar do âmbito da mesma investigação [...] este movimento revela a preocupação constante com o rigor em pesquisa, a intenção de *voltar às coisas mesmas* (RANIERI; BARREIRA, 2010, p 7, grifos dos autores).

Nesta pesquisa a intenção foi a de priorizar a geograficidade que os indivíduos acumulam ao longo de suas experiências de vida. Esta relação reflete um saber acerca dos fenômenos que envolvem a seca e as vulnerabilidades a ela associados enquanto fenômeno vivido. Desta forma, as entrevistas são consideradas fontes fundamentais sobre as coisas. Este procedimento metodológico intenta priorizar o olhar fenomenológico dos habitantes do povoado em sua geograficidade do lugar. Para Marandola Jr. e Hogan (2006, p.37, grifo dos autores),

Quando se adota a abordagem do lugar, entretanto, nem sempre é necessário definir *a priori* os perigos que serão analisados [...] nesse caso, manter uma postura aberta diante do objeto de pesquisa permite que, mesmo que tenham

sido definidos os perigos que serão investigados (e a vulnerabilidade a eles) durante o seu desenvolvimento haverá oportunidade de descobrir outros elementos que interferem no desenho da vulnerabilidade daquela população, sociedade ou lugar.

As entrevistas sustentaram toda a reflexão aqui empreendida, tanto pela sua capacidade como ferramenta metodológica, quanto pelo seu potencial em transformar a pesquisa e a pesquisadora⁹.

5.5 Estratégia de amostragem?

“De modo geral, as pesquisas sociais abrangem um universo de elementos tão grande que se torna impossível considerá-los em sua totalidade” (GIL, 2006, p. 99). Por conta disso, é fundamental que o pesquisador pense e elabore uma estratégia de amostragem. Haja vista a impossibilidade de entrevistar todos os indivíduos deste universo, optei por utilizar a amostragem não-probabilística de acessibilidade ou conveniência.

Embora o recorte definido tenha sido o povoado de Cachoeira as Araras, os locais onde se realizaram as entrevistas não foram definidas *a priori*. Eles se tornaram conhecidos conforme iniciada a experiência de campo. Portanto, as entrevistas ocorreram com aqueles indivíduos a partir dos quais eu pude ter acesso e que aceitaram participar da pesquisa. Foram abordadas aquelas pessoas que estavam nas ruas, nas casas próximas aos principais caminhos do povoado e ainda aquelas cuja indicação foi realizada pelos meus conversantes. Neste sentido, as entrevistas ocorreram, primeiramente, conforme os critérios de acessibilidade, conveniência e voluntarismo.

É importante destacar que a preocupação não se concentra na quantidade de entrevistas realizadas. O que as validam, neste trabalho, é o que se diz e como se diz. Não procurei por uma fonte exaustiva de obtenção de dados. E sim por um universo de situações prazerosas que me revelassem o valor real do ser-no-mundo.

⁹ A reflexão acerca das situações de entrevistas enquanto ferramenta metodológica para a pesquisa é uma prática recorrente empregada pelo grupo Espaço Livre de Pesquisa-Ação. Vide os trabalhos de Patricia Chame Dias (2016), “Trabalho e lazer na metrópole: lugares e fluxos das diferentes classes sociais na região metropolitana de Salvador”, e de Caroline Bulhões Nunes Vaz (2016), “Os sertões pelos sertanejos: identidade, representação e regionalização nos territórios de identidade Sertão Produtivo e Sertão do São Francisco”.

5.6 Estratégias de documentação da pesquisa

Para a realização das experiências de campo foi utilizado um caderno de anotações e um aparelho telefônico equipado com câmera fotográfica. Estes instrumentos me permitiram registrar tanto as circunstâncias de campo que envolveram as experiências dos sentidos e das sensações, quanto descrever as situações de entrevista.

As entrevistas foram registradas em áudio, embora, em muitas situações, tenham surgido de conversas informais. Portanto, elas extrapolaram o registro por meio de instrumento eletrônico. Neste caso, a minha memória atuou como mediadora entre a fala do entrevistado e o seu registro através de posterior transcrição.

A transcrição e organização das entrevistas foram realizadas em momento seguido ao de sua realização. Em seguida, elas foram agrupadas em grandes categorias, conforme o eixo temático e o tema predominante, no intuito de facilitar a sua organização e acesso, de modo a contemplar os objetivos desta pesquisa.

Quanto às imagens fotográficas aqui utilizadas, elas têm o sentido de registrar aquilo que foi experienciado em campo; “[...] são um caminho para interpretar a paisagem, já que a sociedade, também por meio das imagens, representa-se e imagina-se” (PIDNER, 2017, p. 4).

5.7 Etapas do trabalho de campo

“[...] toda informação é inspirada, editada e distorcida pelo sentimento” (LOWENTHAL, 1961, p. 257, tradução nossa)¹⁰.

O trabalho de campo foi estruturado em três etapas distintas: *pré-campo*, *campo* e *pós-campo*. A fase *pré-campo* consistiu, de forma geral, nos preparativos necessários para a realização do campo propriamente dito. Nesta etapa, além da organização da logística necessária para a ida ao município de Vitória da Conquista, ao distrito do Pradoso e ao Povoado de Cachoeira das Araras, bem como dos materiais necessários para tal empreitada, foi necessário pré-selecionar os lugares a serem visitados, de acordo com o

¹⁰ [...] all information is inspired, edited, and distorted by feeling.

recorte espacial proposto para a pesquisa: O povoado de Cachoeira das Araras. A etapa *campo* foi dividida entre os momentos de ida ao campo e os momentos de reflexão *pós-campo*.

Quadro 4: Etapas do trabalho de campo e pós-campo

Etapas		Atividades
Pré-campo		- Pré-seleção do recorte espacial de pesquisa; - Organização da logística do campo.
Campo	Campo 1	- Primeira visita ao povoado de Cachoeira das Araras; - Experiência perceptiva da paisagem.
	Pós-campo 1	- Definição do recorte espacial de pesquisa; - Reflexão acerca das entrevistas.
	Campo 2	- Realização de entrevistas semiestruturadas; - Visita a diferentes lugares e domicílios do povoado; - Estabelecimento de contatos com agentes locais de pesquisa para o campo 3.
	Pós-campo 2	- Transcrição de entrevistas; - Delineamento de situações; - Reflexão e adequação das entrevistas para o campo 3.
	Campo 3	- Realização de entrevistas semiestruturadas e não estruturadas; - Visita a diferentes lugares e domicílios do povoado; - Identificação dos atores-chave do lugar.
	Pós-campo 3	- Transcrição de entrevistas; - “Cercamento” dos contextos de pesquisa.
	Campo 4	- Realização de entrevistas finais não-estruturadas; - Vivência em campo.
Pós-campo final		- Estratégias de documentação da pesquisa; - Descrição e reflexão; - Escrita da dissertação.

Elaboração: Jéssica Gleizer, 2018.

Por fim, a etapa intitulada *pós-campo final* refere-se ao momento da organização das entrevistas, seguida da descrição e reflexão de todo o fazer científico e do campo, além da escrita desta dissertação.

5.8 Reflexões do trabalho de campo

As teorias tendem a ser recipientes claros e bem talhados feitos para receber os conteúdos limosos e lamacentos da experiência (Zygmunt Bauman).

Escrevo este tópico com a intenção de compartilhar experiências, sentimentos e, principalmente, os conflitos teórico-metodológicos que me acompanharam durante a realização das atividades de campo, bem como das reflexões que envolvem os momentos de retorno ao pensamento reflexivo do gabinete.

Mudanças de rotas, expectativas e frustrações não são novidades. Desde a minha descoberta pessoal de uma Geografia sensível ao mundo me sinto transeunte entre aquilo que é e o que ainda pode ser. A possibilidade de re(pensar) novas coisas e de re(escrever) novas rotas para esta pesquisa foi uma atividade constante.

‘Atrás’ dos fenômenos da fenomenologia não há absolutamente nada. Contudo, aquilo que deve tornar-se fenômeno pode velar-se. A fenomenologia é necessária justamente porque, numa primeira aproximação e na maioria das vezes, os fenômenos *não* estão dados. O conceito oposto de ‘fenômeno’ é o conceito de encobrimento (HEIDEGGER, 2015, p. 75-76, grifos do autor).

Este é um espaço para compartilhar a perspectiva do trabalho de campo enquanto potencialidade transformadora do fazer científico. Cada visita a Cachoeira das Araras abria uma nova perspectiva; nova possibilidade surgia. Para cada pergunta acerca do que se tratava a pesquisa nascia uma resposta diferente. Se é que havia uma resposta! Alguns podem considerar esta inconstância um ponto de fraqueza. Prefiro acreditar que não. O fato é que fui convencendo-me que as possibilidades podem ser instigantes.

O estudo de uma perspectiva é, muitas vezes, confessar os limites, mais do que as certezas. Uma perspectiva que está em permanente confronto com a existência histórico-geográfica que ora faz avançar ora faz recuar a sensibilidade cultural do sujeito em face de cada descoberta. Uma perspectiva que, ao mesmo tempo em que limita, mostra-se importante à necessária correspondência para com o mundo da vida (MARINHO, 2010, p. 12, grifos meus).

Em Cachoeira das Araras realizei entrevistas que foram ao mesmo tempo reveladoras de situações e fugidias a alguns dos meus propósitos de pesquisa. Para aqueles que acumulam experiências em pesquisas sociais sabem que é desta forma que a realidade costuma aparecer para o pesquisador: um misto de revelações e vazios. Vazios

que não sabemos como preencher e revelações que não encontramos aonde “encaixar”. A questão é que as vezes nossas estantes estão tão cheias de teorias “arrumadinhas” que não caberia sequer um ensaio novo, proveniente da experiência.

Novas "coisas" surgiram, como era de se esperar. Porém, na contramão, senti o choque que só a realidade poderia me dar: nem tudo que se intenta perguntar será respondido... nem tudo dito estará dentro dos limites que pensávamos ter estabelecido. Enfim, a cada dia fui me convencendo que se quisermos ser sensíveis a uma realidade precisamos deixar os caminhos, e principalmente o pensamento, aberto.

É evidente que ao longo do desenvolvimento das entrevistas novas inquietações e indagações reverberaram em mim. O encontro com o outro é um momento de abertura e de possibilidades.

A entrevista explora o mundo vivido do entrevistado, definido como experiência consciente, e está a procura do sentido que este mundo vivido tem para o entrevistado. Neste processo, a consciência do entrevistador, como expressa no roteiro da entrevista, modifica-se, amplia-se, atualiza-se na interação com o entrevistado. O movimento corretivo é possível pela reversibilidade das percepções e expressões do entrevistador e do entrevistado. O entrevistador deixa-se conduzir pela expressão do entrevistado e oferece suas percepções, reduzidas na expressão, para serem especificadas pelo entrevistado. Notem a mediação da linguagem (verbal e não-verbal) criando momentaneamente uma mutualidade de experiência entre os dois comunicantes (GOMES, 1997, p. 321).

O campo não precisa firmar um pacto com a teoria que o precede. Eles podem brigar e fazer as pazes continuamente. Podem também inverter a posição durante o jogo, ou ainda jogar juntos. Para Tricart (2006, p. 108) “é falso opor uma geografia ‘teórica’ a outra, que seria a ciência do ‘concreto’. Teoria e observação são indissociáveis [...]”. E por esse motivo devem se complementar mutuamente. O confronto entre o que se espera e aquilo que se vê é essencial e deve ser constante.

Tanto as novas experiências de leituras e, principalmente, o campo me fizeram revisitar a teoria e construir novos propósitos de pesquisa por diversas vezes. Poderia listar uma série de mudanças muito significativas realizadas neste trabalho desde a minha entrada no POSGEO (parte destas mudanças foram tratadas no capítulo 2: Caminhos de pesquisa).

Mesmo após a decisão de concentrar no recorte do povoado, algumas rotas foram abandonadas na medida em que outras iam surgindo. A intenção, antes da primeira ida a campo, era descrever como a vulnerabilidade ambiental se desenhava na paisagem e quais

eram os respectivos lugares de risco do povoado. O objetivo era construir representações cartográficas individuais da vulnerabilidade ambiental. Porém, logo essa missão tivera que ser abortada. Os indivíduos com os quais conversava estavam mais interessados em me contar sobre o seu cotidiano, sobre como era viver em ambiente semiárido e quais eram as suas estratégias para continuar vivendo, de forma tofófica (BACHELARD, 2000; TUAN, 2012), o lugar que se ama.

Porque não mudar tudo de novo?

A dialética baseada no trabalho de campo é, portanto, um elemento indispensável da percepção objetiva dos dados de base do raciocínio científico; quando ela está ausente, elaboram-se teorias que só têm relações longínquas com a realidade perceptível e que, por esse motivo, não têm qualquer utilidade social, pois não podem orientar a ação (TRICART, 2006, p. 107).

As mudanças não foram apenas de forma e conteúdo, foram, sobretudo, mudanças de perspectiva em direção ao olhar geográfico ativo e sensível diante do mundo. “É comunicando-nos com o mundo que indubitavelmente nos comunicamos com nós mesmos” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 569). Preciso confessar ao leitor que todo esse movimento não teve a intenção de esgotar-se.

Figura 9: Céu, horizonte e galhos



Foto: Jéssica Gleizer, 2017.

O objetivo aqui é elucidar e discutir aspectos das primeiras situações de entrevistas realizadas com alguns dos agentes de pesquisa habitantes do povoado de Cachoeira das

Araras. A intenção é avaliar o uso do roteiro pré-estabelecido apresentado em página anterior (Apêndice 1) utilizado como guia inicial.

É evidente, conforme já compartilhei em linhas anteriores, que a finalidade desta proposta e a sua realização não ocorreram conforme pensado *a priori*. Portanto, a ideia é compartilhar com o leitor aquilo que foi planejado e o que se afastou do esperado. A tentativa é de tornar visível não apenas o que deu certo, mas as situações e os esforços que levaram o pensamento a tropeçar e alterar de direção.

Todos os agentes de pesquisa solicitados a responder as perguntas e conversar sobre o povoado aceitaram a proposta. Cada um, ao seu modo, encontrava a maneira de me dizer mais do que estava inicialmente sendo solicitado. Outros respondiam as perguntas “ao avesso” do que eu estava buscando:

– *Você gosta de morar aqui?* – Pergunto.

– *Gosto sim. Não tenho porque não gostar [...] aqui não existe perigo.* – Responde Aluízio – *51 anos, lavrador*¹¹.

O que fazer agora? A intenção desta pesquisa não era a de investigar a vulnerabilidade ambiental, os riscos e perigos relacionados a ação da água no povoado? Enquanto eu acreditava que os riachos de regime intermitente que margeiam e cortam o povoado eram capazes de levar insegurança e medo aos habitantes, ouvia deles depoimentos que demonstravam o amor pelo lugar e as maneiras pelas quais eles coexistiam com o fenômeno da seca.

– *Água é... a coisa mais principal é a água. Sem a água ninguém vive. Porque se não tem água fica difícil, a pessoa é... viver. Porque se tivesse água... Cachoeira das Araras tivesse água não precisava de lugar melhor... não precisava de lugar melhor. Mas, sobre a água a gente tem de... é... rogar a Deus pra mandar chuva pra encher as barragem, porque a água... é a coisa mais importante que tem na vida de uma pessoa. Porque sem a água ninguém vive. Você precisa da água pra tudo. A água é vida e você precisa pra tudo. Mas quando não tem a água... aliás, tem, porque sem a água ninguém vive, né? Só que não tem permanente, porque não tem rio de minação. As vezes não tem*

¹¹ Escolhi não legendar as falas dos entrevistados e nem as colocar como citações. Elas são o texto deste trabalho e, por isso mesmo, a sua escrita é apresentada desta forma.

poço artesiano. Quando abre um poço artesiano a água é salgada. Mas... a gente estamos vivendo (Antônio, 2017) – 73 anos, lavrador e presidente da Associação de Moradores do povoado¹².

É importante ressaltar que tiveram entrevistados que responderam essas mesmas perguntas conforme o “planejado”, demonstrando os riscos iminentes dos riachos em períodos de chuva. Afinal, a topofilia não exclui a insegurança, o afeto não anula o medo. “[...] O espaço percebido pela imaginação não pode ser o espaço indiferente entregue à mensuração e à reflexão do geômetra. É um espaço vivido. E vivido não em sua positividade, mas com todas as parcialidades da imaginação (BACHELARD, 2000, p. 19).

– No período da chuva o que a gente vê é que ela desmantela as estradas. Os ônibus não podem levar as criança na escola. Ela tipo... tem um rio que as vezes embarroca e não tem como os carro passar e as moto. Quem mora lá pro outro lado do rio, igual eu moro, aí já é mais complicado. Toda vez que chove lá não vai moto e nem carro [...] Quando está chovendo mesmo, tem vezes que fica um tempão sem ir pra escola por causa do rio. – Roseane (2017) – 19 anos, estudante.

Houveram ainda depoimentos que acionaram a memória ao relatar eventos de perigo. É evidente que existem riscos e perigos relativos ao período chuvoso. Se a opção fosse a de continuar seguindo este caminho, certamente acharia uma resposta: a de que os rios e riachos, quando em período de cheias, oferecem riscos reais e expõem os moradores do povoado a eventos de perigo.

Estradas que margeiam leitos de rios, ou até mesmo os cortam, são imagens comuns de se ver pelo caminho (Figura 10). Em alguns trechos chegam a se embarçar e nos confundir: “Esse caminho foi traçado pela natureza ou por alguém?”, refleti por diversas vezes.

Vale salientar a tentativa de construção de mapas mentais. Após a realização da entrevista solicitei a cada entrevistado que elaborasse, de forma livre em folha de papel ofício, um mapa mental – obviamente, não fiz o uso desta expressão, mas o de desenho, esquema ilustrativo, etc. – do povoado. Alguns o realizaram, enquanto outros,

¹² Os nomes dos entrevistados, assim como as informações referentes a profissão de cada um, foram mantidos conforme eles se identificaram para mim.

principalmente os mais velhos, se sentiram inibidos em realizar tal tarefa. Percebi que o ato de empunhar um lápis e direcioná-lo a uma folha de papel não era uma tarefa comum para eles e talvez isso os deixassem desconfiados da atividade.

Figura 10: A estrada, rio e a cancela



Foto: Jéssica Gleizer, 2017.

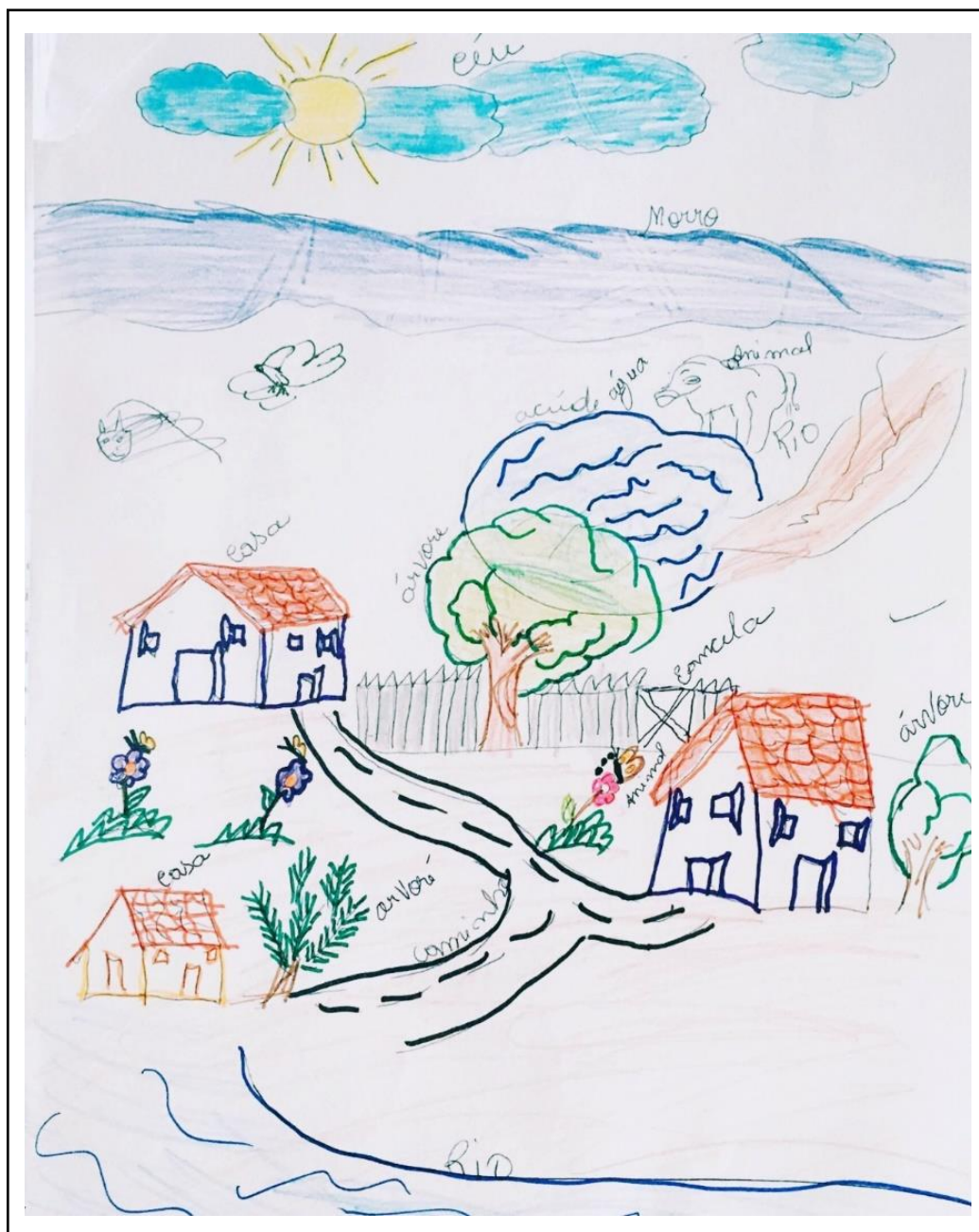
Uma rápida análise dos mapas torna possível identificar a retratação cuidadosa dos elementos mais significantes da paisagem de Cachoeira das Araras conforme a experiência individual das entrevistadas. Em ambos os mapas se nota a representação dos rios que margeiam e cortam as ruas povoado. Tanto em suas falas, quanto em suas representações é notável a admiração pela paisagem e o prazer de habitar o lugar.

As figuras 11 e 12 são os mapas mentais elaborados pelas entrevistadas Roseane e Priscila, respectivamente, quando solicitado que representasse o povoado de Cachoeira das Araras, os lugares importantes, a presença/ausência de água e suas alternâncias no decorrer das estações do ano e os lugares que apresentavam riscos aos moradores.

Talvez a realização de uma oficina criativa em antecedência a este momento mostrasse um resultado diferente. No entanto, a escolha pela não realização de oficinas

foi uma opção consciente pautada no fato de que a criatividade e a liberdade de técnicas procedessem dos próprios agentes de pesquisa.

Figura 11: Mapa mental de Roseane



– Gosto de morar aqui... e muito! (Roseane, 2017).

Figura 12: Mapa mental de Priscila



– Prefiro morar aqui porque conheço as pessoas (Priscila, 2017).

Ressalto nestas últimas linhas a importância de valorização dos momentos de construção e reconstrução tanto do pensamento quanto dos caminhos de pesquisa. Confesso para o leitor, não foi tarefa fácil de ser empreendida. No entanto, quando a crise do pensamento se instala, e o campo não compactua com a teoria previamente estabelecida, é hora de repensar o método de abordagem, tarefa realizada neste trabalho.

6 ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA DA SECA

O termo ‘fenomenologia’ não evoca o objeto de suas pesquisas nem caracteriza o seu conteúdo quididativo. A palavra se refere exclusivamente ao modo *como* se demonstra e se trata o *que* nesta ciência deve ser tratado. Ciências ‘dos’ fenômenos significa: apreender os objetos *de tal maneira* que se deve tratar de tudo que está em discussão, numa demonstração e procedimentos diretos (HEIDEGGER, 2015, p. 74, grifos do autor).

Do que se trata o fenômeno da seca? As respostas para esta pergunta são tão ilimitadas quanto as inquietações e objetivos que movem o mundo de quem se empenha em respondê-la. O contexto da resposta, de modo geral, acaba por situar-se entre dois polos: aquele que se ocupa da enumeração dos aspectos de natureza física (fatores atmosféricos, disponibilidade hídrica do solo, etc.) e aquele que procura discutir circunstâncias de ordem econômica e social (sistema capitalista de produção e a produção de desigualdades). As dimensões de análise deste fenômeno e as questões envolvidas em seu estudo dependem, sobretudo, da atitude teórico-metodológica adotada em cada trabalho científico.

O caminho aqui escolhido não teve a pretensão¹³ de abranger nenhuma dessas perspectivas de análise, ao mesmo tempo em que não se definiu por excluí-las. Também não procurou se enquadrar nas perspectivas de “combate à seca” e de “convivência com o semiárido”, modelos paradigmáticos tão discutidos na atualidade. Tampouco procurou incriminar a natureza para absolver homens e mulheres ou vice-versa.

Os esforços deste trabalho se concentraram em descrever as manifestações deste fenômeno a partir de situações que se realizaram no lugar. Se o objeto de investigação é a experiência consciente do indivíduo que percebe e experiencia a manifestação do fenômeno da seca, logo os caminhos não poderiam ser definidos aprioristicamente, mas a partir da realidade do cotidiano.

Toda imagem e ideia sobre o mundo é composta, então, de experiência pessoal, aprendizado, imaginação e memória. Os lugares em que vivemos, aqueles que visitamos e viajamos, os mundos em que lemos e vemos em obras de arte, e os reinos da imaginação e da fantasia contribuem para nossas imagens da natureza e do homem. Todos os tipos de experiência, desde aquelas mais intimamente ligadas ao nosso mundo cotidiano como aquelas que parecem mais afastadas,

¹³ No sentido de ter em mente como objetivo; planejar; se empenhar em; cogitar.

se unem para fazer nossa imagem individual da realidade (LOWENTHAL, 1961, p. 260, tradução nossa)¹⁴.

Aqui o fenômeno da seca é tomado como tudo aquilo que aparece na fala dos entrevistados. O seu significado é revelado através das palavras e das atitudes daqueles que habitam o lugar. Julgo ser fundamental assumir as dimensões de análise que escolhi priorizar neste trabalho, ao mesmo tempo, reconheço a infinitude de diferentes apreciações do fenômeno que poderiam ter sido aqui consideradas, pois, de fato, trata-se de um fenômeno complexo e multiescalar.

O debate ambiental abarca diferentes escalas temporais, inscritas no mesmo tempo histórico do aqui-e-agora, na medida em que temos de agir (1) na conjuntura concreta e cotidiana que (2) estamos vivendo, temos a percepção de que (3) estamos inscritos num processo que é histórico, que transcende o nosso cotidiano, dele fazendo parte, e, ao mesmo tempo, estamos imersos num tempo civilizatório (TUAN, 2012, p. 139).

Figura 13: Cisterna da casa de Vera

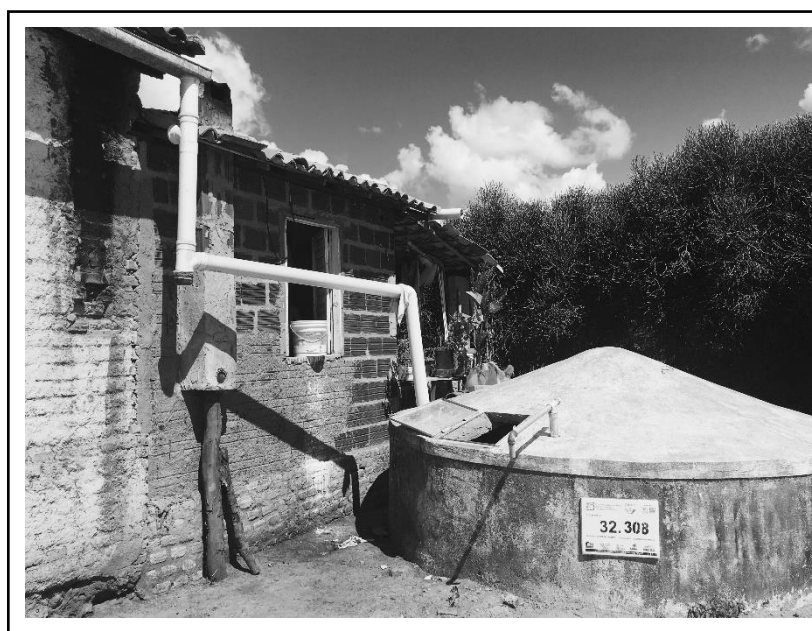


Foto: Jéssica Gleizer, 2018.

¹⁴ Every image and idea about the world is compounded, then, of personal experience, learning, imagination, and memory. The places that we live in, those we visit and travel through, the worlds we read about and see in works of art, and the realms of imagination and fantasy each contribute to our images of nature and man. All types of experience, from those most closely linked with our everyday world to those which seem furthest removed, come together to make up our individual picture of reality.

6.1 Experiência perceptiva da paisagem: encontro com o povoado de Cachoeira das Araras

[...] toda informação é inspirada, editada e distorcida pelo sentimento (LOWENTHAL, 1961, p. 257, tradução nossa)¹⁵.

Nesta narrativa escolhi não teorizar, ou seja, não adotar referências teóricas e metodológicas; apenas dizer o que se passou no lugar e em mim. As próximas linhas não renderão muitas laudas. Afinal, este nunca foi o objetivo proposto. Aqui, o acontecer dos fenômenos e da percepção – a realidade experiencial – se mistura com o pensar, o juízo e a memória (ação empreendida no futuro dos fenômenos).

...

Quinta-feira do dia 22 de junho de 2017. Cidade de Vitória da Conquista - Bahia. Naquela semana estava em visita à minha família materna. Fui aproveitar o recesso acadêmico, em virtude dos festejos do São João, além de realizar a primeira atividade de campo relativo a este trabalho de mestrado.

Sentia o tempo frio! O dia estava nublado, propriedade normal de experienciar nesta época do ano na cidade. O coração estava quente, característica normal de sentir neste lugar do mundo. No entanto, outros sentimentos também dividiam o espaço dentro de mim: estava ansiosa e apreensiva... pois, neste dia iniciaria o caminho das minhas primeiras experiências de campo. Uma novidade! Primeira vez que planejo ir a lugares que eu mesma escolhi visitar, investigar, sentir...

Partimos – Meu pai, meu irmão, Vera e eu – de Conquista em direção ao distrito de Pradoso. À medida em que avançávamos pela BA-262, nos poucos quilômetros de estrada que separam a sede urbana de Conquista da sede urbana de Pradoso, procurava me despir das transcendências em tentativa de me entregar apenas aos sentidos e a imanência dos fenômenos que estavam por vir. Embora soubesse que essa nudez não poderia ser totalmente realizável, busquei “limpar a mente” das preocupações acadêmicas. Fiz esforço em não pensar nas minhas questões, nas minhas leituras e nos meus prazos...

¹⁵ [...] all information is inspired, edited, and distorted by feeling.

Embora soubesse a medida em quilômetros que o separava de Conquista - 12km, sendo mais precisa - não imaginava que a viagem se realizaria em tão pouco tempo.

Estávamos em Pradoso.

Visão! Era esse o sentido mais acionado naquele momento: casas pequenas de paredes coloridas, praças movimentadas, crianças correndo, campo de futebol, cadeiras na calçada em frente à porta de casa, pequeno posto de saúde, grande placa da Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista (PMVC), fila na padaria... Será que em algum momento vou parar de definir todas as coisas que vejo?

“Matuto no meio da pista
menino chorando nu
rolo de fumo e beiju
colchão de palha listrado
um par de bêbo agarrado
preto véo rezador
jumento, jipe e trator
lençol voando estendido
isso é cagado e cuspidado
paisagem de interior [...]” – Jessier Quirino – Paisagem de interior.

Quem nos guiava pela estrada era Vera, habitante de Cachoeira das Araras desde o nascimento até o agora. Além de conhecedora dos caminhos e das histórias do povoado, foi ela quem me apresentou, em meio a nossas conversas, esse lugar; o seu lugar. Foi através das nossas prosas e reflexões, em beira do fogão na casa do meu avô, que a abertura para este lugar começou a ser possibilidade de pesquisa.

...

– *Se você ir aonde que eu moro vai ver a diferença das coisas.* – Disse Vera.

– *Que diferença?* – Pergunto.

– *Lá a gente pensa ao contrário... aqui em Conquista as pessoas não sabem o valor de uma água na torneira, de um tempo de banho, de uma chuva ((silêncio)). O jornal mostra que chuva é problema... todo mundo fala a mesma coisa, enquanto que nós lá espera por ela.* – Refletia enquanto cortava o maxixe em pedacinhos miúdos.

Enquanto Vera continuava o seu exercício diário do fazer almoço, eu pensava em novas possibilidades para este trabalho.

...

“*Vai rompendo!*”, dizia Vera a todo o instante. Saímos do asfalto em direção à estrada de chão. Em um curto espaço percorrido, à medida que nos distanciamos da área urbana do Pradoso, cruzamos com dois caminhões-pipa (Figura 14).

Figura 14: Caminhões-pipa na estrada



Fotos: Jéssica Gleizer, 2017.

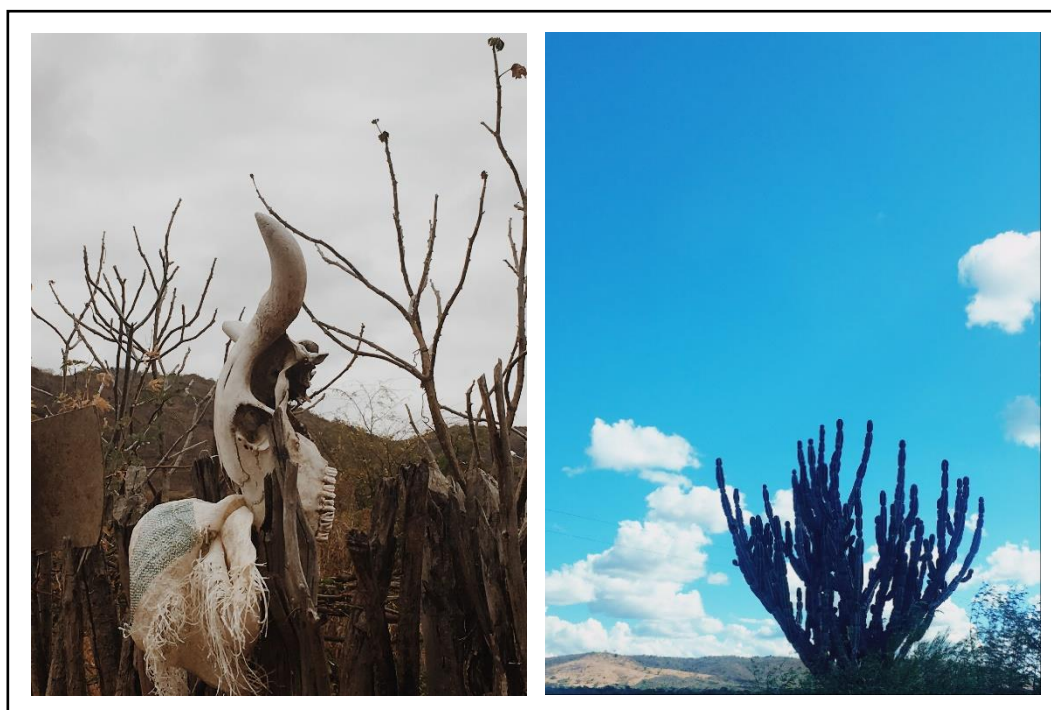
Esta situação me prendeu a atenção por alguns instantes. Para que lugar estavam indo? O caminhão que seguia o nosso mesmo itinerário estava devagar, deveria estar carregado com água, e o que voltava, em sentido contrário ao nosso, parecia mais rápido, talvez já tivesse cumprido o seu objetivo e voltava vazio.

À medida que avançávamos em descida, a estrada se tornava cada vez mais sinuosa. Passávamos por curvas e ladeiras contornando e margeando a serra, cujo nome eu ainda não sabia. Apenas mais tarde, soube através de pesquisas que se tratava da Serra do Tromba.

Terra, cascalho e poeira.

Avisto um crânio de gado fincado em cerca rústica. Galhos secos e borda de serra compunham essa mesma paisagem. O céu tinha estampa cinza. Noutro dia este mesmo céu já era azul bordado com nuvens pomposas (Figura 15).

Figura 15: Céu cinza - Céu azul



Fotos: Jéssica Gleizer, 2018.

Duas placas! Uma delas situada entre duas belas árvores, me avisa que chegamos ao povoado de Gameleira, pertencente ao distrito de Pradoso. Enquanto a outra indica a localização da Fundação Casa dos Carneiros (Figura 16).

Uma pausa!! Preciso dar asas à imaginação e à memória! Pois, estou diante da fazenda de um dos maiores poetas do sertão: Elomar Figueira Mello. Este lugar que agora estou permanece imortalizado nos versos da música “Cantiga de amigo”:

“Lá na Casa dos Carneiros onde os violeiros
vão cantar louvando você
em cantiga de amigo, cantando comigo
somente porque você é
minha amiga mulher [...]” – Elomar F. Mello - Cantiga de amigo.

Figura 16: Povoado de Gameleira - Fundação Casa dos Carneiros



Fotos: Jéssica Gleizer, 2017.

Inevitável não se perguntar quais eram as inspirações que este lugar movia em suas canções...

Seguindo o fluxo da viagem percebo que no solo existe uma espécie de abertura sinuosa e cascalhenta a se destacar na paisagem. Depois de tê-la percebido é impossível não a associar aos possíveis caminhos de águas passadas. Julgo que seja o leito de um rio ou riacho intermitente. Receptáculo ora cheios... ora vazios (Figura 17).

Figura 17: Será um rio?



Foto: Jéssica Gleizer, 2017.

Cheiro de terra, vento no rosto, janela do carro, vultos, borrões, cor marrom, coisas verdes. Após um período de tempo não calculado, chegamos ao Povoado de Cachoeira das Araras. Sentia o dia quente! No lugar fazia sol; em mim fazia calor. O lugar parecia feito de calma, enquanto eu era feita de expectativa e curiosidade.

Todos as coisas eram fenômeno e todos os fenômenos eram coisa interessante!

O papel e a caneta eram os elementos menos acionados naquele momento. As ferramentas mais importantes, **naquele instante**, eram os meus **sentidos**. As anotações mais significantes, **nesse momento**, estão guardadas na **memória**. Te confesso que transcrevê-las é tarefa impossível. Elas transitam desde o grão de areia que adentrou na minha sandália até a infinitude daquele céu azul...

Sou afetada por dois elementos marcantes da paisagem. De um lado a exuberância de uma “coisa” da natureza (Figura 18). Este elemento formado por rocha é rasgado ao meio em um formato de “V”. Matações, cascalho, galhos secos e areias preenchem o seu caminho. Bem ali uma espécie de “ilha” composta por árvores de galhos verdes se destacam. Embora neste momento não esteja servido de água, este é o elemento que dá nome ao povoado: a Cachoeira das Araras.

De outro lado existe uma construção humana chamativa para a aquela paisagem monótona. Esta característica é enfatizada pela pintura que borda o seu muro. Araras coloridas e uma cachoeira farta em água. Essa é a única escola existente no povoado: Escola Municipal Venceslau Ribeiro do Prado.

Figura 18: Elementos da paisagem no povoado de Cachoeira das Araras



Fotos: Jéssica Gleizer, 2017.

Uma situação me chama a atenção! Avisto a porca tentando se livrar de uma espécie de gancho que lhe travava o pescoço (Figura 19). Do que adianta poder caminhar, se criatura não é livre o suficiente para escolher o seu próprio destino? Afinal, aqueles mais excitantes só podem ser encontrados no fim de um percurso não estabelecido; não calculado, mas guiado pelos sentidos.

Figura 19: A porca: retorno ao juízo

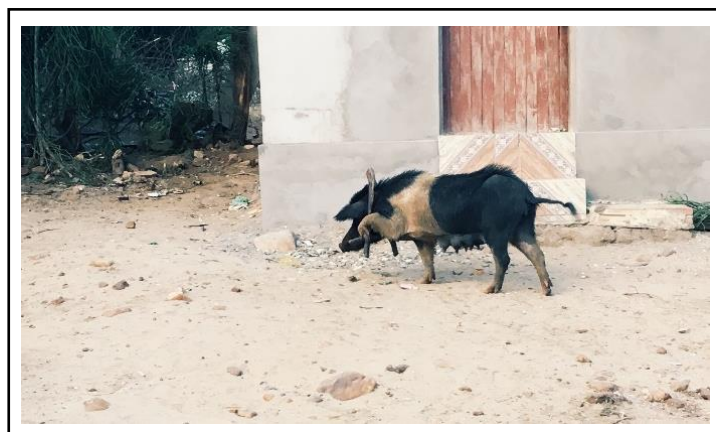


Foto: Jéssica Gleizer, 2017.

Retornei a partir dali pelo caminho de volta à casa e à transcendência. Se é que alguma vez pude desprendê-la de mim. Após este breve encontro com as paisagens de Cachoeira das Araras e da possibilidade de contemplação do novo, a única ideia que tomo enquanto certa é a de que nunca poderemos nos desprender de nós mesmos. Afinal, “a descrição já é, funcionalmente, uma interpretação, mesmo que seu objetivo seja o de desvelar o real” (GOMES, 1997, p. 327).

É inevitável não perceber que, “[...] ‘sobraram’ palavras que expressam transcendências e ‘faltaram’ os termos para descrever ‘o absolutamente dado’ na situação” (SERPA, 2016a, p.28). Porém, sigo tranquila, afinal,

a consciência por si só, é um ato, o ato humano. É um ato vivo, um ato pleno. Mesmo que a ação que se segue, que deveria seguir-se, que deveria ter-se seguido permaneça em suspenso, o ato consciencial tem sua plena positividade (BACHELARD, 1988, p. 5).

6.2 Manifestações do fenômeno da seca em Cachoeira das Araras

A 'geografia' permanece, habitualmente, discreta, mais vivida que exprimida. (DARDEL, 2015, p. 34).

O povoado de Cachoeira das Araras pertence ao distrito do Pradoso, este encontra-se localizado no contorno oeste do município de Vitória da Conquista, região sudoeste do estado da Bahia. Situado a 12 quilômetros da sede urbana do município de Conquista, e o seu acesso é realizado pela rodovia BA - 265, no sentido da cidade de Anagé (Figura 1). O Distrito Administrativo e Judiciário do Pradoso foi criado a partir da Lei 4.568, de 05 de novembro de 1985 (ALVES, 2008). Segundo Jesus (2012), Pradoso possui aproximadamente 3.231 habitantes – de acordo com dados do último censo estatístico do IBGE. A população está distribuída em 1651 homens e 1580 mulheres. “Deste total, 1428 estão concentrados na sede do distrito e os demais na zona rural” (JESUS, 2012, p. 20).

A realidade do distrito é afetada por variadas questões ambientais decorrentes das suas “[...] atividades econômicas principais como produção de tijolos, produção de biscoitos, farinha e outros derivados da mandioca, agricultura e pecuária [...]” (MAIA; FONTES, 2011, p. 2). Além destas situações ainda existe a mineração da bentonita, que “[...] apesar de recente já promove transformações que afetam o espaço e conseqüentemente as pessoas que ali convivem” (JESUS, 2012, p. 16). Além da retirada da argila do solo para a confecção de tijolos que ocorre de forma desregular, ocasionando um impacto acentuado no solo.

Conectado a estes problemas a água é uma questão de suma importância para este lugar. Por estar localizado na região semiárida do estado, os habitantes de Pradoso e dos seus povoados, precisam enfrentar longos períodos de estiagem, se contrapondo ao período chuvoso, compreendido entre os meses de setembro e parte do verão (dezembro e janeiro).

Segundo Alves (2008), o “período das águas”, contrasta com o restante dos meses do ano caracterizados pelo baixo índice pluviométrico. O seu clima é “[...] predominante semiárido, possui temperaturas médias anuais de 19,6 °C, com máxima em torno de 23,5°C e mínima de 15,1°C” (JESUS, 2012, p. 22).

Apesar desta enxuta contextualização, escolho te contar sobre o povoado de Cachoeira das Araras conforme ele se realizou para mim: através das situações de campo que eu construí. O que ofereço aqui neste trecho é quase um mapeamento de situações; é

uma tentativa de descrição reduzida das minhas percepções diante das paisagens deste lugar; um exercício e um caminho de pesquisa construído a partir de uma geografia que se faz fazendo. São palavras que traduzem fragmentos das minhas experiências de campo. Estas descrições não estão circunscritas em um único momento, o tempo delas se misturam: o presente vívido do fenômeno e o passado acionado pela memória; o acontecer e o acontecido; pedaços de tempos distintos unidos em uma leitura particular do lugar. Sabemos que esta exposição está limitada a minha percepção, porém, esta é uma tentativa de “[...] descrição direta de nossa experiência tal como ela é [...]” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 1). Aqui, a intenção é apresentar os fenômenos tais como eles me apareceram.

– Aqui no povoado de Cachoeira das Araras residem 440 pessoas... desde quando eu contei no ano passado. Os moradores daqui não saem. Então, aqui só cresce (Maria da Conceição, 2017) - 41 anos, integrante do Conselho Comunitário de Saúde.

– No tempo em que eu era adolescente eu contava as casas que tinham aqui. Hoje eu não sei. Hoje é uma por riba da outra. O povo rendeu demais (Maria Vitória, 2017) - 90 anos, lavradora.

De que forma o fenômeno da seca é experienciado pelos indivíduos em Cachoeira das Araras? Quais as relações construídas entre este fenômeno e as vulnerabilidades do lugar? Finalmente, quais são as manifestações da seca na paisagem? Estas são algumas das questões que dão existência e movimentaram este trabalho.

As cores e os odores da paisagem. A tonalidade amarela da pastagem em contraste com pequenas ilhas verdes constituídas por algumas árvores. O céu azul de poucas nuvens e os caminhos de terra alaranjada. Muito sol e poucas sombras. Pequenas casas, espaços cercados, olhares curiosos, galinhas soltas, pequenos animais assustados, um pequeno rebanho bovino. Da cachoeira não cai água; no pequeno roçado não se planta nada; no açude apenas marcas do que outrora possuía água; cisternas parecem abraçar pequenas casas; no terreno cicatrizes de rios efêmeros. O cenário é animado pela vida e rodeado pela pitoresca serra que tornea o horizonte. Essa é a imagem edificada pelo visitante. Aquele que se aventura de passagem e captura o visível através dos elementos geográficos manifestados na paisagem do povoado.

Porém, o cotidiano, as atitudes diárias, as atividades rurais e domésticas, o dia-a-dia dos pequenos comércios, da igreja e da escola do povoado, das conversas debaixo do *Pau do Amor* (Figura 20), aquela árvore localizada na rua principal: palco de conversas e

botequim dos finais de semana... A experiência e as marcas de uma vida não podem ser melhor contadas do que por aqueles que habitam o lugar.

– *A gente conhece que a natureza, tem um período de três-quatro meses de chuva. Mas ultimamente a escassez da chuva é maior do que o período da chuva. Não chove mais como antes. Então, aqui quase não se planta mais porque não tem a chuva necessária para o cultivar (Albeí, 2017) - 40 anos, integrante do Conselho Comunitário de Saúde.*

Figura 20: Árvore Pau do Amor

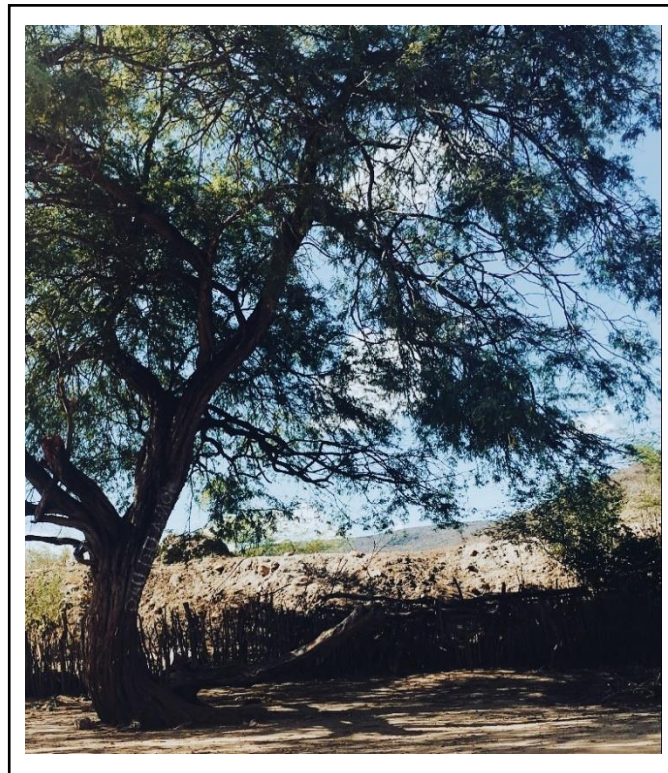


Foto: Jéssica Gleizer, 2018.

A chuva, o relâmpago, o anoitecer e o amanhecer de todos os dias. O grito das crianças na rua, um garfo que cai na cozinha, um cachorro que late no terreiro. Todos esses acontecimentos são fenômeno! E enquanto tal podem ser dignos de exame. Não seria tarefa impossível descrevê-los em minuciosidade. O seu acontecer é muito bem definido no tempo e no espaço. Sabemos quando o dia começa ou quando ele termina; podemos dizer o horário que choveu; apontar no céu a direção do relâmpago; dizer quais eram as crianças que gritavam na rua; descrever com alguns detalhes como deixamos o garfo escapar de nossas mãos e; pensar por quanto tempo o cachorro latiu através do portão.

No entanto, como precisar o início da seca? De que forma demarcar o seu acontecer? Em que espaço-tempo ela está a ocorrer? Esta tarefa não me parece simples. Talvez respostas científicas possam ser presumidas – dados de precipitação, umidade do solo, cálculo de balanço hídrico – e possam dar conta das características físicas deste fenômeno. Por hora, essas respostas não foram o foco da atenção. Não houveram tabelas, gráficos, mapas ou definições científicas que puderam superar o meu interesse pelo mundo real; pela característica do vivido; pela “geografia interior” e a geograficidade inerente à conexão das pessoas com a natureza (DARDEL, 2015).

– *A água corre no rio conforme a cachoeira (Roseane, 2017).*

É por conta da dificuldade de contornar o espaço-tempo da seca, enquanto fenômeno “visível em si mesmo” que falo aqui em manifestação (HEIDEGGER, 2015).

[...] um fenômeno é constitutivo da ‘manifestação’, no sentido de um anúncio através de algo que se mostra [...] *Fenômeno*, mostrar-se em si mesmo, significa um modo privilegiado de encontro. *Manifestação*, ao contrário, indica no próprio ente uma remissão referencial [...] (HEIDEGGER, 2015, p. 70, grifos do autor).

A manifestação da seca em Cachoeira das Araras é a abertura para o entendimento do próprio fenômeno, já que este não pode ser visto em si mesmo. “[...] Manifestação enquanto manifestação de alguma coisa não significa um mostrar-se a si mesmo, mas um anunciar-se de algo que não se mostra através de algo que se mostra. Manifestar-se é um *não mostrar-se*” (HEIDEGGER, 2015, p. 68, grifos do autor).

– *Tem quase um ano sem chover (Albeí, em 07 de outubro de 2017).*

– *A cachoeira deu água a última vez no mês de março (Joaquim, em 07 de outubro de 2017) – 46 anos, lavrador.*

– *Acho que tem uns oitos meses que choveu. Nessa base. Aquela água que tá lá é da chuva ainda (Aluízio, em 07 de outubro de 2017).*

Talvez seja difícil para os indivíduos comunicar o que é a seca ou traduzi-la em palavras adequadas e categóricas. No entanto, para falar sobre o cotidiano, da paisagem e, sobretudo, da vida no povoado não é necessário o uso de categorias taxativas.

A fenomenologia é uma filosofia que assume que o conhecimento não existe independente do homem, mas tem que ser obtido pela experiência humana do mundo. A partir deste ponto de vista o mundo pode ser entendido somente por referência ao homem, e somente através das intenções e atitudes do homem. Os métodos da ciência objetiva, baseados na suposição da independência do conhecimento, são considerados inválidos, exceto no que diz respeito às intenções limitadas dos cientistas. O método fenomenológico é oferecido como um procedimento de descrição rigorosa para a investigação dos mundos vividos da experiência humana (RELPH, 1970, p. 195, apud HOLZER, 2016, p. 4/61).

A abordagem fenomenológica da seca no povoado de Cachoeira das Araras consiste na descrição e na leitura das atitudes ambientais, dos saberes coletivos e individuais construídos, conservados e modificados, a partir de técnicas locais.

Não tive a pretensão de alcançar algo para além das situações construídas ali. Este capítulo comporta o que surgiu na eminência do contato com os agentes de pesquisa, na memória compartilhada de suas falas e na transcendência dos nossos pensamentos.

Figura 21: Carlinhos, o jumento e os tonéis de água



Foto: Jéssica Gleizer, 2017.

6.3 Experiências de vulnerabilidade e risco

[...] O que nos obriga a refletir sobre a experiência? [...] são acontecimentos adversos que interferem nas vidas humanas e exigem atenção [...] (TUAN, 2013, p.161).

Diversas são as definições e entendimentos do fenômeno da seca. De acordo com a Política Nacional de Defesa Civil (2007), a seca é considerada um desastre natural relacionado com a intensa redução das precipitações hídricas. Para Castro et al. (2003, p. 59), “do ponto de vista meteorológico, a seca é uma estiagem prolongada, caracterizada por provocar uma redução sustentada das reservas hídricas existentes”. Ainda segundo este autor, a seca também é um fenômeno social caracterizado por uma “[...] situação endêmica de pauperismo e estagnação econômica, sob o impacto do fenômeno meteorológico adverso” (CASTRO et al., 2003, p. 59).

Existem ainda aqueles, como Mainguet (1995), que caracterizam a seca para além do déficit da precipitação pluviométrica, classificando-a assim em diferentes tipos: a) seca meteorológica – “[...] quando a precipitação está abaixo da média por um ano ou vários anos sucessivos” (MAINGUET, 1995, p. 31, tradução nossa)¹⁶; b) seca hidrológica – quando ocorre “[...] a diminuição do fluxo superficial nos rios e a diminuição natural do nível das águas subterrâneas, comparado com um normal conhecido” (MAINGUET, 1995, p. 32, tradução nossa)¹⁷; c) seca edáfica – “[...] definida pela diminuição da infiltração do solo e, portanto, pela acentuação do caráter de aridez das paisagens” (MAINGUET, 1995, p. 33, tradução nossa)¹⁸ e; d) seca agrícola – “[...] definida em relação aos requisitos de água [da planta]. É produzido quando os recursos hídricos necessários para a agricultura se tornam escassos” (MAINGUET, 1995, p. 34, tradução nossa)¹⁹.

¹⁶ [...] lorsque les précipitations sont inférieures à la moyenne pour une ou plusieurs années successives.

¹⁷ [...] la diminution de l'écoulement superficiel dans les cours d'eau et la baisse naturelle du niveau des nappes souterraines, ceci par rapport à une normale connue.

¹⁸ [...] définit par la diminution de l'infiltrabilité des sols et donc par l'accentuation du caractère d'aridité des paysages.

¹⁹ [...] définie par rapport aux besoins en eau. Elle se produit lorsque les ressources en eau nécessaires à l'agriculture se raréfient.

Salvo as definições, entendimentos e classificações sistemáticas do fenômeno da seca é fundamental reconhecer que “[...] o homem é, de fato, o dominante ecológico [do lugar] e o seu comportamento deve ser compreendido em profundidade, e não simplesmente mapeado” (TUAN, 2012, p. 16).

A experiências de vulnerabilidade associadas ao fenômeno da seca em Cachoeira das Araras são produto da coexistência entre homens, mulheres e a natureza, não sendo possível estabelecer, *a priori*, e de forma aventureira reflexões abstratas e teóricas. Elas são reveladas, sobretudo, no cotidiano do povoado e nas suas paisagens.

– *Se você disser assim: “eu vou estudar um pouco Cachoeira das Araras e vou fazer um relato”.... por você mesma, você não conseguiria. Porque você não a conhece a fundo. E mesmo nas entrevistas que você tem feito, você não captou o todo. Porque tem muitas coisas na comunidade que vem dos meus avós, dos meus pais... que eu nem trouxe para a conversa (Albeí, 2017).*

Os cultivos para a subsistência familiar, os pequenos rebanhos sedentos por água e alimento, os açudes secos (Figura 22), os tanques azuis que comportam a água turva da pequena barragem. As torneiras de onde não sai água. Na paisagem, se vê pastos rasos e amarelos. Marcas no terreno do que vez ou outra transforma-se em rio. A caatinga é quem grita aos olhos do observador.

Figura 22: O açude vazio e a cachoeira seca



Foto: Jéssica Gleizer, 2017.

A percepção, as experiências de vulnerabilidade, bem como as atitudes ambientais vivenciadas no povoado são a abertura para a descrição do fenômeno da seca em sua dimensão vivida. A geograficidade, as atitudes ambientais cotidianas e a dimensão do ser são aqui possibilidades de compreensão do fenômeno.

A ciência moderna, acusada de promover o esquecimento do Ser, precisa de um religamento com o homem, no sentido subjetivo e orgânico. As dualidades e dicotomias que marcaram a separação homem/natureza na ciência moderna precisavam avançar em direção à retomada da corrente holística, num retorno à natureza, à cultura e ao espírito. Conforme apontou Heidegger, temos de deixar de apenas quantificar a natureza, desprezando o Ser, antes, temos de reinaugurar e repensar a relação entre o Ser e a natureza, sob uma perspectiva humanista (MARANDOLA JR; FERREIRA, 2011, p. 129).

Quais são as marcas da seca deixadas na paisagem? Quais são as circunstâncias do seu acontecer no lugar? O que pensam e como vivem as pessoas que experienciam as manifestações deste fenômeno? Segundo Marandola e Ferreira, muitos estudos que versam acerca da vulnerabilidade e do risco na sociedade contemporânea,

[...] fixam-se em aspectos essencialmente estruturais e funcionais, sem o devido aprofundamento na epistemologia dos problemas estudados. Desta forma, frequentemente ocorre a operacionalização da solução de problemas num campo essencialmente prático, ou no desconhecimento do cotidiano das populações afetadas pelos problemas (MARANDOLA; FERREIRA, 2011, p. 120).

Finalmente, o que se presencia em ato e em situação? De que maneira é manifestada a relação entre a seca e a vulnerabilidade? Em que medida este fenômeno afeta o cotidiano do lugar e a vida dos indivíduos? Penso que o caminho mais interessante para responder a estas perguntas seja aquele que se interessa pelos desígnios da curiosidade humana a respeito do mundo, das coisas e da natureza.

– Se eu fosse falar sobre Cachoeira eu falaria o que é. Aqui já foi muito bom e é bom até hoje. Vivemos as dificuldades, mas é bom até hoje. Aqui já foi tão bom que eu ia daqui pra Conquista e ainda carregando uma cesta de ovo na cabeça. Saia daqui umas três horas da madrugada, ia batendo pé e amanhecia o dia lá em Conquista. Voltava de lá com o sol já entrando e chegava aqui à boca da noite. Eu só via coruja cantar no mato (Maria Vitória, 2017).

Talvez este caminho não seja o mais seguro e o cientificamente mais aceito no meio acadêmico geográfico. Há quem diga que estamos falando apenas de coisas muito pessoais e subjetivas e que, por isso, não compartilham de verdades geográficas. Porém, a subjetividade não tem a intenção de ser a antítese da objetividade (WRIGHT, 2014). Sobre a “objetividade, todos devemos concordar, é uma disposição mental de conceber as coisas realisticamente, uma disposição herdada em parte da vontade e em parte da habilidade de observar, lembrar, e racionalizar corretamente” (WRIGHT, 2014, p. 8). Embora esta maneira de pensar sobre o real e de se fazer ciência seja a mais acolhida no meio acadêmico da atualidade não pudemos combater e, muito menos sobrepô-la, às potencialidades da subjetividade humana.

[...] a subjetividade implica, antes, uma disposição mental para conceber as coisas com referência a si mesmo, ou seja, como elas aparecem para uma pessoa, ou como elas afetam e podem ser afetadas pelos desejos e interesses de uma pessoa [...] é inteiramente possível conceber as coisas não apenas com referência a si mesmo, mas também realisticamente. Se este não fosse o caso, a raça humana estaria extinta há muito tempo (WRIGHT, 2014, p. 8-9).

O alcance do subjetivo abriga grandes doses do mundo real, tal qual ele se processa e se expressa no mundo geográfico. “Expressamos o que a experiência directa nos oferece. Seguimos os motivos da experiência, inferimos o não experimentado a partir do diretamente experimentado (do percebido e do recordado) [...]” (HUSSERL, 2000, p. 39-40). Esse é o movimento aqui realizado.

– *Você está vendo isso tudo aí pelado? Isso tudo era mato onde a gente criava umas criaçõzinhas e a onça vinha matar dentro do chiqueiro [...] Aqui tinha arara. Tudo quanto é diversidade de caça... aqui tinha. Agora volta e meia passa um piriquitinho de longe cantando (risos). Se não tem mato pra eles ficar, vai ficar no meio da cachoeira? Fica não! (Maria Vitória, 2017).*

A fala de Maria Vitória, habitante viva mais antiga do povoado, expõe através da memória, as transformações e o estado atual da paisagem. O visitante mais curioso, logo ao chegar a um lugar intitulado de Cachoeira das Araras, naturalmente deve se perguntar onde se escondem tais aves exuberantes e qual o sítio onde se encontra a tal queda d'água. Pois, apenas através do sentido da visão não é possível identificar nem um e nem outro. Nos dias das minhas visitas pude ver apenas a cachoeira sem água e a paisagem sem araras (Figura 23).

Figura 23: Cachoeira sem água e paisagem sem araras



Foto: Jéssica Gleizer, 2017.

– *Nas águas, enquanto tivesse chovendo eles corriam toda a vida. Só que agora, escorre e não fica. E esses anos atrás, chovia e estiava, a chuva ia embora, mas os riachos corriam água. Hoje não. Mas eu te digo o porquê. Não é porque Deus quis, é porque os homens que quis. Desmatou o mato, acabou. Agora fica reclamando. O culpado foi eles (Maria Vitória, 2017).*

As peças que compunham este cenário e as transformações aparentes na paisagem só puderam ser acessadas através das falas dos entrevistados. Pois, “a avaliação do meio ambiente pelo visitante é essencialmente estética [...] é preciso um esforço especial para provocar empatia em relação às vidas e valores dos habitantes” (TUAN, 2012, p. 97). Além disso, a memória de outros tempos e as necessidades incessantes do presente também se materializaram assim.

– *Não sei se mudou para melhor, porque enquanto a gente tem algo ao nosso alcance, existe também a necessidade de outras coisas (Albeí, 2017).*

O visitante e o nativo focalizam aspectos bem diferentes do meio ambiente [...] sua percepção frequentemente se reduz a usar os seus olhos para compor quadros. Ao contrário, o nativo tem uma atitude complexa derivada da sua imersão na totalidade de seu meio ambiente (TUAN, 2012, p. 96).

A percepção das mudanças temporais que ocorrem nas diferentes estações – a chuvosa e a seca. O contraste e as nuances entre estes períodos e a noção de periodicidade foi acessível através das falas.

– *Lá pra vocês quando tá chovendo é o verão. Aqui pra nós é o inverno. É assim... quando tem água: “Óh, invernou!”.* Está chovendo é o inverno, é assim... (Antônio, 2017).

– *De agora em outubro em diante começa os inverno. Que lá vocês falam o verão. A língua nossa é diferente: é inverno. Inverno é quando tá chovendo* (Vera, 2017) – 38 anos, empregada doméstica e dona de casa.

É a experiência da presença e da ausência do elemento água que delimitam as duas estações do ano. Porém, não apenas isso. A disponibilidade e a escassez da água foi o tema central em todos as situações de entrevista, sem exceção. Mesmo quando o tema não era acionado por mim, os entrevistados logo a moviam para o centro de nossas conversas.

– *A dificuldade aqui sempre foi água* (Maria Vitória, 2017).

– *Eu gosto desse lugar, mas se aqui tivesse água encanada era muito melhor. Acesso de escola... está indo, né? Porque aqui tem o carro que pega os meninos, depois que sai daqui da escola de Cacheira leva pro Pradoso: do ensino fundamental pro ensino médio. Então, tem esses transportes. Se quiser estudar, tem oportunidade de estudar. Mas aqui falta água encanada, o que é pior* (Maria da Conceição, 2017).

– *Acho que a coisa que precisava mais ser melhorado aqui é sobre a água mesmo. Porque tendo água você tem tudo, né? Tendo água você tem tudo. E não tendo água você não tem nada. Aí fica difícil viver. O mais importante é a água, né?* (Antônio, 2017).

Quando os diálogos se encaminhavam para as necessidades mais urgente das pessoas a água era a palavra mais verbalizada. Até mesmo as obras construídas pelas diferentes gestões da prefeitura de Vitória da Conquista eram relativas á ela.

– *Existe uma barragem que abastece parte da comunidade. E o restante da população, a maioria, é abastecida por carro-pipa (Albeí, 2017).*

– *Eu só não estou ciente do ano em que fez... mas eu já era mãe dos seis filhos e eles tudo casado já (risos) (Maria Vitória, 2017).*

– *Você viu ali a água que a gente usa? É a água da barragem e não é tratada. O carro-pipa traz água aqui, mas é cadastrada apenas algumas caixas e nem todo mundo têm acesso a esses locais pra pegar água... não tem. Aqueles idosos de 80-70 anos não vai até esse local pra pegar água (Maria da Conceição, 2017).*

Figura 24: A barragem



Foto: Jéssica Gleizer, 2017.

Além da barragem, o sistema de abastecimento do povoado é realizado por intermédio de carros-pipa. A maioria das casas utiliza, além das águas capturadas pela chuva através de cisternas, a água proveniente dos caminhões:

– *Nem a metade das casas se serve das águas da barragem. A maioria depende das chuvas e dos caminhões (Vera, 2017).*

– *Essa água diz que vem da EMBASA. Eu não sei de onde que vem. Sei que vem de Conquista, né? O carro-pipa que traz. Nós temos uma caixa aí, que é registrada. Nessa casa ali. Que fica ali perto da escola. E tinha outra bem lá embaixo. Tinha três casas que eles punhavam água. Quando começou eu falei: “Não dá certo”. Porque que não dá certo? Porque tem as pessoas de idade que não vão aguentar panhar essa água. As vezes a veiazinha com seu esposo numa casa... como é que vão sair da casa deles pra tirar essa água? Aqueles fortes ainda vai lá na caixa e pega (Antonio, 2017).*

– *A água que eu utilizo em casa vem de caminhão-pipa (Jesuino, 2017) – 48 anos, pedreiro.*

Além da dependência externa de água, o abastecimento ainda está sendo realizado de forma irregular. O povoado, assim como outras regiões do semiárido brasileiro, é atendido pelo Programa Emergencial de Distribuição de Água Potável. Esta ação, denominada Operação Carro-Pipa, existe desde 2005 e é comandada pelo Exército Brasileiro. O objetivo é realizar o abastecimento de água potável adequada para o consumo humano em todo o polígono da seca. Os militares, por sua vez, realizam a fiscalização da distribuição da água. Essa distribuição se dá, como o próprio nome já diz, através de carros-pipa contratados por intermédio de terceiros (pipeiros) através das prefeituras municipais.

– *Diminuiu bastante o abastecimento. Antes era abastecido de família em família. Hoje está sendo abastecido em uma só família e todas as outras famílias vão lá pegar. Eles só estão abastecendo a caixa que fica próxima à escola. Tem que carregar balde para poder abastecer a sua casa (Albeí, 2017).*

– *Antes vinham em todas as casas. Hoje cortou e não vem mais. Desde janeiro. Eu era até controladora [...] todo mês tinha reunião lá em Conquista com o pessoal da Defesa Civil e o pessoal do exército (Maria da Conceição, 2017).*

Além da diminuição expressiva das cisternas abastecidas. Ainda é relatado a falta de periodicidade do abastecimento:

– *Eles trazem a água aqui de mês em mês, dois em dois. Eu ainda tenho água de quando eles traziam aqui... eles trouxeram água aqui que encheu essa caixa no dia 15 de*

julho, porque eu completei anos... aí veio trazer a água pra mim (Maria Vitória, em 07 de out. de 2017).

– [...] demora. Tem tempo que demora. Agora mesmo que... quando vinha, Jéssica, era assim, eles vinham de cada casa... eles botavam, e já tinha as caixa de colocar. Aí depois resolveu botar em uma caixona grande do projeto pra comunidade ir lá pegar na cabeça e botar cá (Aluízio, 2017).

– Não vem ninguém para saber como a comunidade está sendo abastecida. A defesa civil chegou a vir aqui porque foi convocada pela gente. Vieram apenas para informar sobre a mudança de abastecimento em uma caixa só. E não vieram mais (Albeí, 2017).

Foi interessante perceber que o juízo relativo ao acesso e distribuição da água entre os entrevistados não é um consenso. A ideia de que a realidade de hoje é pior do que a de outrora é contraposta pelas falas de Maria Vitória e Gilson.

– Hoje o povo está achando mais fácil porque eles trazem água e eles querem tudo nas mãos. E nesses tempos nós tinha que ir atrás procurar o conforto aonde tinha. E hoje? O povo de hoje quer tudo nas mãos (Maria Vitória, 2017).

– Antes era necessário você ter um animal pra ir buscar água onde tivesse. Dois quilômetros, três quilômetros... você tinha que ir buscar essa água. Muitas vezes você bebia água um pouco salgada. Até esperar o período chuvoso. Já hoje não. Hoje tem água. Claro que tem uma certa dificuldade. Mas é melhor em relação há um tempo atrás. As pessoas têm condições de comprar água hoje (Gilson, 2017) - 32 anos, trabalha com vendas e música.

Outros acreditam que é a melhoria do acesso e distribuição é condição urgente e por conta disso se empenham em levar água encanada para o povoado.

– Nós já fizemos três abaixo assinado. Mas ainda não resolveu. Eles falaram que aprovou. Mas essa água nunca chega (Maria da Conceição, 2017).

– Água encanada nós aqui não temos. Óh, nós temos um projeto... esse projeto tá pra água. Foi do outro prefeito... a gente fez um documento, mandou pra prefeitura e aprovou. Só que até hoje nada (Antônio, 2017).

Figura 25: Arthur indo buscar ração para a criação de porcos



Foto: Jéssica Gleizer, 2017.

Diferente do filósofo que “[...] descreve as sensações e seu substrato como se descreve a fauna de um país distante – sem perceber que ele mesmo percebe, que ele mesmo é o sujeito perceptivo [...]” (Merleau-Ponty, 2011, p. 279), os entrevistados experienciam tudo aquilo que me contam, ao mesmo tempo em que eu vivencio esse ato de perceber e acionar a memória. A percepção da regularidade dos fenômenos de seca e de chuva só são possíveis porque experienciados; sentidos através do próprio corpo.

– *Tem ano que chove dois, três meses, mas a chuva é fina. Aí quando a chuva vai embora deixa os tanques cheios. Mas na época que ela vem: outubro e novembro. As vezes dezembro falha. Chove janeiro, aí vai embora (Maria Vitória, 2017).*

– *Agora estamos na seca. Você precisa vim aqui de outra vez pra ver como a paisagem muda. Fica tudo verdinho. A gente vê outras coisas (Vera, 2017).*

– *[...] é um calorão que a gente sente! (Priscila, 2017) – 16 anos, estudante.*

Não foi apenas a água que apareceu nas conversas. O trabalho e as formas de sustento das famílias é uma questão intensamente importante.

– *Aqui não tem um ganho consciente. Tem que aguentar assim mesmo (Arthur, 2017).*

– *Não tem mais como a renda sair da própria comunidade porque não tem mais como cultivar a terra pra produzir [...] A principal fonte de renda das famílias? Muitos saem da localidade pra fora, pra trabalho. Muitas se tornaram diaristas. As mães deixam os seus filhos para se tornarem diaristas. Os homens saem para trabalhar na construção civil, que começou a expandir em Conquista. No entanto, diminuiu agora uma parte boa, mas mesmo assim, ainda tem muitos trabalhando na construção civil por lá (Albeí, 2017).*

– *Hoje a gente aqui não tem um trabalho. Quem tem trabalho precisa sair daqui. Deslocalizar para trabalhar fora, né? (Albeí, 2017).*

Deslocalizar! Sair de seu lugar para poder sobreviver! Não teria essa palavra de Albeí relações com a noção de lugaridade? Para Holzer (2013, p. 24), a lugaridade “[...] expressa exatamente essa relação dialógica dos seres em movimento com lugares e caminhos que, como pausa, como convivência íntima, arrumam e delimitam os espaços”. São as experiências intensas do lugar que estabelecem os locais de trabalho e o lugar de moradia. As diferenças entre o lugar e os outros locais. No entanto, este sentimento de pertencimento não elimina as noções do que necessita ser melhorado:

– *A dificuldade da gente hoje aqui é em torno de tudo. É a estrada, é um posto de saúde que a gente não tem... o médico e a enfermeira vem uma vez no mês. Não existe espaço para eles. A comunidade doa um quartinho para eles atenderem a gente (Albeí, 2017).*

– *Médico vem aqui de mês em mês. Eles atendem na igreja. Vem a médica cubana, a enfermeira, um dentista, a nutricionista, o psicólogo, o fisioterapeuta e o educador físico. Eles fazem mais é grupo e palestra (Maria da Conceição, 2017).*

– *As estradas aqui só estão navegando agora nesse momento porque não está chovendo. Mas se tivesse chovido as águas... do jeito que o prefeito está fazendo aí ninguém podia andar de carro. Já tinha acabado. Ou então a gente metia o cacete e ia tapar buraco, né? O povo tinha que ir tapar o buraco se quisesse que os carros passassem. Mas como não choveu... (Antônio, 2017).*

– *Antes vinha a SAMU. Agora não vem mais. Eles falam que só vão vim em caso de acidente. Eu já chamei várias vezes. Como eu sou agente de saúde, o pessoal pede pra gente ligar, procura, mas não vem (Maria da Conceição, 2017).*

– *Em caso de emergência ligamos para o SAMU, quando conseguimos. Mas a maioria das vezes são os proprietários de veículos que levam até Conquista (Albeí, 2017).*

– *Óh, quando precisa de emergência a pessoa tem que ter dinheiro pra fretar um carro pra levar... antes não. Como eu tou lhe dizendo, você ligava tinha a ambulância. Tinha o SAMU e eles vinha buscar. Mas hoje você tem que pagar o carro (Antônio, 2017).*

A falta de água e de trabalho remunerado, a saúde pública quase inexistente e o descuidado com a gestão das estradas de chão são as condições atuais de vulnerabilidade. São fenômenos que se dão no presente; no tempo vivido do agora. No entanto, as narrativas de vulnerabilidade também foram constituídas de passados; de fenômenos que já se deram; de situações já experienciadas.

– *Acho que tem quase uns 30 anos, mais ou menos, um acontecimento de praticamente um dilúvio. Uma chuva muito forte onde muitos perderam o teto das suas casas. A chuva veio com granizos, e esses granizos danificou a natureza de forma que ficou muito tempo para elas começarem a florir do lado que foi atingido. Porque o granizo queima a árvore. E pra produzir novamente demora (Albeí, 2017).*

– *Faz muito tempo. Nuca mais deu aquelas chuvas fortes. Então, faz muito tempo, deu uma chuva forte que invadiu as baixas. Outro tempo teve uma chuva tão forte de granizo. Até hoje tem árvore com marcas. Todo mundo lembra desse acontecimento (Joaquim, 2017).*

– *Teve uma época que deu uma chuva! Deu uma tempestade de chuva, que desceu água, desceu água naquela arara lá... desceu. Passou, lavou as baixa tudo. Passou dentro de uma casa que tem lá e foi levando... levou tambor. Levou galinha. Levou porco. O tanto de água que desceu, passou esparramou nas baixa e foi levando porco, tambor e foi... descendo cabeça abaixo. Foi achar, acho que foi parar quase no rio do Gavião. Esse dia levou coisa demais (Aluízio, 2017).*

– *Lá próximo a igreja teve uma vez que aconteceu uma enchente e a água passou na casa de uma moça. Ela viu água do rio de um lado, água do rio do outro e ela no meio. Eu já era até mãe. Não tem muito tempo não (Maria da Conceição, 2017).*

– *Esse córrego bem da escolinha que vocês passou aí... no dia 27 de março de 2006, ele encheu tanto, transbordou, que carregou essas cestas todas. Passou nas casas todas que têm ali no campo. E foi só uma chuva que deu. De outra vez, ali perto da casa de Antônio tinha uma mulher que morava perto. O córrego transbordou, entrou na casa dela. Aí ela saiu da casa e pôs a outra casa mais pra cima. Mas hoje tem gente morando bem lá. E eu sempre falo: “Deus está vivo e Deus não dorme. Quem mandou uma vez podem mandar duas, três, quatro (Maria Vitória, 2017).*

A experiência destes **perigos**²⁰ é a realidade experienciada em ato. Viver a experiência do risco é lidar com o que está em seu redor. É a imanência dos sentidos. Mais do que o evento em si mesmo (Capítulo 3, quadro 1) o risco é ser-com, pois não tem razão de existir senão acompanhado do ente que o percebe, que o experiencia.

– *A chuva adianta umas coisas e atrasa outras. Adianta o problema da água, mas atrasa os estudos (Roseane, 2017).*

– *Quando está chovendo eu tenho medo de ir pra casa de vó. Porque tenho medo do rio me carregar. Uma vez quase me carrega. O fluxo de água passa forte (Priscila, 2017).*

Vemos que a percepção de que o fenômeno da chuva também representa um perigo está presente entre os entrevistados. Principalmente entre aqueles que necessitam se deslocar diariamente de suas moradias para exercer alguma atividade, seja ela dentro do próprio povoado, como Priscila e a casa da avó, ou fora dele, como Roseane e a escola localizada na área urbana no Distrito de Pradoso.

– *A terra escorre a água rapidamente. Como a chuva é rápida, também escorre a água rápido. Aquele era um rio que transbordava quando chovia que ficava sem dar*

²⁰ **Peri**: prefixo que exprime a ideia de à volta de; ao redor de. Tal como: **perímetro** (uma linha que forma o contorno de uma figura; ao redor de algo) e **período** (espaço ao redor de um tempo).

passagem pro outro lado. Hoje é diferente, porque quando ele transborda é tão rápido que não tem risco nenhum mais (Albeí, 2017).

– Pra mim é melhor quando chove. Ah, quando chove, Jéssica, aqui é bonito demais. BONITO! Quando chove aqui você... esse mato que você vê aí... é só o verdão. Bonito aqui é quando tá no tempo das águas. Você chega aqui nessa represa aqui... que você vê essa represa do canto e o outro assim... e aí essa chapada tudo verde aí... aí que é bonito... (Aluízio, 2017).

– A gente diz que aonde que a enchente deixou cisco, passe os anos que passar ela volta e panha! (Maria Vitória, 2017).

Vemos que aqui não é preciso nada para além da própria experiência para compreender de tempo de retorno e previsão destes fenômenos. Afinal, a probabilidade não é a tendência de um evento que poderá ou não ocorrer? Quem irá garantir se a aposta irá acontecer senão a sua plena realização?

Figura 26: A menina, o balde e a janela



Foto: Jéssica Gleizer, 2018.

Mais do que a qualidade de absorção de impactos (Capítulo 3, quadro 1) a vulnerabilidade é um sentimento. É a experiência do sentir-se vulnerável. É o plano de fundo de todo o sentimento de risco e da imanência do perigo vivido. Significação de toda percepção ativa dos perigos do mundo.

6.4 Atitudes ambientais

Atitude é primeiramente uma postura cultural, uma posição que se toma frente ao mundo. Ela tem maior estabilidade do que a percepção e é formada de uma longa sucessão de percepções, isto é, de experiências. As crianças percebem mas não tem atitudes bem formadas, além das que lhe são dadas pela biologia. As atitudes implicam experiência e uma certa firmeza de interesse e valor (TUAN, 2012, p. 18-19).

A noção de atitude ambiental utilizada neste trabalho compactua com esta delineada por Tuan (2012) no parágrafo acima. Aqui as atitudes dos indivíduos, habitantes do povoado, tomados tanto em sua coletividade, quanto em suas individualidades formam a conjuntura da investigação.

O que se faz do agora? Qual o contexto situacional deste fenômeno? Quais reverberações a seca evoca neste lugar e nesta paisagem? Finalmente, quais as atitudes ambientais de coexistência com a seca desenvolvidos no povoado?

As visitas de campo a Cachoeira das Araras, as entrevistas realizadas e as simpáticas conversas cultivadas com os agentes de pesquisa, revelaram um conjunto de atitudes individuais e coletivas reveladoras de situações.

O cuidar especial dos afazeres domésticos preocupados com o reaproveitamento consciente da água utilizada; a relação criada entre o banho, a lavagem de roupas e a limpeza da casa:

– *Utilizamos a água da barragem pra limpeza: lavar roupa, limpar a casa, tomar banho. Tudo é essa água. Mas tem casa que depende da chuva e da pipa (Maria da Conceição, 2017).*

– *A gente sabe o valor que a água tem. Tem coisa que se aprende através da necessidade, né? (Vera, 2017).*

– [...] tem dia certo pra lavar roupa... a gente junta o máximo que pode e usa também por mais vez. A água do banho? (risos) eu tomo banho por cima de uma bacia e depois acomodo nesse balde amarelo que você tá vendo ali... e usa na limpeza do banheiro, da casa toda (Priscila, 2017).

- [...] Só não pode faltar água pra beber, não é? O resto a gente sempre dá jeito. Acostuma ... (Maria da Conceição, 2017).

A separação da água potável em filtros e galões (Figura 27), e a armazenagem da água barrenta e salobra da barragem (Figura 28).

Figura 27: Continentes de água



Fotos: Jéssica Gleizer, 2018.

– Nem todo mundo pega essa água da barragem, porque fica distante e a colocação da bomba é por conta nossa. E nem todo mundo tem condições. O custo é alto. Tem o fio, tem a bomba, tem a encanação, tem tudo isso (Maria da Conceição, 2017).

– O governo fez uma caixa aqui pra encher nas águas. Agora estava seca. O rapaz trouxe água aqui pra mim ontem pra labutar, tomar banho, dar a criação. Mas fui eu que comprei. É 150 a carragem (Maria Vitória, 2017).

– O veinho não tinha nem água pra beber. Eu estou fazendo frete e levando lá. Era dois reais, agora aumentei pra três. São 25 litros cada balde (Carlinhos, 2017) – 35 anos, lavrador.

O pequeno roçado seco – temporariamente improdutivo – cuidado com tanto carinho e estima pelo lavrador; o cultivo de espécies endêmicas para a alimentação das criações; a migração temporária do rebanho bovino para terras vizinhas.

Figura 28: Tanque com água da barragem



Foto: Jéssica Gleizer, 2017.

– *O rapaz ali daquela roça cria umas cabecinha de gado. Mas agora está tudo lá pra perto dos Doze... ele trabalha na fazenda por lá e leva a criação toda vez nessa época [...] outros aqui fazem a mesma coisa. É comum (Antônio, 2017).*

– *Essa época aqui você quase não vê cabeça de gado. Uns vende, uns leva pra outras roça mais lá pra cima. Tem é porco, galinha e muita cabra (risos) (José, 2017) – 33 anos. Lavrador.*

– *Isso aqui? É palma. A gente dá pro gado. Mas eu não tenho gado, não. Eu vendo, sabe? (Aluízio, 2017).*

Figura 29: Plantação de palma e criação de porcos



Fotos: Jéssica Gleizer, 2017.

– *Cachoeira das Araras era produtiva. Local em que você cultivava o próprio mantimento. Hoje a diferença é que a gente não está tendo mais essa cultivação porque o solo já está gasto demais pra começar a trabalhar nele. Começa o trabalho, mas não dá mais. E aí a gente precisa sair da nossa localidade para ir em busca dos mantimentos. Então, quando a gente vai analisando desde a minha infância até agora, eu vejo que mudou muito. Porque a gente costumava trabalhar na zona rural, em roças, no cultivo de feijão, de milho, de abóbora, de melancia, e hoje a gente não tem mais esse cultivo. Até tem pessoas que ainda plantam, mas não dá mais nem o suficiente pro alimento. Então, precisa essa deslocalização para ir em busca do mantimento (Albeí, 2017).*

– *Falta comida. Falta água... e o ser humano vai em busca de onde tem. Porque ele nunca fica com fome (Albeí, 2017).*

Os empregos fixos das empregadas domésticas que só retornam para a casa em final de semana e o trabalho temporário proveniente da construção civil, ambos sediados, em sua maioria, na área urbana de Vitória da Conquista são a principal base do sustento financeiro de muitas famílias do povoado. Esta pendularidade se mostrou um traço bem significativo em nossas conversas. Porém, este laço econômico com outros espaços não diminui a força que o lugar Cachoeira das Araras exerce em seus habitantes.

– *Eu não sei porque gosto de morar aqui. O destino é esse! A vida inteira aqui, desde o nascimento até morrer. Eu não gosto de sair pra canto nenhum. Sair só em um passeio e voltar. Tenho filho que mora em Conquista. Tem que mora em São Paulo. É*

morando, mas é morando que... a casa mesmo deles é essa aqui. É aqui. [...] porque terra dos outros não é morada (Maria Vitória, 2017).

– O nosso lugar é o no nosso próprio local de convivência... ali está o trabalho, ali está a família, e é aonde que a gente pode mudar. Aonde que a gente tem uma oportunidade de mudança, a gente muda ao redor de onde a gente está. Esse é o meu pensar (Albeí, 2017).

Apesar da vulnerabilidade e o risco ocuparem um grande espaço-tempo nas entrevistas. E a manifestação da seca ter aparecido enquanto o fenômeno potencializador das experiências de perigo. É inevitável não notar o amor, a expressão de afetividade e o sentido de permanência em relação ao lugar.

A topofilia, manifestada pelo elo afetivo entre o indivíduo e o lugar aparece “difuso como conceito, vivido e concreto como experiência pessoal [...]” (TUAN, 2012, p. 19).

Figura 30: Algaroba desfolhada

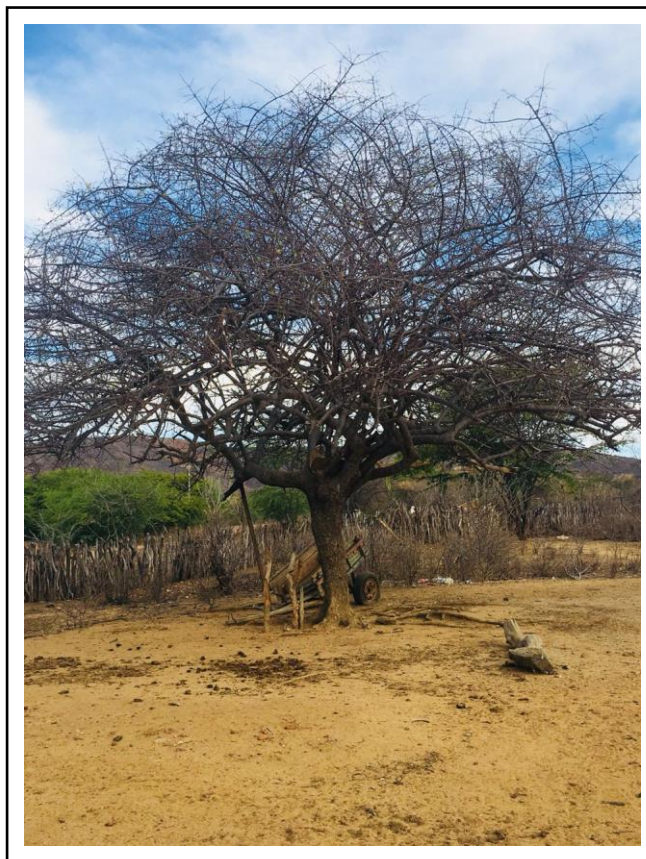


Foto: Jéssica Gleizer, 2017.

– Ah... eu não posso nem te falar, moça... eu nasci e criei aqui. E tou com 51 anos. Nasci e cresci aqui dentro. Eu trabalho em Conquista. Inclusive, eu trabalhei em Conquista quase uns 3 anos na firma lá. Mas aí eu trabalhava lá e pegava o meu caminho e vinha embora todo dia. Mas pra eu morar lá, eu não morava não (Aluízio, 2017).

– Ah, não! Quero ficar aqui mesmo. Meus irmãos moram em São Paulo, mas eu não. Não gosto muito de cidade não (José, 2017).

– Eu não saio daqui não (Guilherme, 2017) – 73 anos, lavrador.

– Não tenho vontade de sair daqui não, porque a gente nasceu e criou aqui, né? A gente vamos viver aqui até o dia que Deus quiser (Antônio, 2017).

– Eu gosto aqui da Cachoeira e nunca pensei em morar em outro lugar (Maria da Conceição, 2017).

– O meu espírito é roca. É morar na roça, eu sou na roça... ir pra São Paulo? Deus não deixa, daqui eu não saio (Magnólia, 2017) – 39 anos, lavradora.

– Não me imagino em outro lugar. Pode ser que chegue um tempo em que a gente pode mudar a ideia, porque as ideias hoje mudam muito. Mas até então, não tenho uma ideia para mudar. E gosto de morar aqui. Tenho a oportunidade de mudanças, mas mudar de lugar? Não. Eu gosto daqui. Prefiro mesmo aqui. A mudança a gente pode fazer aonde que está. Porquê na verdade se a gente disser: “Eu vou sair do meu lugar”, onde a gente viveu tanto tempo para ir para outro lugar, você vai começar a adaptar, e sem uma certeza que vai adaptar (Albeí, 2017).

Todas estas ações e empreendimentos humanos conformam as atitudes ambientais de coexistência com o fenômeno da seca. Este trabalho, essas descrições são fruto de uma Geografia que se revela em ato, em situação, a partir da vida cotidiana e do registro dos fenômenos pela consciência de indivíduos em formato de memórias. O objeto de seu estudo é a percepção da espacialidade existencial de homens e mulheres, justamente a coexistência do Ser com natureza e da natureza do Ser.

As experiências por mim vivenciadas em visitas ao povoado; as características do lugar e suas paisagens; os relatos advindos da memória dos entrevistados e as situações vivenciadas em nosso contato são o fruto deste trabalho. Por hora, aqui está o produto do

esforço de demonstrar os caminhos que foram trilhados e a forma como ocorreu a abertura para aqueles que foram ativados no decorrer deste fazer geográfico.

7 PARA NÃO CONCLUIR

Todo pensamento de algo é ao mesmo tempo consciência de si, na falta do que ele não poderia ter objeto. Na raiz de todas as nossas experiências e de todas as nossas reflexões encontramos então um ser que se reconhece a si mesmo imediatamente [...] (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 496).

Qual a importância do mundo vivido para os estudos de vulnerabilidade e risco ambiental em Geografia? O que o espaço, enquanto categoria de análise, oculta que os estudos sobre o lugar, percepção e experiência são capazes de revelar? A primeira questão busquei contemplar com a própria ação do fazer desta pesquisa. A segunda, poderá ou não, estar descrita nos capítulos deste trabalho.

O fato é que escolhi escrever sobre aquilo que me encantou, mesmo que o seu alcance seja limitado às circunstâncias de meu ser-no-mundo. Ouve um momento em que eu já não poderia mais lançar concentração em um relato morno do visivelmente possível por puro medo de distender o pensamento em direção ao sonhado.

O que trouxe aqui, mais do que resultados de pesquisa, foram passos de um caminho em direção ao abandono de determinados *a priori*. A tentativa foi olhar o objeto tentando se livrar das transcendências, ou da maior parte delas. As páginas que antecedem este pensamento foram fruto do esforço em demonstrar a escolha consciente de um caminho. Consciência despertada desde as primeiras leituras que tratavam da Geografia Humanista, na disciplina Teoria e Método em Geografia, e amadurecidas ao longo das discussões no Grupo Espaço Livre de Pesquisa-Ação e ao longo desse fazer científico.

Esta é apenas uma das possibilidades de se estudar um fenômeno que se quis geograficizado. O conhecimento construído foi fruto da experiência e das ideias que se teve sobre essa experiência. O “resultado” é mais uma reflexão do que propriamente um conjunto de respostas. Mais do que dividir conteúdos, a intenção foi compartilhar os movimentos do pensar e do agir.

O leitor já deve ter notado que este conjunto de palavras não compõem uma mensagem final. É de forma consciente a minha escolha em não retomar os conteúdos e as experiências em um tópico de conclusão ou considerações finais. Afinal, este não é o fim.

De nenhuma forma o que está aqui escrito se encontra em definitivo e muito menos se encerra enquanto trajetória de pesquisa. A minha única certeza é o fato de que todas estas linhas são apenas realidades provisórias. Merleau-Ponty disse certa vez que “a verdadeira filosofia é reaprender a ver o mundo”. É necessário concordar e, no tocante a experiência desta pesquisa, completar dizendo que é necessário reaprender a *ver* a vulnerabilidade e o risco ambiental a partir dos lugares e das pessoas; do mundo vivido; sob outras perspectivas que não aquelas encobertas pelo manto da razão e da ciência pura.

Portanto, penso que o mais significativo aqui foi ato de refletir no processo de pesquisa. Confesso que, para mim, isso por si só, já é resultado de muito valor. É uma dupla visão: olhar para o mundo e para si; para dentro e para fora de sua própria janela. Uma abertura para o ser-aí.

Figura 31: Olhar para fora e para dentro da própria janela



Foto: Jéssica Gleizer, 2018.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Lutiane Q. de. **Riscos ambientais e vulnerabilidades nas cidades brasileiras: conceitos, metodologias e aplicações**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

ALVES, Márcia B. N. **A reafirmação do lugar a partir do conceito de solidariedade geográfica: um estudo de caso de Pradoso**. 2008. 113f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Núcleo de pós-graduação em geografia, Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 2008.

ANEAS DE CASTRO, S. D. “Riesgos y peligros: una visión desde lá Geografía”. **Scripta Nova: Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**. Barcelona, n.60, 15 de mar. 2000. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/sn-60.htm>>. Acesso em: 16 jul de 2017.

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. (Tradução Antônio de Pádua Danesi) São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____. **A poética do espaço**. (Tradução Antonio de Pádua Danesi) São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BERTRAND, Georges. **Paisagem e geografia física global: esboço metodológico**. In: Caderno de Ciências da Terra. Instituto de Geografia da Universidade de São Paulo, n. 13, 1972.

BRASIL. **Política Nacional de Defesa Civil**. Ministério da Integração Nacional – Secretaria Nacional de Defesa Civil, 2007.

CASTRO, Antônio L. C.; CALHEIROS, Lelio B.; CUNHA, Maria I. R. C.; BRINGEL, Maria L. N. C. **Manual de Desastres Naturais** (Vol. I) Brasília, DF: Ministério da Integração Nacional - Secretaria Nacional de Defesa Civil, 2003.

CLAVAL, Paul. A Paisagem dos Geógrafos. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Paisagens, Textos e Identidade**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004, p. 13-74.

CREPANI, Edison. et al. **Sensoriamento Remoto e Geoprocessamento Aplicados ao Zoneamento Ecológico-Econômico e ao Ordenamento Territorial**. São José dos Campos: INPE, 2001.

CUTTER, S. L. **The vulnerability of science and the science of vulnerability**. In: Annals of the Association of American Geographers, v.93, n.1, p.1-12, 2003.

_____. **A ciência da vulnerabilidade: modelos, métodos e indicadores**. In: Revista Crítica de Ciências Sociais, 93, jun., p. 59-69, 2011.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. (Tradução Werther Holzer) São Paulo: Perspectiva, 2015.

DARTIGUES, André. **O que é a fenomenologia?** 3ª Ed. (Tradução de Maria José J. G. de Almeida) São Paulo: Moraes, 1992.

DIAS, Patricia Chame. **Trabalho e lazer na metrópole: lugares e fluxos das diferentes classes sociais na região metropolitana de Salvador.** 2016. 358f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

GIL, Antônio C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 5ª Ed. São Paulo: Atlas, 2006.

GOMES, Willian G. **A entrevista fenomenológica e o estudo da experiência consciente.** In: Psicologia USP, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 305-336, jan. 1997.

GONÇALVES, Neyde M. C. Riscos e vulnerabilidades ambientais: características e perspectivas de abordagem. In: LAGE, Creuza; PROST, Catherine; BRAGA, Hilda (orgs.). **Estratégias ambientais e territoriais.** Salvador: EDUFBA, 2006, p. 65- 84.

GOOGLE MAPS. [**Pradoso, Vitória da Conquista, BA**] [2018]. Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/place/Pradoso,+Vit%C3%B3ria+da+Conquista+-+BA/@-14.9011668,-41.0260912,4215a,35y,55.46h/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0x7461635cc59429b:0x7ac768d6af9806e1!8m2!3d-14.8299692!4d-40.9765287>>. Acesso em: 16 jul de 2018.

GREGORY, Kenneth J. **A natureza da geografia física.** (Tradução Eduardo de A. Navarro) Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo.** (Tradução Márcia Sá Cavalcante) 10ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

HOLZER, Werther. **Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente.** In: Revista Território. Rio de Janeiro, n. 3, ano II, jul./dez., p. 77-85, 1997.

_____. **Um estudo fenomenológico da paisagem e do lugar: a crônica dos viajantes no Brasil no século XVI.** 1998. 257f. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

_____. **O lugar na geografia humanista.** In: Revista Território. Ano IV, n. 7, p. 67-78, jul./dez. 1999.

_____. **Sobre territórios e lugaridades.** In: Revista Cidades. Volume 10, número 17, p. 18-29, 2013.

_____. Mundo e lugar: ensaio de geografia fenomenológica. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia de (Orgs.). **Qual espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia.** São Paulo: Perspectiva, p. 281-304, 2014.

_____. **A geografia humanista. Sua trajetória: 1950-1990.** [livro eletrônico] Londrina, EDUEL, 2016.

HUSSERL, Edmund. **A ideia da fenomenologia.** (Tradução de Artur Morão) Lisboa: Edições 70, 2000.

JESUS, Roberta B. de. **Análise socioambiental do processo produtivo do minério bentonita no distrito de Pradoso: Vitória da Conquista - Ba.** 2012. 141f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

LOWENTHAL, David. **Geography, experience and imagination: towards a geographical epistemology.** In: Association of American Geographers. Washington, Anais... v. 51, n. 3, p. 241-260, 1961.

MAIA, M. R.; FONTES, A. L. **Dinâmica ambiental do Distrito do Pradoso - Vitória da Conquista - Ba.** Scientia Plena, vol. 7, num. 7, p. 1-9, 2011.

MAINGUET, Monique. Les notions d'aridité et de sécheresse dans les écosystèmes secs. In: **L'homme et la secheresse.** Masson, Paris, 1995.

MARANDOLA JR., Eduardo. **Habitar em risco: mobilidade e vulnerabilidade na experiência metropolitana.** 2008. 278f. Tese (Doutorado em Ciências, na área de Análise Ambiental e Dinâmica Territorial) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

_____. Lugar enquanto circunstancialidade. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia de (Orgs.). **Qual espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia.** São Paulo: Perspectiva, p. 227-247, 2014.

MARANDOLA JR., Eduardo; HOGAN, Daniel. J. **Natural hazards: o estudo geográfico dos riscos e perigos.** In: Ambiente & Sociedade. Campinas, ANPPAS, v.7, n.2, jul./dez., p.95-109, 2004a.

_____. **O risco em perspectiva: tendências e abordagens.** In: Geosul. Florianópolis, v. 19, n. 38, jul./dez., p. 25-58, 2004b.

_____. **Vulnerabilidade e riscos: entre a geografia e a demografia.** In: Revista Brasileira de estudos de População. São Paulo, v. 22, n. 1, jan./jun., p. 29-53, 2005.

_____. **As dimensões da vulnerabilidade.** In: São Paulo em Perspectiva, v.20, n.1, p. 33-43, 2006.

MARANDOLA JR., Eduardo; SANTOS, Francine. M. **Percepção dos perigos ambientais urbanos e os efeitos de lugar na relação população-ambiente.** In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 17, 2010, Caxambu. Anais... Belo Horizonte: ABEP, 2010.

MARANDOLA JR., Eduardo; FERREIRA, Yoshiya N. Risco e cultura para uma ética ambiental. In: SALVI, Rosana F; MARANDOLA JR., Eduardo (Org.). **Geografia e interfaces de conhecimento debates contemporâneos sobre ciência, cultura e ambiente.** Londrina, Eduel, p. 119-131, 2011.

MARINHO, Samarone C. **Um homem, um lugar: Geografia da vida e Perspectiva ontológica.** 2010. 335f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

MELLO, Elomar Figueira. **Cantiga de amigo** [1980]. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/elomar-figueira-de-melo/cantiga-de-amigo.html>>. Acesso em: 02 mar 2017.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 4. Ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

MONTEIRO, Carlos. A. de F.; MENDONÇA, Francisco. (Org.). **Clima urbano**. São Paulo: Contexto, 2009.

PIDNER, Flora S. **Geo-foto-grafia das paisagens: narrativas espaciais nas imagens de Sebastião Salgado**. 2017. 327f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

QUIRINO, Jessier. **Paisagem de interior** [2004]. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/jessier-quirino/718316/>>. Acesso em: 02 mar 2017.

RANIERI, Leandro P.; BARREIRA, Cristiano R. A. **A entrevista fenomenológica**. In: IV Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos – pesquisa qualitativa: rigor em questão, 2010, Rio Claro. Anais [do] IV Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos, realizado na UNESP - Rio Claro, p. 1 - 8, 2010.

RELPH, Edward. C. **As bases fenomenológicas da geografia**. In: Geografia, Rio Claro, v. 4, nº 7, pp. 1-25, 1979.

ROSS, Jurandy L. S. **O registro cartográfico dos fatos geomorfológicos e a questão da taxonomia do relevo**. Revista do Departamento de Geografia, USP, São Paulo, v.6, p.17-29, 1994.

SEEMANN, Jörn. Tradições humanistas na cartografia e a poética dos mapas. In: HOLZER, Werther; MARANDOLA JR, Eduardo; DE OLIVEIRA, Livia (Org.). **Qual espaço do lugar?** São Paulo: Perspectiva, p. 69-91, 2014.

SERPA, Angelo. **Percepção e fenomenologia: em busca de um método humanístico para estudos e intervenções do/no lugar**. In: Olam – Ciência & Tecnologia, Rio Claro, nº 2, v. 1, p. 29-61, 2001.

_____. **O trabalho de campo em Geografia: Uma abordagem teórico-metodológica**. In: Boletim Paulista de Geografia, v. 84, p. 7-24, 2006.

_____. **Parâmetros para a construção de uma crítica dialético-fenomenológica da paisagem contemporânea**. In: Revista Formação, nº 14, v. 2 Presidente Prudente: UNESP, 2007.

_____. **Paisagem, lugar e região: perspectivas teórico-metodológicas para uma geografia humana dos espaços vividos**. In: GEOUSP – espaço e tempo, São Paulo, nº 33, p. 168- 185, 2013.

_____. **Fenomenologia transcendental como fundamento de uma fenomenologia da paisagem: notas sobre um exercício prático de redução fenomenológica**. In: Geograficidade, Niterói, n.1, v.6, p. 18-30, 2016a.

_____. [Teoria e Método em Geografia]. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2016b. Não paginado. Não publicado. Notas de aula.

SIANI, Sergio R.; CORREA, Dalila A.; CASAS, Alexandre L. Las. **Fenomenologia, método fenomenológico e pesquisa empírica: o instigante universo da construção de conhecimento esquadrihada na experiência de vida**. In: Revista de Administração da UNIMEP. v.14, n.1, Janeiro/Abril – 2016

SOUZA, Lucas B.; ZANELLA, Maria E. **Percepção de riscos ambientais: teoria e aplicações**. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

TRICART, Jean. **O campo na dialética da geografia**. In: Revista do Departamento de Geografia, USP, v. 19, p. 104-110, 2006.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. (Tradução Lívia de Oliveira) Londrina: Eduel, 2012.

_____. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. (Tradução Lívia de Oliveira) Londrina: Eduel, 2013.

VAZ, Caroline B. N. **Os sertões pelos sertanejos: identidade, representação e regionalização nos territórios de identidade sertão produtivo e sertão do São Francisco**. 2016. 212f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

VEYRET, Yvette (org.). **Os riscos: o homem como agressor e vítima do meio ambiente**. (Tradução Dílson F. da Cruz) São Paulo: Contexto, 2007.

WHITE, Gilbert F.; KATES, Robert W.; BURTON, Ian. **Knowing better and losing even more: the use of knowledge in hazards management**. In: Environmental Hazards, v. 3, n. 3-4, set./dez., p. 81-92, 2001.

WRIGHT, John K. **Terrae incognitae: o lugar da imaginação na geografia**. In: Geograficidade, v.4, n.2, p. 4-18, Inverno 2014.

Entrevistas

ALBEÍ. Integrante do Conselho Comunitário de Saúde, 40 anos. Entrevista [7 de outubro de 2017]. Entrevistadora: Jéssica de Andrade Gleizer. Cachoeira das Araras, 2017. 1 arquivo sonoro Wave (44:14 min). Transcrição 22 p. Entrevista concedida à dissertação: Abordagem fenomenológica da seca: experiências de vulnerabilidade e atitudes ambientais no povoado de Cachoeira das Araras, Vitória da Conquista – BA.

ALUÍZIO. Lavrador, 51 anos. Entrevista [23 de setembro de 2017]. Entrevistadora: Jéssica de Andrade Gleizer. Cachoeira das Araras, 2017. 1 arquivo sonoro Wave (37:46 min). Transcrição 15 p. Entrevista concedida à dissertação: Abordagem fenomenológica

da seca: experiências de vulnerabilidade e atitudes ambientais no povoado de Cachoeira das Araras, Vitória da Conquista – BA.

ANTÔNIO. Lavrador e presidente da Associação de Moradores do povoado de Cachoeira das Araras, 73 anos. Entrevista [23 de setembro de 2017]. Entrevistadora: Jéssica de Andrade Gleizer. Cachoeira das Araras, 2017. 1 arquivo sonoro Wave (34:34 min). Transcrição 14 p. Entrevista concedida à dissertação: Abordagem fenomenológica da seca: experiências de vulnerabilidade e atitudes ambientais no povoado de Cachoeira das Araras, Vitória da Conquista – BA.

ARTHUR. Lavrador, 69 anos. Entrevista [23 de setembro de 2017]. Entrevistadora: Jéssica de Andrade Gleizer. Cachoeira das Araras, 2017. 1 arquivo sonoro Wave (18:20min). Transcrição 8 p. Entrevista concedida à dissertação: Abordagem fenomenológica da seca: experiências de vulnerabilidade e atitudes ambientais no povoado de Cachoeira das Araras, Vitória da Conquista – BA.

CARLINHOS. Lavrador, 35 anos. Entrevista [23 de setembro de 2017]. Entrevistadora: Jéssica de Andrade Gleizer. Cachoeira das Araras, 2017. 1 arquivo sonoro Wave (15:08 min) 6 p. Entrevista concedida à dissertação: Abordagem fenomenológica da seca: experiências de vulnerabilidade e atitudes ambientais no povoado de Cachoeira das Araras, Vitória da Conquista – BA.

GILSON. trabalha com vendas e música, 32 anos. Entrevista [7 de outubro de 2017]. Entrevistadora: Jéssica de Andrade Gleizer. Cachoeira das Araras, 2017. 1 arquivo sonoro Wave (45:20 min). Transcrição 25p. Entrevista concedida à dissertação: Abordagem fenomenológica da seca: experiências de vulnerabilidade e atitudes ambientais no povoado de Cachoeira das Araras, Vitória da Conquista – BA.

GUILHERME. Lavrador, 73 anos. Entrevista [7 de outubro de 2017]. Entrevistadora: Jéssica de Andrade Gleizer. Cachoeira das Araras, 2017. 1 arquivo sonoro Wave (45:20 min). Transcrição 25p. Entrevista concedida à dissertação: Abordagem fenomenológica da seca: experiências de vulnerabilidade e atitudes ambientais no povoado de Cachoeira das Araras, Vitória da Conquista – BA.

JESUÍNO. Pedreiro, 48 anos. Entrevista [23 de setembro de 2017]. Entrevistadora: Jéssica de Andrade Gleizer. Cachoeira das Araras, 2017. 1 arquivo sonoro Wave (20:15 min). Transcrição 9 p. Entrevista concedida à dissertação: Abordagem fenomenológica da seca: experiências de vulnerabilidade e atitudes ambientais no povoado de Cachoeira das Araras, Vitória da Conquista – BA.

JOAQUIM. Lavrador, 46 anos. Entrevista [23 de setembro de 2017]. Entrevistadora: Jéssica de Andrade Gleizer. Cachoeira das Araras, 2017. 1 arquivo sonoro Wave (25:14 min). Transcrição 12 p. Entrevista concedida à dissertação: Abordagem fenomenológica da seca: experiências de vulnerabilidade e atitudes ambientais no povoado de Cachoeira das Araras, Vitória da Conquista – BA.

JOSÉ. Lavrador, 33 anos. Entrevista [7 de outubro de 2017]. Entrevistadora: Jéssica de Andrade Gleizer. Cachoeira das Araras, 2017. 1 arquivo sonoro Wave (15:34 min). Transcrição 6 p. Entrevista concedida à dissertação: Abordagem fenomenológica da seca:

experiências de vulnerabilidade e atitudes ambientais no povoado de Cachoeira das Araras, Vitória da Conquista – BA.

MAGNÓLIA. Lavradora, 39 anos. Entrevista [23 de setembro de 2017]. Entrevistadora: Jéssica de Andrade Gleizer. Cachoeira das Araras, 2017. 1 arquivo sonoro Wave (15:19 min). Transcrição 5 p. Entrevista concedida à dissertação: Abordagem fenomenológica da seca: experiências de vulnerabilidade e atitudes ambientais no povoado de Cachoeira das Araras, Vitória da Conquista – BA.

MARIA DA CONCEIÇÃO. Integrante do Conselho Comunitário de Saúde, 41 anos. Entrevista [23 de setembro de 2017; 7 de outubro de 2017]. Entrevistadora: Jéssica de Andrade Gleizer. Cachoeira das Araras, 2017. 2 arquivos sonoros Wave (19:55 min). Transcrição 8 p. Entrevista concedida à dissertação: Abordagem fenomenológica da seca: experiências de vulnerabilidade e atitudes ambientais no povoado de Cachoeira das Araras, Vitória da Conquista – BA.

MARIA VITÓRIA. Lavradora, 90 anos. Entrevista [7 de outubro de 2017; 7 de outubro de 2017]. Entrevistadora: Jéssica de Andrade Gleizer. Cachoeira das Araras, 2017. 2 arquivos sonoros Wave (32:35 min) 12 p. Entrevista concedida à dissertação: Abordagem fenomenológica da seca: experiências de vulnerabilidade e atitudes ambientais no povoado de Cachoeira das Araras, Vitória da Conquista – BA.

PRISCILA. Estudante, 16 anos. Entrevista [7 de outubro de 2017]. Entrevistadora: Jéssica de Andrade Gleizer. Cachoeira das Araras, 2017. 1 arquivo sonoro Wave (20:14 min). Transcrição 8 p. Entrevista concedida à dissertação: Abordagem fenomenológica da seca: experiências de vulnerabilidade e atitudes ambientais no povoado de Cachoeira das Araras, Vitória da Conquista – BA.

ROSEANE. Estudante, 19 anos. Entrevista [7 de outubro de 2017]. Entrevistadora: Jéssica de Andrade Gleizer. Cachoeira das Araras, 2017. 1 arquivo sonoro Wave (34:20 min). Transcrição 14 p. Entrevista concedida à dissertação: Abordagem fenomenológica da seca: experiências de vulnerabilidade e atitudes ambientais no povoado de Cachoeira das Araras, Vitória da Conquista – BA.

VERA. Empregada doméstica e dona de casa, 38 anos. Entrevista [23 de setembro de 2017; 7 de outubro de 2017]. Entrevistadora: Jéssica de Andrade Gleizer. Cachoeira das Araras, 2017. 2 arquivos sonoros Wave (40:03 min; 27:43 min). Transcrição 37 p. Entrevistas concedida à dissertação: Abordagem fenomenológica da seca: experiências de vulnerabilidade e atitudes ambientais no povoado de Cachoeira das Araras, Vitória da Conquista – BA.

APÊNDICES

Apêndice 1.a

Roteiro utilizado durante a primeira realização de entrevistas com os habitantes do Povoado de Cachoeira das Araras - BA

BLOCO I

1. Nome. Idade. Profissão.
2. Você pode enumerar algumas coisas/elementos que compõe a paisagem que estamos vendo agora?
3. (Solicitar que o entrevistado conjugue a cada elemento descrito da paisagem uma sensação/sentimento).
4. Você mora aqui em Cachoeira das Araras? Há quanto tempo?
5. Você gosta de morar aqui? Por quê? Se não gosta, qual a razão?
6. Você moraria em outro lugar? Qual?
7. Conheço muito pouco do povoado, o que você me diz sobre este lugar?
8. Cachoeira das Araras tem elementos marcantes? Quais?

BLOCO II

9. A ausência da água afeta as suas atividades cotidianas? Como?
10. Em relação ao seu contato com a natureza, para você, o que é estar em risco?
11. Você se sente vulnerável aqui no povoado?
12. Pela sua experiência, qual lugar ou lugares de Cachoeira das Araras te oferece risco?
13. E qual o lugar onde se sente mais seguro?

14. Existe algum acontecimento perigoso que gostaria de relatar?
15. Em que época do ano o povoado se apresenta mais perigoso?
16. Para você, os riscos se modificam, se acentuando ou diminuindo, ao longo do ano?
17. Para você, a chuva aumenta ou diminui os riscos?

BLOCO III

18. Abastecimento de água.
19. Acesso a água potável.

Apêndice 1.b

Roteiro para a construção do mapa mental

Proposta de indicações para a elaboração do mapa mental com habitantes do Pradoso

1. Poderá ocorrer logo a após a situação de entrevista ou em outro momento oportuno;
2. A proposta é a de que os mapas sejam desenhados a mão livre;
3. Será oferecido, *a priori*, folhas de papel ofício, em tamanho A4, e canetas coloridas;
4. Outros materiais que se façam presentes no momento poderão ser utilizados, se o entrevistado assim o desejar;
5. Será solicitado ao entrevistado que desenhe um mapa que represente o povoado de Cachoeira das Araras;
6. Indicações: - Lugares importantes;
 - Presença/ausência de água e suas alternâncias;
 - Paisagens de risco.